



João Miguel Marques Simões

PENACOVA EM MOVIMENTO

Um estudo de caso para a política cultural municipal

Relatório de Estágio no âmbito de Mestrado em Estudos Artísticos, orientado pelo Doutor Paulo Estudante e co-orientado pela Dra. Paula Silva, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Montagem da capa: Carolina Rodrigues

Fotografias utilizadas:

Vista de Penacova a partir do Penedo do Castro¹

Moinhos de Gavinhos²

Mosteiro de Lorvão³

¹ [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Penacova_\(10249068194\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Penacova_(10249068194).jpg)

² <http://centrosdetrailrunning.com/GaleriaV2Detalhe.aspx?centro=penacova&id=2>

³ http://efa_2014.blogs.sapo.pt/2014/07/

Faculdade de Letras

PENACOVA EM MOVIMENTO

Um estudo de caso para a política cultural municipal

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	PENACOVA EM MOVIMENTO – Um estudo de caso para a política cultural municipal
Autor/a	João Miguel Marques Simões
Orientador/a	Doutor Paulo Estudante
Coorientador/a	Dra. Paula Silva
Júri	Presidente: Doutor Sérgio Emanuel Dias Branco Vogais: 1. Doutor José António Pereira Nunes Abreu 2. Doutor Paulo Eugénio Estudante Dias Moreira
Identificação do Curso	2º Ciclo em Estudos Artísticos
Área científica	Estudos Artísticos
Data da defesa	13-7-2017
Classificação	17 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O presente texto está consoante as normas de ortografia anteriores ao acordo ortográfico de 1990.

Aos meus pais, pelo apoio.

Ao meu orientador, Paulo Estudante, pela constante valorização.

Agradeço a todos os que contribuíram para a realização deste trabalho, especialmente: aos meus pais; ao professor Paulo Estudante; à orientadora local Paula Silva; Luís Manuel Silva e Grupo Etnográfico de Lorvão; Rosa Henriques; Patrick Caldwell; Francisco Alexandre; Filipe Araújo e Sara Ribeiro.

RESUMO

O presente relatório de estágio diz respeito ao trabalho, com duração de um ano, entre 2014 e 2015, em que me dividi entre tarefas de gestão cultural, leccionamento de aulas de música e investigação de carácter histórico na Câmara Municipal de Penacova.

Este trabalho realiza-se em três momentos fundamentais. Primeiramente faremos uma breve leitura crítica dos conceitos de cultura e arte enquanto expressão privilegiada da mesma, de modo a enquadrarmo-nos nas noções das quais entendemos dever ser portador quem tem a responsabilidade de tomar decisões que influenciam a realidade cultural. Prossegue depois para uma reflexão sobre a prática política, numa lógica de afinamento que vai desde uma contextualização internacional, passando pela administração central a nível nacional, culminando na concretização local. Por outro lado, estabelece-se também uma lógica cronológica em que a evolução da acção política vai progressivamente incluindo as noções teóricas fundamentais que enunciei, instituindo-as como pressupostos em que se baseia a ideia actual para o nosso desenvolvimento enquanto sociedade. Estas duas vertentes indissociáveis, co-relacionam-se continuamente ao longo do texto. Por último, num terceiro momento, associo todo este conhecimento à prática das actividades que levei a cabo, juntamente com uma exposição das mesmas. Neste contexto, faz-se especial referência a um trabalho de investigação relativo ao património imaterial de Lorvão, vila do concelho de Penacova, inserido nos objectivos para a protecção do legado local.

Palavras-chave: Cultura; Política cultural; Indústria Cultural; Penacova; Mosteiro de Lorvão

ABSTRACT

This internship report concerns my work over the course of one year, between 2014 and 2015, in which I was involved in cultural management tasks, music teaching and historical research in the Municipality of Penacova.

This study has been developed in three fundamental stages. It begins with a brief critical look at the concepts of culture and of art as its prime expression, in order to contextualise the notions that should inform those responsible for making decisions which influence the cultural reality. It then focuses on political practice, using a bottleneck logic that moves from the international context to the national administration at national level, and culminates in local implementation. In addition, a chronological logic is established in which the evolution of political action progressively includes the aforementioned fundamental theoretical notions, introducing them as presuppositions on which the current idea for our development as a society is based. These two inseparable strands are interrelated throughout the text. Finally, this knowledge is linked to the activities in which I was engaged, together with a commentary on them. In this context, special reference is made to a research project on the intangible heritage of Lorvão, a town in the municipality of Penacova, one of the objectives established for the protection of the local legacy.

Keywords: Culture; Cultural politics; Cultural industry; Penacova; Monastery of Lorvão

INDICE

INTRODUÇÃO GERAL.....	1
PARTE I.....	3
INDÚSTRIA CULTURAL E POLÍTICAS CULTURAIS.....	3
1. BREVES NOTAS EM TORNO DA NOÇÃO DE CULTURA.....	3
2. BREVES NOTAS EM TORNO DA NOÇÃO DE ARTE	8
Arte contemporânea.....	11
Argumentos etológicos	12
Cultura, arte e relação com o objecto de estudo das políticas culturais.....	14
3. AS INDÚSTRIAS CULTURAIS E CRIATIVAS	16
Síntese Cultura – Arte - Indústrias Culturais.....	21
4. POLÍTICAS CULTURAIS.....	23
Âmbito das políticas culturais	24
Abordagens teóricas.....	28
Panorama cultural internacional - retrospectiva histórica.....	31
Antes da Europa.....	33
Enquadramento Europeu.....	34
Eixos de acção europeus.....	36
Política Cultural Nacional.....	40
Política Cultural Local	47
PARTE II.....	54
POLÍTICA CULTURAL EM PENACOVA - ESTÁGIO.....	54
5. A VILA DE PENACOVA.....	54
6. RELATÓRIO DE ACTIVIDADES.....	58
Contexto do estágio.....	58
Programação e participação em actividades culturais.....	60
Apoio na biblioteca	61
Desfile "Vestidos de Chita".....	62
Dia da Música	62
Proposta estratégica e ponto de situação.....	63
Programação para o auditório municipal	65
Grupo de Fados "Pontes Sobre o Mondego"	66
Banda "Casino Royal".....	66
Ricardo Grácio / Há música na aldeia.....	67
Teatro: “As lavadeiras”	67
Iuri Chiforisin Trio.....	67

"À Direita de Deus Pai"	68
Eventos culturais fora do espaço do Auditório Municipal.....	68
"De como colher um universo" - Exposição de fotografia de Ricardo Grácio.....	70
Actividades para públicos específicos	71
Actividades para crianças.....	71
Actividades para idosos	72
Outras actividades.....	72
Leccionamento de aulas de música na Escola de Artes de Penacova	73
7. "MEMÓRIAS DE PENACOVA" - LEVANTAMENTO HISTÓRICO	77
Acerca do projecto "Memórias de Penacova"	77
Breve contexto histórico de Lorvão.....	78
Enquadramento e metodologia.....	81
Património imaterial de Lorvão	84
O que ficou por fazer	89
CONCLUSÕES GERAIS.....	91
Relação com os conceitos teóricos.....	91
Edifício cultural como espaço público.....	92
Relações inter e intra-municipais	93
Património e Turismo	94
Articulação com a educação.....	96
Programação Cultural.....	97
Falta de Critérios de Formação	98
Novas Tecnologias	98
Análise de Relatórios de Contas	99
Balanço geral e experiência pessoal	102
BIBLIOGRAFIA	105
ANEXOS.....	110
ANEXO 1 – Discriminação de actividades incluídas no sector cultural e criativo.....	111
ANEXO 2 – Dados complementares da despesa dos municípios com a cultura (em percentagem do orçamento e incluindo o sector desportivo).....	112
ANEXO 3 – Fotografias do local do estágio	113
ANEXO 4 – Colóquio “Lorvão: Memória e Tradição”	116
ANEXO 5 – Alguns cânticos do Cancioneiro de Lorvão	117

INDICE DE GRAFICOS

Gráfico 1 – Despesa da administração central com a cultura	43
Gráfico 2 – Despesa municipal com a cultura, por sector, em 2014	48
Gráfico 3 – Despesa da administração local com a cultura (em valor absoluto)	49
Gráfico 4 – Evolução do investimento na cultura em Penacova	100

INDICE DE IMAGENS

Imagem 1 – Edifício principal da Câmara Municipal de Penacova e Largo Alberto Leitão	54
Imagem 2 – Sala da biblioteca	61
Imagem 3 – Auditório Municipal	65
Imagem 4 – Inauguração da exposição “De como colher um universo”	70
Imagem 5 – Apresentação do livro de Ana Maria Magalhães	70
Imagem 6 – Lançamento do livro de José Alberto Carvalho	74

INDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Âmbito das políticas culturais	25
Quadro 2 – Comparação de âmbitos das políticas culturais	27

LISTA DE ACRÓNIMOS

CMP - Câmara Municipal de Penacova

EAP - Escola de Artes de Penacova

IC - Indústrias Culturais

ICSUL - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

INE - Instituto Nacional de Estatística

ISUP - Instituto de Sociologia da Universidade do Porto

MC - Ministério da Cultura

OAC - Observatório das Actividades Culturais

ONU - Organização das Nações Unidas

PDR - Plano de Desenvolvimento Regional

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

UE - União Europeia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

INTRODUÇÃO GERAL

O presente relatório é relativo à frequência de um estágio no Centro Cultural de Penacova, entre Agosto de 2014 e Setembro de 2015, onde desempenhei várias funções ligadas à cultura, de salientar: programação cultural / apoio a eventos culturais; leccionamento de aulas de música; levantamento histórico-cultural.

Para a elaboração deste relatório, empreendi num estudo teórico das políticas culturais e assuntos directamente relacionados como o conceito de cultura, arte e indústrias culturais. Dou uma ênfase especial, no contexto da abordagem às políticas culturais, ao estado das indústrias culturais, que relaciono com o estado geral da organização social responsável por uma degradação de conteúdos em função do modelo de liberalismo económico. Uma proposta para a resolução de problemas de fundo seria objecto de uma reflexão mais alargada, contudo aponto o que entendo como falhas ou carências do sistema, bem como ensaio a ideia de um maior intervencionismo político e, por consequente, de restrições ao liberalismo.

O ponto em que desemboca o postulado teórico deste trabalho são as políticas culturais e a sua aplicação prática no caso concreto do estágio que efectuei em Penacova. Considerarei necessário fazer um percurso teórico que começa numa abordagem da noção de cultura e da arte enquanto elemento central da mesma, conceitos bastante presentes na área de estudos em que empreendi, Estudos Artísticos. Prossegue dando um relevo especial ao determinismo das indústrias culturais na evolução da sociedade contemporânea, traçando uma crítica de fundo que pretendo deixar clara, antes de, assinalada esta realidade, assumir a dificuldade de mudança de paradigma face ao peso esmagador da globalização. Não quero portanto entrar num discurso circular, de permanente confrontação conducente à mesma essência, mas sim, um discurso que propõe a acção possível em cada contexto, tendo em conta este esclarecimento precedente. Descreve-se o que se tem feito a nível nacional e internacional no seio da administração cultural, sempre que possível articulando uma visão acerca do que poderia ser usado para melhorar a mesma ou colmatar as suas falhas ou maus resultados. Chegamos, por fim, a uma análise das especificidades das políticas culturais locais.

Na sua parte prática, este relatório procura relacionar os conceitos teóricos com o que foi observado na experiência em Penacova, comprovar a aplicação de medidas, sua eficácia e aspectos positivos e negativos. Ao mesmo tempo, é feito um relatório de actividades do

estágio que se efectuou ligadas à gestão cultural, ao leccionamento de aulas e ao trabalho de investigação que a seguir se refere.

Na última parte, descreve-se a experiência de contacto com documentos históricos relativos ao folclore lorvanense. Detemo-nos num trabalho que abrangeu todo o meu estágio e que representou uma grande parte do seu tempo total. Trata-se de uma análise de fontes documentais relativas ao folclore de Lorvão, vila do concelho de Penacova, e que acabou por me levar a uma investigação histórica no sentido de melhor compreender e categorizar o conteúdo desses documentos. Faço acerca do lugar de Lorvão, cujo mosteiro é incontornável no seu impacto na história de Portugal, uma pequena resenha histórica.

Ainda no contexto do referido levantamento, o empreendi numa compilação inédita de cantares Lorvanenses que compilei num documento a que chamei "Cancioneiro de Lorvão" e que poderá ser um primeiro passo no sentido de elaborar um cancioneiro oficial que compile as tradições do local, para o qual seria requerida uma investigação mais aprofundada e mais documentada. Esse documento assume uma forma provisória, portanto, e encontram-se algumas das suas recolhas anexadas a este relatório, como testemunho do meu trabalho e do seu conteúdo.

Este texto é também uma síntese e aplicação prática do conhecimento que adquiri ao longo do curso de mestrado. Tomei contacto com várias disciplinas relacionadas com a prática e o pensamento teórico artísticos. Especificamente, no plano de estudos em que empreendi, obtive formação em áreas que se procurei serem diversificadas, escolhendo cadeiras dos vários ramos de música, teatro e cinema, para além das disciplinas transversais que nos introduziram a conceitos tanto práticos, como do pensamento teórico ligado às artes. Assim, procurei chegar a uma visão o mais plural e multidisciplinar possível das várias formas que assume a expressão do abstracto que há em nós e de que maneira ele se concretiza em ideias e esquematizações do possível em cada espaço e em cada era.

Este conhecimento atinge, neste momento, o seu culminar no patamar a que me fez ascender o curso de mestrado em Estudos Artísticos. Este patamar será, daqui em diante, o sopé de uma montanha em que estarei agora apto a empreender nas escaladas pessoais do conhecimento futuras. E infinitas e maleáveis são as cordilheiras do saber.

PARTE I

INDÚSTRIA CULTURAL E POLÍTICAS CULTURAIS

1. BREVES NOTAS EM TORNO DA NOÇÃO DE CULTURA

A cultura tem tanto de abrangente quanto o próprio ser humano enquanto ser social. Identificamos nela os pontos mais relevantes quando queremos definir uma sociedade enquanto "cultura" de um determinado espaço ou tempo. Tudo é passível de ser observado "enquanto" cultura. "Presos" então a este ponto de vista cultural, esboçaremos a visão que se nos depara tão abrangente e limitada quanto o nosso conhecimento acerca da actividade humana.

A noção de cultura foi pela primeira vez proposta, num contexto antropológico, por Edward Taylor. Esta consiste num conjunto de signos que, num determinado tempo e espaço, define um modo de viver colectivo humano. (Tylor, 1920) Outros autores consideraram uma versão mais ou menos circunscrita do conceito ou com mais ou menos ênfase nos argumentos da sua área científica. Clifford Geertz, por exemplo, considera a cultura somente como uma rede semiótica, fazendo por circunscrever ao máximo o termo o que, para ele, tem mais utilidade científica. (Geertz, 1989) Kroeber and Kluckhohn elaboraram um trabalho exaustivo em que expuseram várias abordagens à cultura tendo em conta os pontos de vista mais específicos de disciplinas como a psicologia, a filosofia, a antropologia, etc., que dão diferentes tónicas ao conceito, por exemplo, ao aspecto comportamental, ao de organização social ou da simbologia. À medida que vão apresentando os argumentos de outros autores, vão expondo o seu comentário aos mesmos. (Kroeber & Kluckhohn, 1952) Acerca destas ênfases dadas por várias disciplinas, constatamos, ainda a título de exemplo, que Laraia dá uma ênfase antropológica, colocando o conceito ao serviço da evolução, comparação e história das civilizações humanas. (Laraia, 2001) Ainda outro exemplo, com uma visão mais influenciada pela área das ciências políticas, é o que está patente num artigo de Eduardo Henriques. (Henriques, 2002)

A visão que partilharemos aqui é a de que a cultura é tudo o que nos rodeia e que resulta da interacção do Homem enquanto ser social. Não existe uma cultura num só

indivíduo senão observado segundo o determinismo do colectivo. Como a mais insignificante forma de comportamento, o mais pequeno objecto ou a mais circunscrita forma de organização encerra em si um significado semiótico desse colectivo, tudo pode ser um espelho de uma determinada "cultura". Daremos alguns exemplos apenas para ilustrar a multiplicidade deste conceito. São frequentemente avançados exemplos de cultura como sendo o conjunto formado pelos costumes, moral, religião, desporto, conhecimento, ciência ou avanços tecnológicos de determinado tempo ou espaço, (Tylor, 1920, p. 17) (Markusen & Markusen, 2009, pp. 9, 33) (Kroeber & Kluckhohn, 1952, p. 34) mas decorrendo do conceito em si, poderemos ir mais longe nesta ilustração. O mais pequeno gesto ou objecto podem significar cultura, sendo que, em última instância, quase tudo pode ser visto como sendo característico de determinado tempo ou espaço. A entoação que utilizamos ao nos exprimirmos, o modo de comer (gestualmente, ritualmente, o tipo de alimentação), como socializamos, a forma de vestir, gostos e interesses em voga, modas, rotinas, tudo isso é cultura. Ela está no modo de fabrico dos mais diversos objectos, desde a construção de estruturas arquitectónicas até à concepção de artefactos, em relação à técnica que é utilizada, sua estética e sua ornamentação, até os materiais utilizados podem ser característicos de um determinado tempo e espaço. Cultura é a estética de tudo o que se faz, as várias formas de preenchimento das necessidades espirituais, etc.. É também a contracultura, ou seja, as correntes de contestação que se geram e que influenciam a mesma, bem com a criatividade inerente a uma forma de pensar aparte da sociedade, que vai ganhando adeptos e eventualmente venha a tornar-se a própria corrente de pensamento *mainstream*.

Analisando etimologicamente o termo "cultura", poderemos constatar as suas origens no termo "agricultura", no sentido de cuidar, preservar, fazer crescer. Evoluiu num sentido mais metafórico (como de resto acontece em outras palavras) sendo utilizado para definir "cuidares" menos físicos. Daí foi assumindo significados cada vez menos relacionados com o "cuidar" tendendo mais para a natureza humana cultivada, até chegar ao significado civilizacional que é sintetizado formalmente por Taylor, pela primeira vez, no seu trabalho "Primitive Culture". (Williams, 1985, pp. 87-93)

Na linguagem comum, cultura é alvo de várias extrapolações do significado desta palavra, ou faz uso parcial do seu significado. Utilizamo-la como sinónimo de conhecimento em geral ou designando como "cultua" uma pessoa com um grau de conhecimento notável, ou seja, quem apreendeu bastantes aspectos da sua e de outras culturas. Decorrente da sua raiz etimológica também encerra um significado, que se torna literal, por exemplo na ciência,

quando falamos de cultura ligada ao crescimento biológico - cultura de bactérias, cultura de batatas, etc.. Também falamos, em linguagem comum, nas "culturas" de diferentes povos em diferentes eras, embora provavelmente não tenhamos em consideração toda a abrangência de significado que isso pode representar. (Kroeber & Kluckhohn, 1952)

Para além dos significados para o termo já apresentados, os mais abrangentes, os mais restritos e o da linguagem mais comum, existe um outro, no contexto político. Cultura, nesse âmbito, significa a vertente da gestão política, que se definiu por conveniência e segundo certos critérios, ligada às formas de expressão e ao que é característico e deve ser protegido enquanto identidade de um povo. Ora, como referimos, tudo pode ser retratado enquanto veiculando a imagem característica de um povo, sendo assim, como circunscrever a área de acção das políticas culturais? É uma problemática sobre a qual a ciência política se debruça e que decorre das várias definições de cultura.

Torna-se agora pertinente uma primeira referência à história da evolução da preocupação política pelo aspecto cultural civilizacional. Houve uma evolução, de certo modo díspar, que se veio a associar, entre o que se foi desenvolvendo como conceito sociológico de cultura e a história da preocupação dos governos por proporcionar meios ao serviço do conhecimento. Falamos no que veio a culminar no modelo Ocidental, especificamente o europeu. Abordagens como a dos EUA ao sector são mais liberais e menos interventivas, baseando-se os apoios à cultura mais no mecenato. (Henriques, 2002)

Os testemunhos desta preocupação remontam ao século XVII, com a construção das primeiras bibliotecas públicas, teatros e museus nacionais. Só no século XIX, assistimos a uma preocupação com a preservação do património e conseqüente saída dos primeiros decretos-lei nesse sentido. No entanto, nestes tempos mais recuados, havia uma associação da cultura como conteúdos para elites, ligada até a uma divisão estratificada da sociedade. (Henriques, 2002) (Matarasso & Landry, 1999, p. 14)

A literatura indica como marco para o desenvolvimento do conceito de cultura mais actual a publicação de Taylor de 1871, bem como uma maior aceitação do termo fora do âmbito académico numa primeira aparição do termo no Webster's New International Dictionary em 1929. (Kroeber & Kluckhohn, 1952, p. 33) Foi após o *terminus* da II Grande Guerra que está documentado um substancial aumento no investimento na cultura, desta feita pela ideia de que a mesma estaria ligada a um processo civilizador e que contribuiria deste modo para a construção de uma sociedade mais pacífica e justa no futuro. (Henriques, 2002)

No entanto, o dispêndio de recursos com o sector e o agravamento da situação económica na Europa, a partir dos anos 60, levou a que se questionasse este modelo de investimento, chegando mesmo a ressurgir as antigas questões com uma visão mais elitista da cultura. (Henriques, 2002) A relação nos moldes mais actuais com este sector, só se veio a cimentar ultrapassada esta crise, considerando o estudo mais alargado da UNESCO, no início dos anos 80, que reflecte a admissão por parte da comunidade internacional, da importância da cultura, quer como valor em si inquestionável, quer como suporte eficaz ao desenvolvimento. (UNESCO, 1982)

Fechados estes parênteses, podemos então definir uma primeira abordagem à questão da circunscrição da política cultural, seus aspectos mais centrais e periféricos, derivados da evolução que descrevemos, sendo que o conhecimento, património e arte corresponderão a uma secção nuclear e, em termos evolutivos, o que se veio a associar ao sector posteriormente, ficará, em geral, numa zona mais periférica da sua abrangência. No momento próprio, afinaremos melhor esta circunscrição, já com outros critérios a ter em conta que entretanto abordaremos. No entanto estamos em ponto de definirmos uma primeira correlação entre o que se define politicamente como área de intervenção destas políticas e a evolução histórica das mesmas. Olhando para o modo como surgiram as primeiras preocupações que vieram a constar no âmbito deste sector, temos então o primeiro argumento de peso para delimitar o sector central ("core arts") da cultura.

Abordada que está a abrangência desta área política, faz sentido adiantarmos também, ainda que apenas como primeira abordagem, algumas das áreas de actividade que se inserem no sector cultural, de modo a irmos situando o nosso discurso. Nela incluem-se as áreas da preservação do património relevante para a evolução da sociedade e das artes como expressão privilegiada da mesma, possivelmente os sectores mais vulneráveis e necessitados de protecção. No entanto fazem também parte desta área política, sectores mais periféricos como o das indústrias criativas, já associadas à viabilidade económica, como sejam, os meios de comunicação social, *design*, publicidade, internet, etc.. Por fim, existem sectores em estreita relação com o sector da cultura, embora não fazendo parte deste, como o turismo e a educação. (Augusto Mateus e Associados, 2010)

Pegando de novo nas raízes da palavra cultura e entendendo uma evolução da palavra no sentido de adquirir uma maior abrangência de significado, não é extrapolação referirmos que política cultural é também um meio de cuidar de uma sementeira que gerará os seus

rebentos espontaneamente. O quanto deve o estado controlar e intervir na cultura é também um dos temas de debate que abordaremos adiante. O conceito de "estado providência" da sociedade europeia assume-a como mais interventiva, não deixando por isso de permitir que o desenvolvimento do sector se processe de um modo que desvirtue a sua espontaneidade. No entanto, alertarei neste texto para os perigos da não intervenção do estado num mundo capitalista e na subversão, por parte deste sistema desta ideia de espontaneidade. Considero assim que o papel interventivo do estado devia ser mais activo na defesa daquilo que o livre mercado tem vindo a destruir e o que temos vindo a permitir que se instale como uma forma de cultura mais pobre, vazia de sentido e despreocupada com as questões fundamentais, o que a faz voltar-se para um mundo de sensacionalismos que, esperemos, que não se venha a tornar na única forma de cultura que o futuro conhecerá. (Dissanayake, 2003, pp. 33-34)

Subjacente ao que significa actualmente cultura está ligada toda esta evolução histórica e conceptual que temos vindo a relatar. Cultura é união e diversidade no sentido em que é composta por várias correntes e vários grupos de interesses que, no seu colectivo caracterizam as várias facetas de uma determinada sociedade. Identificamo-la como determinado tempo em determinado local tendo em conta toda a sua envolvência. Podemos então, em última análise, definir uma cultura contemporânea global, como o exemplo mais abrangente e que inclui todas as diferentes formas de cultura como subgrupos que interagem entre si no tempo e no espaço.

2. BREVES NOTAS EM TORNO DA NOÇÃO DE ARTE

Deixamos para último a referência cultural que mais nos diz respeito na área de estudos em causa, à qual ainda não demos a merecida atenção, para agora nos podermos deter numa análise mais prolongada. Falamos do papel da arte, que, tal como a cultura, é um conceito que pode abarcar qualquer acção humana, já neste caso, colectiva ou individual. Está subjacente a esta a possibilidade de qualquer acção física ou mental exprimida, poder ser entendida "enquanto" arte, decorrente dos caminhos conceptuais que esta tomou até à nossa era.

Assumo a inevitabilidade do discurso deste trabalho tender para um especial enfoque na arte, tanto quanto é inevitável uma fuga à condição humana de parcialidade. Por outro lado, é segundo essa condição que poderemos contribuir para o todo social que, hoje em dia, se encontra em alto grau de especialização. Penso, assim estar em linha com os objectivos do curso de Estudos Artísticos e com a mais-valia que possa eventualmente prestar ao mundo profissional no futuro.

A arte surge-nos como a expressão cultural mais pura e desinteressada, apesar de não deixar por isso de estar presente nas características do "como" de cada "uns", ou seja, nas vertentes mais práticas e de sobrevivência ligadas à existência colectiva. Esse "como", visto do plano mais geral é o próprio modo de organização geral e de subsistência das diversas sociedades.

Mas é a arte sem qualquer finalidade primária, aquela que é indefinível e dificilmente identificável e o motivo de ela ser uma constante invariável nas várias sociedades que nos levanta um "porquê". O porquê do ser humano necessitar de se exprimir artisticamente, de um modo para o qual, à partida, não encontraríamos uma função prática. Verificamos que, em todas as sociedades, em qualquer estágio de desenvolvimento, recuando-nos aos testemunhos da pré-história, sempre existiu este tipo de expressão. Parece ser, então, de alguma maneira, algo tão vital quanto a própria sobrevivência do Homem. (Dissanayake, 2003, p. 14) (Gombrich, 1950, p. 14)

A arte, que é o assunto principal na nossa área de estudos, depara-se-nos então como manifestação central do conceito que procuramos iluminar: o de cultura. No entanto é impossível recorrer à referência absoluta de uma definição da mesma. Defini-la foi um mote

para que, ao longo destes dois anos de estudo, fôssemos reflectindo na natureza da expressão artística. Na disciplina "Questões Teóricas da Arte Contemporânea" abordámos várias temáticas que, ligadas a uma reflexão, nos conduzem a pôr em causa a noção clássica de arte, decorrendo da evolução do pensamento estético. A ideia de criação, materialismo, reprodução e reprodutibilidade técnica, questão da validação da obra, etc., foram algumas das reflexões propostas.

Após abordarmos vários fechamentos conceptuais, chamemos-lhes assim, do conceito de arte, que identificamos estarem estreitamente ligados às possibilidades estéticas de cada lapso de tempo (o pensamento, mesmo que abstracto, sempre ligado à vivência prática), desembarcamos onde começámos historicamente: partimos de um não conceito e chegamos a um não conceito. No meio surge uma ideia de arte tão concreta quanto fátua, que rapidamente foi inundada de incertezas e acabou por lhes sucumbir. Para Hans Belting e Arthur Danto, o período em que existiu um conceito definido de arte foi circunscrito a dois séculos (entre XVIII e XX) até ao final da arte moderna. Este último filósofo deu por terminada a era da arte com uma exposição feita por Andy Warhol em Nova Iorque, em que este exibiu um conjunto caixas de artigos alimentares produzidos em série, numa galeria. (Belting, 1987) (Danto, 1997) "O fim da arte" embora seja um título sensacionalista, remete-nos para um período de certeza e de uma demarcação de algum modo artificial que veio a ser colmatado por indagações que a levaram ao ponto de não sobrevivência. É também uma espécie de rendição ao facto de não existir actualmente uma definição consensual para o termo que resista às "brechas conceptuais" de que fala Adorno. (Adorno, 1970) O conceito teórico de arte foi então progressivamente penetrando a sua própria vacuidade para o assumir da sua indefinição pela filosofia moderna. (Gombrich, 1950) "A arte não é mais do que uma palavra a que nada de real já corresponde." (Heidegger, 1977, p. 11)

A palavra artista, no período que precede o "tempo de vida" da arte, começou por ser usada para adjectivar alguém que atingia a excelência técnica na sua área de labor. (Dissanayake, 2003) (Dissanayake, 1980, p. 2) Assumiu depois um significado mais emancipado, seguindo de perto a mentalidade de ruptura dos artistas para com a sua dependência e também um certo enlevar do estatuto de determinadas actividades, que acabaram por se tornar as belas artes - a música, pintura, escultura, etc., e que procuravam diferenciar-se das demais. (Dissanayake, 2003) Do estabelecimento das belas artes, embarcamos num futuro em que se contesta que a arte aconteça apenas dentro dessas disciplinas. Também, mesmo dentro das belas artes, a escola clássica ocidental é posta em

causa, surgindo influências de culturas consideradas "primitivas" ou orientais. Espelho disso são movimentos como o cubismo cujas formas foram inspiradas em culturas africanas. (Eco, 2004, p. 416) A questão da técnica de escola passou a ser relativizada, com pintores como Van Gogh a fazerem uso de uma técnica bastante pessoal, culminando esta ruptura no conceito de "ready-made" utilizado por Marcel Duchamp e Andy Warhol, fazendo uso de objectos em que houve pouca ou nenhuma intervenção por parte do artista. (Gombrich, 1950)

Do fechamento conceptual que considerava serem arte apenas determinadas formas, como a pintura ou a escultura, acabamos a desnudar a artificialidade deste critério. Chegámos finalmente à conclusão de que a arte surge tão somente na intenção do acto artístico o que a conduz ao nível de subjectividade estreitamente pessoal. Esta ideia é relativa quer a uma recepção (mesmo de algo que não necessariamente fruto de produção artística intencional), ou a uma manifestação (mesmo que não apreendido desse modo por outrem). Atingimos assim, no nosso tempo, um culminar de fechamento de linguagem. Do paradigma de criação, chegamos à falta de um paradigma e, por fim, ao paradigma da criação de paradigmas, ou seja, já não faremos arte segundo uma estética mas sim inventaremos uma estética segundo a qual faremos arte. A própria reinvenção da estética pode ser também, em si, matéria-prima da arte na mesma medida em que um conceito produza o mesmo efeito que uma harmonia musical ou um poema. (Paes, 2012) (Danto, 1997) O diálogo conceptual que antes apenas acompanhava a prática artística, funde-se com esta na arte puramente conceptual, cujo pioneiro é Marcel Duchamp, em que a estética é a própria poesia do conceito. Daqui partimos para uma mescla de relações conceptuais entre várias obras na arte contemporânea.

Da abordagem do conceito de arte enquanto "coisa" sobre a qual a consciência age, seja reflectindo sobre o objecto ou o objecto enquanto reflexo da acção, (Hainic, 2012, pp. 4-7) chegamos ao conceito de "performance art" que considera a arte a própria acção dentro e fora das belas artes e que, em última instância e tal como os conceitos abordados de cultura e arte, considera que tudo pode ser visto "enquanto" performance. Esta visão tem a sua repercussão prática em coisas como a pintura de acção ou o surgimento de grupos performativos que actuam em circunstâncias que se demarcam do teatro "tradicional". A visão da sociedade é, deste ponto de vista, como uma espécie de jogo, presente em qualquer área de actividade em que estamos constantemente a desempenhar uma performance. (Schechner, 2013) Uma outra consequência deste conceito é a própria ideia de público e de espectador, que foi sendo posta em causa na sua relação dinâmica de emissor-receptor, reestabelecendo-se enquanto um diálogo dinâmico entre ambos, não se considerando que um assuma

necessariamente uma preponderância sobre o outro. Isto implicou toda uma mudança de paradigma, reflectindo-se nos preceitos da performance, tanto a nível do comportamento esperado tanto do primeiro como do segundo, a disposição física numa performance artística ou mesmo na concepção do próprio espaço onde a arte se pratica. (Schechner, 2013)

Passámos então de um conceito certo e fechado, para uma expansão não circunscrita do mesmo e a instalação da incerteza, num processo que tem sido sobretudo destrutivo. O pensamento teórico contemporâneo acaba por destruir a artificialidade dos conceitos do passado, mais do que arranjar novas respostas para essas questões. Assume a vacuidade conceptual e a sua validade limitada a algo que não é mais passível de ser circunscrito. (Adorno, 1970)

A ideia de arte está em crise. Ou pode ser tudo, ou pode não ser nada. Na sua História da arte, Gombrich, aquando da sua reflexão final, refere que, chegados ao ponto final da narrativa histórica, voltámos ao ponto de partida de um conceito não existente. "Não existe arte, apenas artistas." (Gombrich, 1950) Pessoalmente descansa-me muito mais uma indefinição e uma incerteza do que uma definição ou certeza artificiosas.

Arte contemporânea

Dada a evolução já traçada, no mundo da arte contemporânea surge um sem número de questões inerente à evolução da sociedade em si e do pensamento que lhe subjaz. O mundo e a arte como linguagem que o reflecte andam de mãos dadas de modo que a arte contemporânea pode ser interpretada à luz da sua evolução. Theodor Adorno, nas primeiras páginas da sua Teoria Estética, começa logo por falar nos vários aspectos de uma sociedade desumana que cria arte desumana. (Adorno, 1970) (Hainic, 2012) O fechamento de linguagem que ocorre na arte contemporânea, não é mais do que a individualização extrema do artista e, ao mesmo tempo, de uma reacção face ao domínio do mercado por parte de quem subverte o propósito artístico e produz material para satisfazer os propósitos mais frívolos do grande público. (Hainic, 2012) (Adorno, 2009)

Deste fechamento, surge o elitismo. A figura do curador, provavelmente, nunca foi tão procurada no sentido de perceber e validar determinada obra. Por outro lado, uma vez validada passa a ter uma espécie de estatuto divino do qual apenas os “supremos sacerdotes” conhecem o segredo. Isto pode afectar fortemente o que chega ao grande público, quer em

termos de produção presente, quer relativamente à valorização da produção do passado. (Danto, Corral, Brea, Gili, & Searle, 2010) A grande arte do passado, por outro lado, encontra-se descontextualizada no museu, enquanto espaço, por um lado hermético, por outro que falhou na sua intenção de proximidade com o público. (Danto, 1997, pp. 175-193) Tudo isto leva a uma noção elitista da arte, parecendo, neste ponto, que regressámos ao século XVIII. A questão hoje é então como distinguir a "verdadeira" arte da arte com propósitos subvertidos. Nunca houve tanto espaço para tudo, bom e mau, estes misturam-se e confundem-se, levando as pessoas, tomando partes pelo todo a criarem noções falsas acerca da arte contemporânea e a desacreditarem-na. (Danto, Corral, Brea, Gili, & Searle, 2010, p. 9) (Adorno, 2009)

Argumentos etológicos

Por último, gostaria de focar uma abordagem da arte sob o ponto de vista etológico, ligado, de certo modo com as ideias que já focámos acerca da performance. Ellen Dissanayak encontra uma resposta satisfatória para a questão da vacuidade do conceito de arte, justificando-a do ponto de vista etológico. Não obstante o facto de não responder necessariamente às questões enunciadas anteriormente, esclarece que a raiz da arte está no comportamento de "brincadeira" controlada que é característico de várias espécies animais, com as especificidades inerentes ao homem e à sua comunicação por códigos complexos. Este carácter controlado é observado pela autora em actos de carácter ritualístico que vêm desde os primórdios da humanidade. Esse "play" assume uma forma que evolui do processo ritualístico para tornar uma ocasião, mensagem, sentimento, etc. especial. "Making special" é mais um termo central na ideia da autora. É esse tornar especial na sua característica "extra-ordinária", no entanto, ligada ao ordinário da sociedade que já referimos acima, que está a centralidade do conceito artístico. Esta perspectiva pode explicar a emancipação das actividades consideradas como "arte" não descurando toda a evolução do pensamento estético, mas sim colocando a tónica numa ideia transversal, embora não omniabrangente. (Dissanayake, 2003)

Posto isto, não havendo um apoio conceptual em que nos possamos basear, existindo actualmente toda uma clara confusão entre verdadeira arte e pseudo arte como podemos nós chegar a um mais esclarecido entendimento artístico?

Heidegger, remete para o ciclo entre o conhecimento teórico da arte e o contacto com a obra. Um não pode ser feito sem o outro, mas ambos fazem parte da aproximação ao seu

entendimento. (Heidegger, 1977, p. 12) Assim não temos outro método senão a aproximação às várias linguagens, quer em termos práticos como teóricos. Vamos compondo uma imagem da história de arte e do percurso dos vários estilos e manifestações, aos quais está subjacente a própria forma de encarar a arte, numa determinada época. Neste entendimento não podemos descurar o objecto essencial que é a sensibilidade abstracta do homem, a nossa e aquilo que apreendemos ou exprimimos enquanto algo sensível, e a apreensão, mesmo que intuitiva, dos processos da sua comunicação. Estamos então perante um método de comunicação sem significados directamente atribuídos, no qual, em última instância não sabemos, se, e o que realmente estamos a comunicar. Poderemos dizer que a arte é-o de emissor para receptor e não poderemos, em última instância, dizer o que é arte e não o é. Resumiria este aspecto na ideia de que não há boa nem má arte, há arte para uns e arte para outros.

Posto isto, é de importância primordial o conhecimento da arte e da sua história, uma vez que esta será a única ferramenta palpável de que dispomos para um entendimento com o máximo de consenso. Atribuindo um significado prático a este conhecimento, referimo-lo enquanto critério a ser tido em linha de conta para a prática de actividades na sociedade que envolvem a administração cultural.

Encontramo-nos numa situação histórica fulcral. A que nos conduzirá a dissolução do conceito de arte? Voltaremos um dia a uma definição? Teremos consciência de tal ou iremos aperceber-nos apenas após o desenvolvimento da história? Haverá um novo conceito que tudo o que antes questionámos abranja e o englobará em algo mais vasto? Procuraremos identificar um processo interior no Homem a que corresponda o termo arte? Ou simplesmente não fará mais sentido falar de arte senão para nomear algo demasiado abstracto?

Diria que o mais provável é a palavra "arte" ser utilizada apenas por conveniência, um conceito à medida da abstracção de cada um, uma espécie de tela onde se vai proceder à concretização da obra, se quisermos ser alegóricos. Essa tela pode tomar as dimensões da própria vida, experienciada "enquanto" arte.

Cultura, arte e relação com o objecto de estudo das políticas culturais

Tendo abordado algumas linhas gerais do que entendemos estar na mais profunda relação com a cultura, neste trabalho preocupar-nos-emos sobretudo com o modo como esta noção de arte e a sua articulação com o ser cultural que é o Homem, se conjugam em decisões que afectam directamente a evolução da sociedade com as práticas políticas. Teremos em conta uma contextualização das manifestações artísticas e a bagagem milenar que estas comportam quando urge o julgamento com fins de praticidade que, no fundo, é a gestão cultural. No entanto, temos também consciência de que, especialmente sensibilizados como estamos para a questão artística, corremos o risco de a sobrepor a outras importantes vertentes a ter em conta numa política cultural responsável. Assumimos esse risco e realçamos a importância de os organismos responsáveis se munirem de especialistas destes vários ramos do conhecimento. Nada de absoluto podemos exigir a quem comporta a responsabilidade de fomentar uma prática artística em detrimento de outra, senão um julgamento o mais esclarecido possível em termos históricos e culturais.

Voltando à linha de evolução do pensamento em relação à cultura (englobando a arte enquanto expressão da mesma), chegámos a um ponto de consciencialização de uma necessidade de acção a nível estatal. Com a evolução desta última, chegámos a um sistema de crescente intervenção, à medida que se vão observando os resultados positivos de tal acção. A política cultural é uma área relativamente recente, à qual se foi dando progressiva relevância e, ainda mais recentemente se procedeu ao estudo do seu impacto com outros sectores da sociedade, nomeadamente no enquadramento geral da economia.

Para os efeitos de gestão cultural, convém-nos assinalar uma circunscrição que diferirá necessariamente das noções mais generalistas de cultura e arte. Referiremos atempadamente a questão dos critérios a ter em conta nesta vertente mais pragmática.

Cumpridos os objectivos no curso de Estudos Artísticos, deveremos ser capazes de levar a cabo uma actividade profissional ligada à responsabilidade da gestão cultural. Focando-nos então nos conteúdos que abordámos e dos quais nos munimos para a feitura deste trabalho final, que se quer também uma súmula e uma descrição da aplicação prática dos conhecimentos em causa, iremos procurar relacionar, enumerar e descrever a importância dos conteúdos na imagem que iremos compor do meio cultural e correspondente adequação em termos de meios de acção.

Para tal, comecemos por descrever a realidade do sistema em que se irá enquadrar essa acção.

3. AS INDÚSTRIAS CULTURAIS E CRIATIVAS

Começamos pela necessária iluminação do conceito de indústrias culturais para posteriormente nos ocuparmos da análise ao seu impacto na sociedade actual. A expressão tem o cunho do filósofo Theodor Adorno, em quem primordialmente nos baseamos nesta secção de texto, juntamente com Max Horkheimer. Em meados do século XX, ao ter em conta estudos sociológicos sobre o que, na época em que viveu, foi a emergência das indústrias culturais, elaborou um conjunto de publicações fazendo uma análise apocalíptica dos destinos da cultura nas sociedades industrializadas. Anos depois, só podemos confirmar que o caminho, quase profeticamente traçado por Adorno se veio a realizar, se não mesmo exponenciar a um ponto que o autor não preveria. Os temas de reflexão propostos pelo filósofo serviriam de base ao desenvolvimento posterior, em inúmeros textos, do impacto destas indústrias. Continuam, hoje em dia, a ser uma referência incontornável dentro da temática.

O conceito em si é fácil de compreender, trata-se da produção de conteúdos de artes como a música, literatura, reprodução de pintura, etc., à escala industrial e posterior comercialização em massa. Não só destes conteúdos vive esta indústria, mas também de outros que se baseiam nos novos suportes entretanto criados, como a rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet, como sejam - publicidade, programas de televisão, design, jogos electrónicos, cinema, etc.. Este conceito foi sendo sucessivamente pormenorizado ou renovado consoante iam aparecendo novos suportes que acrescentavam algo à forma como a indústria funcionava, mas no que essencialmente descreve, não se alterou. (UNESCO, 1982, p. 19 a 52) (Comissão Europeia, 2006, p. 2; 43 a 58) (Augusto Mateus e Associados, 2010, p. 4 a 26)

Apresentado que está o conceito, passemos agora a descrever realidade em que este se insere, conjugando os conceitos propostos pela literatura com a nossa experiência directa enquanto membros desta estrutura social.

Desde crianças somos absorvidos pelo entretenimento. Dele vêm as imagens oníricas que se nos deparam nos *media* e fazem parte do imaginário da nossa infância / adolescência. São, hoje em dia, globais, comuns entre os membros de uma mesma geração, trazidas por um sistema macro empresarial já implementado à nossa nascença, que se constitui como um oligopólio onde a mudança não é uma opção, e as tendências, apenas sucessivas emanações

do mesmo produto consubstancial, são ditadas pelos mesmos. A sociedade que sobrevive com esta estrutura global não tem espaço para uma mudança profunda e desestruturante. Quem não vive rendido a esta realidade não tem outro remédio senão uma marginalização na sombra do "progresso". À medida que este se vai impondo, como um empreendimento urbano que cresce consumindo a paisagem virgem em seu redor, as comunidades onde ainda sobreviviam outros modos de cultura próprios, heterogêneos, são engolidas pela globalização. A geração mais velha não consegue lidar com o *modus operandi* da geração mais jovem. O testemunho directo dos nossos ascendentes permite-nos sentir o pulso desta diferença abismal. Ela é tão maior quanto o isolamento de determinada comunidade no passado, que agora não é senão uma sombra a ser totalmente suprimida, à medida que a globalização penetra os locais mais recônditos da sociedade ocidental. (Adorno, 2009)

Confortável é rendermo-nos ao que simplesmente nos é dado, termos um olhar crítico do cenário dominante é a ingrata opção, a que mais esforço exige e cuja compensação não é capitalizável no imediatismo do mundo que nos rodeia. Junte-se os problemas com que se debatem todos os espíritos que entram em confrontação com o poder dominante e percebemos facilmente que esse é um caminho por que poucos empreendem.

A esta construção invisível assistem a publicidade e domínio dos meios de comunicação, aqueles que constroem em nós uma noção de realidade. O poder publicitário em larga escala conduz a um *status quo* que assume uma vida própria. O público que dele depende não tem disponibilidade para outro tipo de oferta. A publicidade gera o público e o público gera a publicidade numa sucessão infinda de produção em moldes pré-definidos e de consumo fácil e rápido, em constante aceleração, como que uma droga que embriaga a civilização. (Adorno, 2009)

Com alguns anos desta observação directa a que não conseguimos escapar, conseguimos esboçar um rumo para os conteúdos que esta sociedade do entretenimento nos disponibiliza. A tendência é a manipulação de lugares comuns de vivências e sensações, ou a exploração do sensacionalismo imediato, transmitidas numa linguagem com que todos se possam facilmente identificar. Apercebemo-nos que a fórmula aplicada tem resultados práticos e vemos o seu efeito na ingenuidade com que o público reage positivamente, aceita e se diverte com este presente envenenado. A certa altura já só quer desta droga, enquanto no seu espírito definha a curiosidade e o esforço de consciência que o levaria a empreender por outros caminhos da compreensão. (Adorno, 2009)

Esboçamos uma imagem maquiavélica de quem controla os destinos do entretenimento, e mais ainda, da cultura a nível global. Com um pouco de imaginação, que se torna uma quimera apresentando-se-nos com uma clareza assustadora, vemos uma gigantesca máquina que calcula o lucro em função da manipulação das vontades mais primitivas e "voyeuristas" do grande público. Vislumbramos, nessa fórmula, o resultado do lucro a disparar, mediante a introdução de uns poucos conteúdos-chave que depois são repetidos incessantemente. O desejo é de ver espelhada de forma cada vez mais óbvia o banal da nossa vida em sociedade no "caixote" que ela nos reserva, romantizando-o, de modo a que se torne mais suportável, ou, idealmente, pronto a conter, na justa medida, todas as nossas aspirações. (Adorno, 2009)

Será que mesmo Adorno teria imaginado que as suas previsões culminassem de um modo tão flagrante na actualidade, que faz uma afronta directa à capacidade de pensamento do ser humano? Será que conceberia o estado a que chegou a música *pop* monocromática ou a televisão, com o cúmulo dos *reality shows*, uma espécie de paroxismo do mal *voyeurista*? Conceberia a degradação de conteúdos ao ponto dos que se tornam virais na internet?

Subjacente a esta degradação cultural, Adorno faz uma análise, que ganha novo fôlego actualmente, em termos de validade, do entretenimento como consequência de uma sociedade industrializada e ultra-especializada. Também, no apoio desta tese, nos valeremos, não só mas também, do conhecimento imediato que temos do mundo. Um *point of view* desta realidade que muito tem de virtual.

Vivemos dentro de uma forja de valores, regras, horários, comportamentos em que a nossa actividade tem necessariamente que encaixar, se a quisermos com possibilidade de singrar. A regulação está patente a todos os níveis, apesar dos valores em que assenta o nosso mundo ocidental se prenderem com uma suposta liberdade de pensamento e de escolha. A nossa aspiração ao sucesso e o próprio conceito de "sucesso" estão forjados pela propaganda. A par com este conceito de hipotética liberdade existe um outro, que consideramos paradoxal, existe um outro que subverte completamente o termo - a liberdade dada às leis do mercado capitalista, na mira de um ditirâmico progresso. Esta acaba por conduzir ao seu oposto - a um determinismo ainda mais peremptório, do que se houvesse uma regulamentação que se sobrepusesse às leis do mercado. Instalando-se uma verdadeira anarquia no mercado, somos conduzidos às consequências deste utópico sistema - a imposição da lei do mais forte.

Este estado de coisas está erigido de modo a que a independência do indivíduo não seja encorajada. A inteligência é forçada a um pensamento colectivo. A adaptação dos seres humanos forçada pelo rigor, pela falta de tempo e de espaço, pela educação, pelos media e, em última instância, um pouco por todos nós sempre prontos a levantar o dedo indicador social que condena e renega a diferença, assimilando com distinção esta lavagem cerebral. Os uniformes que envergamos no labor tornam-nos impessoais, os testes psicológicos das empresas são, na realidade, destinados a verificar a nossa facilidade de manipulação por parte de quem dá as ordens. (Inácio, 2014) O objectivo do desenvolvimento não é o bem-estar comum, é um número ou uma estatística para corresponder aos índices decididos por uma qualquer organização internacional, vivemos num frenesi constante e desenfreado para lhes corresponder. Somos pouco mais do que autómatos, meras peças que fazem uma máquina funcionar. Primeiro a máquina, depois o Homem.

É neste contexto que Adorno introduz o seu conceito de "tempo-livre". Este é visto como uma mera prerrogativa que resume toda a nossa existência a uma dualidade de trabalho / tempo livre. Quem se rende a esta última (quase todos nós), quer apenas um relaxamento do corpo e entorpecimento da mente quando livre do labor, por tempo calculado e pré-determinado. Este conceito é, assim, central para a compreensão do efeito das indústrias culturais, apresentando-se o trabalho e o lazer como dois lados da mesma moeda. (Adorno, 2009)

Os conteúdos do entretenimento são bastante convenientes à sociedade industrializada e ultra-especializada, contribuindo para um entorpecimento, alienação e falta de vontade e energia para uma mudança. (Adorno, 2009) Conseguimos deste modo, resumir a suposta liberdade do mundo moderno, a uma política de pão e circo, com a figura do ditador transferida para as entidades invisíveis que detêm o poder do capital.

Os conteúdos que a indústria nos apresenta, que não são mais do que os contornos da forja em que, forçosamente, tem que caber a esmagadora maioria da produção a ser consumida em massa, são cada vez mais simplificados de modo a atraírem o máximo de pessoas possível, cocktails de sensações e sentimentos lugares-comum e descartáveis, tudo tem uma estrutura e duração previsíveis, normalmente incluindo um enredo romântico com que todos se possam identificar. O pano cai e o público sai do lugar de espectador, seguro de um mundo sem pressupostos incertos, segue o seu rumo de previsibilidade, alimentada que

está a vertente mais superficial da sua imaginação. No dia seguinte, na semana seguinte, no mês seguinte tudo recomeça...

Na disciplina de Temas de Musicologia, no 1º ano de Mestrado, encetámos um estudo revelador das dinâmicas da indústria cultural, especificamente para o caso da música. O que estudámos nessa disciplina corrobora a tese de Adorno. Testemunhámos o modo como uma expressão quase matemática determina fórmulas harmónicas básicas ou o tempo limite que pode ter uma canção para aspirar ao sucesso comercial. Tomámos também conhecimento de que 80% do mercado da música é dominado por um oligopólio composto por apenas 4 empresas que o controlam à escala mundial. Esta indústria apenas quer tirar o máximo proveito comercial do artista sem se preocupar minimamente com a condição da arte.⁴ O trabalho nessa disciplina, consistiu numa análise de estratégias de fuga ao poder do mercado, nomeadamente aproveitando a democratização do meio da internet. No entanto, o domínio de meios de difusão na internet acaba por ser semelhante ao do mundo extra-digital, uma vez que se baseia no controlo dos meios publicitários.⁵

Nunca o mundo conheceu tal uniformização a nível cultural, tal destruição de patrimónios locais, tal determinismo de formas e meios, tal corrupção pelo capital. Assim, a actualidade, se ainda não se rendeu e assumiu isto como a sua nova forma de cultura, está seriamente ameaçada a tornar uma mera peça de museu tudo o que não tenha viabilidade no seio da indústria cultural. A meu ver, isto requer uma atenção primordial por parte da política cultural, sendo que uma mudança estrutural de fundo poderá ser a única saída para o futuro.

A imagem que nos traça Adorno é-nos útil na compreensão do todo que é este fenómeno em diálogo com o mundo em que se insere. Cumpre-se na antevisão de consequências que tendem, ainda hoje, para um culminar que não sabemos se já foi atingido. No entanto, o carácter generalista das suas ideias, não nos permite a análise de algumas tendências contrárias, que ganham actualmente maior expressão, talvez como reacção a um ponto extremo de degradação de conteúdos. Também é importante mantermo-nos alerta para o facto desta divisão entre “indústrias culturais” e “manifestações mais descomprometidas com o capital” nem sempre ser tão óbvia como o autor possa dar a entender.

Apoiando-nos de novo no nosso trabalho em Temas de Musicologia poderemos dar alguns exemplos. Tomámos conhecimento de projectos musicais que, estando incluídos no

⁴ (Abreu, 2009) (Falcoeiras, 2010) (Lippi, Vivas, & Muniz, 2012) (Gonçalves, 2009) (Tavares, 2010)

⁵ Idem

seio da indústria lutaram contra o determinismo da mesma. Também analisámos estatísticas que indicam um crescente interesse pela cultura musical "alternativa", que pode significar um certo cansaço do público em relação à decadência cada vez mais óbvia da indústria. (Falcoeiras, 2010) (Gonçalves, 2009)

Apesar destes movimentos serem crescentes, creio que virá a existir um ponto de estabilização, tendo sempre a indústria um maior peso. Assim sendo, esta preponderância apenas poderá ser contrariada existindo um estatuto especial para a prática artística no sentido de a proteger. Discutir com que critérios se empreenderia na criação de tal estatuto seria objecto de uma discussão aprofundada. Como veremos mais adiante, dado o actual crescimento do sector cultural poderemos alimentar algumas expectativas no sentido destas ou outras estratégias de protecção ao sector. Enquanto aluno de Estudos Artísticos, artista em nome individual e eventual futuro empregado no sector cultural, creio ser o meu dever ter um papel activo nesta consciencialização. Daremos, ao longo deste trabalho, alguns exemplos de como a administração poderia servir de contrapeso e contrapoder às indústrias culturais.

Síntese Cultura – Arte - Indústrias Culturais

Focámo-nos, com alguma delonga, na descrição do cenário da contemporaneidade industrializada, não sem razão. É talvez o maior suporte à crítica que fazemos do que tem vindo a ser a prática da política cultural e o que pensamos ser um olhar a uma distância suficientemente segura do que nos é dado a ver no imediatismo da realidade que nos circunda. As nossas decisões serão o espelho desta visão da realidade actual, bem como da noção de cultura, da análise de vários aspectos da sociedade enquanto tal e das artes enquanto sua expressão privilegiada. Em consciência devemos assumir que, no desempenho de qualquer função no seio da administração cultural, teremos uma responsabilidade perante toda uma dinâmica social. Teremos uma forma de poder que, muitas vezes, poderá contrabalançar o determinismo económico. Não podemos pedir mais do que conhecimento, competência e consciencialização a quem toma as rédeas desta vertente da administração.

A relação que faço entre a política cultural e o poder da indústria cultural, não é objecto de ênfase nos vários trabalhos que analisei. Utilizei literatura relativa a uma temática e à outra, associando um ponto de vista que tem uma base de dissidência às possibilidades reais de mudança no meio em que me insiro. Considerei importante colocar a tónica num assunto que muitas vezes a literatura acerca da política cultural circunda sem lhe dar a devida atenção.

No papel que me coube, dentro do organismo de gestão cultural, dei o meu contributo que, mesmo que singelo, pretendeu comportar esta visão geral. Tanto quanto as minhas funções mo permitiram, contribuí para os aspectos que considerei positivos e tentei chamar a atenção para aquilo que faltava fazer ou que considerei menos positivo. Mantive-me cooperante, mesmo com aquilo que não concordei e que tinha a impossibilidade de alterar, considerando que a melhor possibilidade de mudança é, muitas vezes, a cooperação. Se, no final do estágio, puder ter contribuído de alguma maneira para acrescentar algo ao projecto cultural do concelho de Penacova, dou por lograda a minha pequena missão.

Irei, de ora em diante, fazer uma análise das políticas culturais em si, tendo como ponto de chegada a realidade da política local no concelho de Penacova, onde efectuei o estágio que aqui relato.

4. POLÍTICAS CULTURAIS

A ciência mais voltada para a investigação, quer da cultura como disciplina, quer das políticas culturais, é a sociologia. A esta ciência estão associados os textos de carácter mais qualitativo, que descrevem as dinâmicas sociais implicadas no assunto e discutem a própria evolução das políticas culturais, como ramo em desenvolvimento. Podemos dizer que a sociologia está por excelência para a cultura tal como a cultura está por excelência para a sociologia. (Costa, 1997) Mas fomos mais longe e quisemos analisar em primeira mão estatísticas, estudos e relatórios, nacionais ou internacionais, que avaliam o impacto económico deste sector, bem como tomámos conhecimento de trabalhos das mais variadas disciplinas que se relacionam com o nosso foco, principalmente, para além da já citada, nas áreas da economia, política, história, artes, filosofia ou novas tecnologias de informação, sendo que o conhecimento veiculado pelo curso de Estudos Artísticos, em algumas das áreas mencionadas, definiu a base do esclarecimento a que se pretendeu chegar. A experiência que tive no estudo em que empreendi, permitiu-me fazer um esboço geral da investigação que tem vindo a ser produzida.

A produção na área das ciências sociais tende a ser de um carácter mais qualitativo, fazendo abordagens teóricas que decorrem da análise dos dados concretos disponíveis e que contribuem para o desenvolvimento da ideia de políticas culturais a desenvolver. Já a recolha de dados concretos a nível estatístico, tende a ser feita pelos aparelhos de estatística ligados a entidades governamentais⁶ ou encomendados por estas a empresas de consultoria que produzem relatórios para diagnosticar o estado de determinado sector. Os relatórios governamentais são em geral uma fonte clara, concisa e bem organizada de informação base que serve depois de suporte à elaboração de reflexões mais alargadas. Esta produção de carácter mais qualitativo, na área da sociologia não implica que esta também não leve a cabo trabalhos de "campo" para levantamento do estado de determinado sector, frequentemente munidos de dados recolhidos junto dos próprios organismos a analisar ou inquéritos feitos a um público alvo para avaliação de comportamentos sociais.

O conjunto destes trabalhos é o bolo da informação que temos disponível para um olhar o mais objectivo possível sobre as políticas culturais. Apesar de ser quase omnipresente

⁶ Em Portugal o INE e em contexto europeu o EUROSTAT. O segundo tende a fazer um cruzamento de dados provenientes das estatísticas oficiais de cada país.

a queixa por falta destes dados e de estudos que os entrecruzem, sobretudo na bibliografia mais desactualizada, a verdade é que, especialmente na presente década, se desencadeou uma multiplicação assinalável de novos trabalhos, estando a dissipar-se cada vez mais a bruma que nos tolda a visão.

Ressalvo que, deste ponto em diante, utilizarei o termo cultura muitas vezes com a função de abreviar "sector da cultura" ou "política cultural", tentando deixar sempre claro, pelo contexto, se se trata de cultura como conceito mais vasto ou do seu significado político.

Âmbito das políticas culturais

Antes de encetarmos numa análise de preceitos teóricos e de retratarmos a realidade que tem vindo a ser a prática destas políticas, urge que comecemos por defini-las em relação ao seu âmbito de acção.

A abrangência começa por ser difícil de definir dado que a definição de cultura e da própria arte são bastante transversais. Assim, que áreas devemos incluir ou deixar de fora da mesma? Para além do aspecto histórico de evolução das políticas culturais⁷, já vimos que há uma tendência para considerar o âmbito destas políticas a protecção das manifestações culturais mais desprotegidas, mas mesmo assim subsistem vastas ramificações que, partindo destas se vão imiscuir noutros sectores. O critério de necessitarem de protecção ou incentivo a nível económico é um dos motivos da criação desta vertente política, quase que se definindo, não pela sua "inclusão na cultura", mas pela sua exclusão da competitividade económica. Isto não significa que a aposta no sector cultural, como veremos, não possa trazer vantagens económicas, se olhada a partir de um plano mais alargado. Por outro lado, a inclusão das actividades neste sector não se restringe a este critério.

Têm sido feitas tentativas de consenso a nível internacional que, apesar de darem alguns frutos, ainda não permitem que a delimitação do sector siga uma proforma fixa. Assim, e tendo em conta que o modelo do nosso país se baseia directamente no modelo europeu, iremos buscar a ele a sua sistemática. Isto não significa que, mesmo dentro do nosso continente, não hajam várias abordagens a esta sistemática, sendo que a exclusão ou inclusão de actividades no âmbito destas políticas varia de país para país, não obstante ainda estas se

⁷ ver capítulo 2

terem vindo a aproximar. (Augusto Mateus e Associados , 2010, p. 32) (Comissão Europeia, 2006, p. 43 a 58)

CIRCLES	SECTORS	SUB- SECTORS	CHARACTERISTICS
CORE ARTS FIELD	Visual arts	Crafts Paintings – Sculpture – Photography	<ul style="list-style-type: none"> • Non industrial activities. • Output are prototypes and "potentially copyrighted works" (i.e. these works have a high density of creation that would be eligible to copyright but they are however not systematically copyrighted, as it is the case for most craft works, some performing arts productions and visual arts, etc).
	Performing arts	Theatre - Dance – Circus - Festivals.	
	Heritage	Museums – Libraries - Archaeological sites - Archives.	
CIRCLE 1: CULTURAL INDUSTRIES	Film and Video		<ul style="list-style-type: none"> • Industrial activities aimed at massive reproduction. • Outputs are based on copyright.
	Television and radio		
	Video games		
	Music	Recorded music market – Live music performances – revenues of collecting societies in the music sector	
	Books and press	Book publishing - Magazine and press publishing	
CIRCLE 2: CREATIVE INDUSTRIES AND ACTIVITIES	Design	Fashion design, graphic design, interior design, product design	<ul style="list-style-type: none"> • Activities are not necessarily industrial, and may be prototypes. • Although outputs are based on copyright, they may include other intellectual property inputs (trademark for instance). • The use of creativity (creative skills and creative people originating in the arts field and in the field of cultural industries) is essential to the performances of these non cultural sectors.
	Architecture		
	Advertising		
CIRCLE 3: RELATED INDUSTRIES	PC manufacturers, MP3 player manufacturers, mobile industry, etc...		<ul style="list-style-type: none"> • This category is loose and impossible to circumscribe on the basis of clear criteria. It involves many other economic sectors that are dependent on the previous "circles", such as the ICT sector.

: "the cultural sector"
 : "the creative sector"

Quadro 1 – Âmbito das políticas culturais

Fonte: (Comissão Europeia, 2006)

Existe então um tronco central que lida com as belas artes ou o legado cultural do passado que tem a raiz histórica que já mencionámos. Nele estão incluídos, para além das bibliotecas e património as denominadas "core arts". A montante aparecem as indústrias culturais, com a mesma "matéria-prima" das artes clássicas mas em versão de produção em série, das quais a indústria da música ou da literatura são exemplos. Posteriormente aparecem as indústrias criativas, nas quais são incluídas áreas como o design, a moda ou o software, normalmente ligadas ao surgimento de novos suportes e, por fim, as indústrias relacionadas,

cuja produção se baseia na satisfação das necessidades materiais, de suporte ou de serviços das indústrias culturais e criativas.

O caso do nosso país segue de perto esta classificação proposta pela União Europeia⁸ no seu estudo "The economy of culture in Europe", como podemos verificar na sua utilização quase linear pelo estudo de impacto da indústria criativa no nosso país, encomendado pelo Ministério da Cultura em 2010. (Comissão Europeia, 2006) (Augusto Mateus e Associados, 2010, pp. 33-48) É também, de resto, o que constatei ser o modelo mais mencionado, mesmo a nível de estudos internacionais, sendo aquele em que nos basearemos neste trabalho.

No anexo 1 podemos ver discriminadas as actividades culturais, consoante o código que lhes é atribuído na Classificação das Actividades Económicas (CAE), que se incluem dentro do sector da cultura. Este quadro, é meramente ilustrativo do tipo de actividades que convergem no sector, não segue, no caso, os critérios sistemáticos elaborados a nível internacional. Também podemos constatar, que não discrimina as “indústrias relacionadas” das actividades culturais e criativas em si.

Os exemplos das disparidades sistemáticas a nível internacional são ilustrados no quadro 2. Dependendo dos critérios de cada país, existem abordagens que circunscrevem mais o sector ao seu tronco histórico, outras mais abrangentes que incluem mais áreas ligadas às indústrias criativas e ainda outras que separam o núcleo central de conhecimento e património das demais políticas culturais. (Oxford Economics, 2014) (United Nations, 2008, p. 36)

Por outro lado, para além dos campos já citados, há que referir que há outros sectores da sociedade intrinsecamente ligados à gestão cultural, que se articulam com esta no plano estratégico, como o turismo, a educação e formação, ou mesmo o desporto e lazer. Também os conteúdos criativos que estão ligados às novas tecnologias de informação e comunicação se fundem de um modo muitas vezes não identificável com a abrangência destas políticas, veremos adiante porquê. (Comissão Europeia, 2006, pp. 4-8) Especialmente o desporto, assume uma posição orgânica, em termos de gestão pública, próxima do sector cultura, o que o leva muitas vezes a ser incluído na mesma.

Todos os relatórios, nacionais e internacionais, continuam a apontar num mesmo sentido: é preciso continuar a desenvolver não só a cultura mas também a estruturação do sector cultural em si. Especialmente no que toca a recolha e cruzamento de dados, todos

⁸ Ver Quadro 1.

apontam para uma insuficiência nesse aspecto. Um dos maiores problemas para o conseguir é a indefinição de parâmetros comuns internacionalmente. Os números nunca poderão ser uniformes uma vez que a área de abrangência varia consoante o país, ou os critérios tidos em conta em determinado estudo. Tudo isto nos remete para um desenvolvimento do estudo e estruturação do sector cultural ainda insuficientes. (Oxford Economics, 2014, pp. 3-5)

Term Used	UK	Germany	Spain	France
	Creative industries	Culture & creative industries	Culture industries	Cultural sector
Architecture	X	X		X
Audio-visual (film, TV, radio)	X	X	X	X
Performing arts	X	X	X	X
Libraries			X	X
Design	X	X		
Art market / visual arts	X	X	X	X
Publishing	X	X	X	X
Fashion	X			
Software / multimedia	X	X		
Museums / cultural heritage			X	X
Music	X	X	X	X
Crafts	X			
Advertising	X	X		

Quadro 2 – Comparação de âmbitos das políticas culturais

Fonte: (Oxford Economics, 2014, p. 18)

Nas análises de dados que levámos a cabo deparámo-nos com dificuldades que advém desta carência. A somar aos problemas sistemáticos, temos uma análise estatística nem sempre atenta e criteriosa em relação a estas variantes o que leva a que quantificação dos sectores nunca possa ser tida como absoluta, apresentando todo o tipo de disparidades e dificultando bastante o seu estudo. Exemplos disso irão aparecer ao longo de todo este trabalho

Abordagens teóricas

Para além dos aspectos mais sistemáticos e quantificáveis relativos a esta temática, existem múltiplas abordagens, nomeadamente em termos sociológicos, que reflectem visões acerca do papel da política cultural de um modo mais qualitativo. O impacto no desenvolvimento a longo prazo, o papel da cultura na unificação de uma sociedade, o serviço público que deve ser prestado às populações de modo a reduzir as desigualdades no acesso ao conhecimento ou até mesmo a questão da formação do gosto, subjacente à formação pessoal de cada um e que determina uma atitude social perante a cultura, são objecto de análise e de uma reflexão mais alargada em diversos trabalhos.

A acção desta vertente política, apesar de ter em conta causas e efeitos económicos, tem como função principal, de um ponto de vista mais abstracto, a construção de uma sociedade que vá corresponder às expectativas criadas pela sua própria evolução. Assim teremos que procurar numa noção o mais consensual possível do que queremos de um ponto de vista, em última instância, existencialista.

A cultura, como ramo da política, faz parte de todo um plano ideológico, intrinsecamente ligado às grandes opções de estratégia para o país e para a economia. Dada uma forte estruturação do poder político e económico, quer no capitalismo, quer no paradigma da globalização, tornamo-nos cada vez menos capazes de influenciar uma mudança. Não nos podendo também limitar a simplesmente refutar os princípios inerentes à sua prática, analisaremos esta realidade, seus pontos fortes e fracos, e o que poderemos fazer, não mudando radicalmente a sociedade, mas antes dando o nosso contributo no sentido do que nos parece tender a um equilíbrio mais justo.

A administração cultural terá que ter em conta dois vectores principais, muitas vezes conjugáveis e interligados, aos quais faz menção Luísa Albuquerque. (Albuquerque, 2013, p. 3)

O primeiro está na linha da ideia comum de que se remete para o sector cultural o que é economicamente inviável. Esta ideia só por si é uma meia verdade, uma vez que o tipo de consequências sociais de não investimos "a fundo perdido" poderia sair-nos mais cara do que não o fazendo. Seguindo esta perspectiva menos mensurável e imediata, olhamos para a sociedade como um todo e temos sobre ela um papel interventivo e moderador. Gera-se a multiplicidade de oportunidades e a preocupação com o bem-estar das populações, mais do que apenas a sua sobrevivência e sustentabilidade. Reduzem-se as injustiças sociais,

conduzindo à integração e à equalização, procurando que o acesso à cultura seja um serviço público o mais democrático possível. (Azevedo, 2003) Aproveita-se e exponencia-se o patamar de desenvolvimento que atingimos, abrindo um espaço para que o que é inviável hoje, tenha um lugar no futuro. Especialmente no que respeita à educação e à arte, o investimento é apenas para criar um terreno fértil, onde o talento possa germinar. Investimos na incerteza para criar a certeza. Os efeitos da educação e do conhecimento da e pela arte, marcam uma diferença fundamental na consciencialização e comportamento da população, que provocam todo o tipo de reflexos num processo civilizador, dificilmente mensuráveis, mas passíveis de uma análise pelas ciências sociais. (Costa, 1997)

Num contexto de economia de mercado, em que nos referimos à própria arte como uma indústria, urge a importância da moderação face ao que é a tendência natural de guerra pelo lucro, afectando os conteúdos. Assim, a gestão cultural pode assumir um duplo papel, pró e contra a economia de mercado.

Por último, não podemos descurar o facto da cultura vir preencher a expectativa imediata dos cidadãos, de se verem munidos com um aparelho que corresponda às suas expectativas de vida em sociedade e que lhes veicule as actividades em que se revê. (Albuquerque, 2013) Não obstante, deve ser conseguido um equilíbrio entre o proporcionar da vontade popular e, ao mesmo tempo, ter uma postura conscienciosa em relação ao poder de manipulação das massas que detém a indústria cultural, sem incorrer em demagogias.

O quanto o estado deve intervir ao nível da cultura é um tema de debate no meio, sendo que este tem que ter em conta a cultura enquanto manifestação espontânea, não pode intervir ao ponto de a tornar "artificial" nem descurá-la ao ponto de ser destruída por factores como a desatenção das populações em relação à própria sociedade em que se inserem. Assim, na sua independência o estado deve gerar uma mobilização colectiva no seio de uma comunidade. A esta mobilização subjaz a criação do património histórico e artístico a ser defendido e preservado, de um espaço público de e para as populações, criando as condições para que a cultura se desenvolva por si mesma, tanto quanto possível. (Sousa-Santos, 2007) (Silva, Babo, & Guerra, 2015) Os organismos públicos devem então assumir uma independência face a uma manifestação da própria essência de uma sociedade, mas também ter um papel moderador face ao corrompível pelo liberalismo económico. É na síntese deste complexo diálogo dinâmico entre o papel do estado e a ambição das populações que reside a

questão essencial do quanto e como deve o estado intervir, conhecer e interpretar a cultura a que se dirige.

O outro vector está ligado à cultura como suporte do desenvolvimento e à ideia de sustentabilidade económica. A análise de impacto e relação com outros sectores da sociedade, nomeadamente o facto de assumir uma relação directa com o crescimento económico e dinamização social, faz com que se tenha dado crescente importância ao investimento neste sector. (UNESCO, 1982) Por exemplo, os hábitos de consumo e consequente dinamização económica de uma determinada cidade, poderão ser incentivados por um investimento em espectáculos ou instituições que veiculem conteúdos artísticos. Ou a recuperação de património histórico, de forma a que este seja explorado comercialmente e atraindo mais turismo para uma determinada região, fazendo prosperar o comércio local, está na base de planos prioritários para o desenvolvimento cultural. (União Europeia, 2000) O conceito de "cidade criativa" surge neste contexto, sugerindo que a cultura assume um papel primordial no dinamismo e desenvolvimento urbano. (United Nations, 2008)

Nos últimos anos, tem-se dado atenção à produção de conteúdos ligados às tecnologias de informação e meios de comunicação, sendo essa uma área de forte expansão no mercado. O desenvolvimento da tecnologia segue a par dos imprescindíveis conteúdos que veiculam, havendo entre estes dois tipos de produção uma relação simbiótica que não deve ficar alheia às novas opções estratégicas. (Comissão Europeia, 2006)

Devemos a este papel impulsionador da economia, a razão de se dar cada vez mais importância ao sector que aqui abordamos, ainda para mais, numa sociedade em que ocorre o fenómeno da transição da economia baseada na produção para a economia de serviços, que tem sido o novo paradigma ocidental. Uma visão total das consequências de uma determinada política cultural, abrange, portanto, os seus efeitos aos quais está implícita a sua própria sustentabilidade e a da economia em geral.

A política cultural tem assim em conta estes dois vectores na elaboração das suas propostas. Um plano estratégico é aplicado consoante a sua pertinência e importância social, a sua viabilidade económica e a sua perspectiva de efeito a curto ou longo prazo.

O equilíbrio entre o que se considera "cultura popular", "cultura erudita" e o peso das "indústrias culturais", é uma síntese que a administração cultural tem que procurar de modo a corresponder às expectativas do cidadão e à evolução da sociedade. Se a primeira está ligada a uma manifestação espontânea cada vez mais em decadência, a última, já descrita assume-se

como um dos responsáveis pela sua corrupção e destruição. A "cultura erudita", por sua vez, está ligada aos movimentos conceptualmente de vanguarda, com tendência a um progressivo fechamento. Perante tal, a missão do estado é fazer uma gestão da expressão espontânea das populações ao mesmo tempo que tem sobre elas um papel educativo e de abertura a novos tipos de conhecimento e linguagens. (Azevedo, 2003) Neste contexto a posição pessoal que pretendo deixar clara é a de que é urgente que a política cultural reduza tendencialmente o peso da indústria e aposte mais tanto na protecção das tradições autóctones como do incentivo à aproximação da arte contemporânea. No entanto, como veremos mais tarde, há obstáculos para tal, como sendo a falta de preparação dos agentes culturais em saber o que escolher fazer chegar às populações.

Continuando numa lógica de equilíbrio, vejo o papel do estado como a figura da justiça que se quer livre de influências que a possam corromper ao mesmo tempo que equilibra a necessidade de desenvolvimento económico com a de desenvolvimento social. O balanço que faço após a leitura das inúmeras abordagens que serviram de base para este texto é que a tendência é para se colocar a primazia na viabilidade económica da cultura, o que, não descurando a importância de tal, não é o que nos fará atingir só por si o patamar de evolução que procuramos. Tal como Matarasso e Landry referem na sua nota política: “a cultura auto justifica-se”. (Matarasso & Landry, 1999, p. 15)

Panorama cultural internacional - retrospectiva histórica

No plano mais descritivo deste trabalho, procuraremos apresentar a realidade da evolução da prática política relacionando-a com a conceptualização a que já fizemos algumas referências e que com ela estão obviamente relacionados.

Iremos também abordar, numa lógica que vai do geral ao específico, as directivas emitidas a nível europeu, enquanto deterministas da acção política no nosso país, tendo em conta o nosso enquadramento político dentro da União Europeia, fazendo depois uma breve resenha da evolução histórica das políticas para a cultura no caso específico do nosso país, chegando finalmente às políticas locais e à apresentação do estudo de caso relativo a Penacova, na última parte do nosso trabalho.

De um ponto de vista global, o despertar para uma consciencialização a nível de impacto político e económico da cultura é bastante recente. Apenas no final do século passado

se intensificou uma análise mais criteriosa, com recolhas de dados concretos desse impacto, que se têm vindo a intensificar. Podemos considerar, analisando essa evolução, que a articulação da cultura com a economia, andou de mão dada com esta crescente preocupação política. Neste âmbito, Machlup, foi o primeiro economista a considerar objectivamente a capitalização da "economia do conhecimento", publicando um estudo, em 1962, que avalia o impacto do conhecimento na economia em geral, fazendo uma tentativa de quantificação nesse sentido, que serviu de base para desenvolvimentos posteriores, nomeadamente, nos anos que antecederam o final do século passado. Este trabalho terá tido o seu impacto especialmente no campo político e científico. (Godin, 2008) (Machlup, 1962)⁹

Organizações internacionais como a UNESCO, a Comissão Europeia ou a CEPAL, multiplicaram os estudos levando ao surgimento de um sector novo na política: o sector cultural. A referência mais recuada que temos no âmbito de estudos levados a cabo por estas organizações que, é um estudo da UNESCO de 1982 intitulado "Indústrias Culturais: o futuro da cultura em jogo." (UNESCO, 1982)

Uma política estatal que integra o conceito de desenvolvimento cultural no desenvolvimento geral da sua economia e, de um modo geral, de toda a sociedade, é portanto de cariz ainda mais recente. O ponto de chegada desta perspectiva é que, hoje em dia é largamente aceite o facto de a cultura ser causa e consequência do desenvolvimento, sendo um factor passível de agir como uma variável com potencial de manipulação a fim de ser atingido um determinado objectivo de dinamização socioeconómica. (Comissão das Comunidades Europeias, 2007)

Estes pressupostos fizeram com que o investimento na cultura, a nível europeu, fosse assumindo um crescendo que ainda se verifica nos nossos dias, sendo ainda uma incerto o seu futuro e qual um eventual ponto de estabilização do mesmo. Esta tendência que notamos na actualidade é, por hipótese, um fenómeno temporário, e a sua dinâmica a nível futuro é ainda uma incógnita com dados concretos insuficientes para a sua determinação. Os estudos dos quais tomámos contacto são transversais em admitir uma análise de consequências mensuráveis, em torno do desenvolvimento das políticas culturais, ainda insuficiente e inconclusiva, embora já nos deixe bastantes pistas no sentido de os seus efeitos serem

⁹ Machlup, conduziu um estudo bastante transversal, abarcando todos os sectores da sociedade, fazendo uma análise de bens e serviços ligados a todo o tipo de conhecimento que gera valor economicamente, desde a formação em empresas ou áreas da administração pública, educação em geral, investigação científica, patentes, comunicação e media, artes, informática, etc., concluindo que este é responsável por uma parte significativa do PIB norte-americano - cerca de 30%.

positivos. Mais ainda, tem-se verificado que este sector tem crescido acima da média da restante economia. (Oxford Economics, 2014, pp. 3-4) A questão em torno da qual dependerá todo um futuro de investimento a este nível, estará na análise dos efeitos económicos a médio-longo prazo, uma vez que ainda só podemos analisar a os que decorrem do imediato, não obstante, estes apontarem numa direcção favorável.

Antes da Europa

Antes de enquadrarmos a nossa política cultural na era em que este se pode situar na continuidade de todo um contexto internacional, olhemos um pouco para o retrato da nossa situação particular, com o fim tardio da ditadura que durou até 1974 e cuja política era vincadamente proteccionista.

Apenas a partir do 25 de Abril de 1974 se pôs fim a um paradigma de prática cultural de propaganda. No decorrer da ditadura a "cultura oficial" era uma escolha selectiva ou um puro forjamento da parte do estado. Os conteúdos espontâneos que estavam de acordo com o estado social que se pretendia eram protegidos e incentivados, existindo também as formas directas de propaganda que louvavam o regime, sendo veiculadas por este ou pelos seus apoiantes de modo artificioso. Tudo isto conduzia a uma forte influência sobre a população, inculcando valores e alimentando uma mentalização que viabilizasse o sistema, conseguindo-o durante bastante tempo e deixando um estigma social ainda perceptível na actualidade. Distinguimos neste campo uma noção de "cultura oficial" autorizada pelo regime, embora se soubesse que existiam movimentos não autorizados que vieram a ter um papel importante no cenário pós-revolucionário. (Xavier, 2012) (Silva A. S., 2014, pp. 11-14) (Albuquerque, 2011, pp. 202-214)

O incentivo aos valores do Estado Novo, começava num sistema de educação moldado aos valores salazaristas, com uma rescrição da história, cujo foco culminante seria a de uma visão da figura de Salazar como o derradeiro salvador da pátria. Esta educação não pretendia um esclarecimento "iluminado" do povo, sendo que a maior parte deste era mantido com um baixo grau de escolaridade e numa estagnação de ideias útil à manutenção do regime. (Silva A. S., 2014, pp. 11-14) (Rosas, 2000, pp. 1042-1046) (Albuquerque, 2011, pp. 202-214)

Em termos económicos, ocorria um fechamento selectivo à globalização, baseando-se a economia numa exploração das ex-colónias e num protecционismo que privilegiava a

produção nacional. Relativamente à cultura, havia um fechamento selectivo perpetrado pela censura, bastante impermeável às influências internacionais. (Rosas, 2000)

Na sequência do que tem vindo a ser a nossa linha discursiva, e em termos do que diz respeito estritamente à cultura, a análise deste sistema e a sua substituição por uma nova ordem, é-nos útil sob o ponto de vista retórico. As formas de promoção ideológica do Estado Novo são mais uma forma de nos levar a questionar a realidade corrente e a forma de podermos desenvolver uma perspectiva distanciada da mesma e dos seus meios de propaganda.

Não optamos, portanto, pelo refutar preconceituoso e imediato da totalidade do que era o antigo regime, ficando o espírito sempre a ganhar com uma análise comparativa. De um fechamento económico, que foi também um fechamento ideológico, passamos para uma falta de alternativa ideológica e a uma não independência na real aceção da palavra, com as políticas comuns da União Europeia. A história do nosso país é também uma demonstração de como é possível subsistir numa lógica alternativa à da globalização e do mercado livre, com fraco apoio internacional, tendo o estado uma maior soberania, não obstante o conceito de cultura deste regime ser demasiado pobre e simplista.

Antes do 25 de Abril, estamos perante um regime totalitário, que defendia uma ideia de sociedade alheia ao seu próprio desenvolvimento cultural espontâneo, sendo uma sociedade que não se tem em conta na sua própria totalidade, no seu pós estamos sujeitos a toda a corrupção inerente a uma liberdade sem freio, em que a espontaneidade é corrompida, sob a bandeira da "liberdade" capitalista. Não saberemos o que considerar pior, se uma explícita censura, se uma censura que consiste em criar uma ilusória liberdade de pensamento, para depois o manipular de modo a que crie ele próprio a vontade de se auto-censurar¹⁰.

Por fim, constato que a prática política actual se estabeleceu num paradigma de mera administração, pondo-se raramente em causa os seus pressupostos.

Enquadramento Europeu

Foi após a ruptura com este sistema de cultura de propaganda que chegámos à abordagem do conceito de cultura que tem em conta a sociedade como um todo na sua manifestação espontânea. Uma ruptura tardia que determinou um despertar tardio, se

¹⁰ Ainda em linha com as ideias expostas sobre a sociedade industrial, baseadas em Adorno.

comparando-nos com o resto da Europa, tendo as suas repercussões ao nível do quanto nos podemos equiparar ao cenário internacional e ao plano de desenvolvimento comum da União Europeia. O estigma do antigo regime fez-se sentir numa descentralização tardia, políticas locais pouco desenvolvidas, uma literacia abaixo da média europeia, uma baixa rede infra-estrutural e, sumariamente, a um baixo desenvolvimento social e económico, na linha do que se veio a pretender como standard. (Conde, 1998) (Barreto, 2002)

Como já referi, o que identifico como primeiro passo num plano de desenvolvimento internacional que engloba a cultura como base do mesmo foi o estudo da UNESCO "Cultural industries - A challenge for the future of culture" (UNESCO, 1982). Após esse primeiro passo, foi-se implementando crescentemente uma preocupação com este sector nos planos políticos um pouco por todo o mundo ocidental. Em Portugal, verificamos que houve um impulso que nos levou a um maior investimento em infra-estruturas e um desenvolvimento do sector a partir dos anos 90, com avanços marcantes como a criação do Ministério da Cultura, culminando, a partir dos anos 2000, com o lançamento de sucessivos Programas Operacionais. O Tratado de Lisboa continuou uma linha de preocupação crescente com o objectivo de uma ainda maior articulação das indústrias culturais e criativas no desenvolvimento e um incentivo cada vez maior ao estudo e investigação da cultura como ramo político. Assim, correspondendo aos objectivos de base, foram sendo traçados planos de incentivo ao desenvolvimento cultural. Cultura 2000 (de 2000 a 2006); Cultura (2007 a 2013) e o que decorre actualmente, Europa Criativa (2014-2020)¹¹. (Comissão das Comunidades Europeias, 2007) (Centeno, 2009) (Xavier, 2012, p. 5)

O poder regulamentar da União Europeia tem em conta estudos de organizações internacionais, que por sua vez se baseiam em estudos de caso e locais, embora sendo estes tidos como insuficientes para uma imagem mais completa da realidade. (Comissão Europeia, 2006) No entanto, poderemos constatar, a nível nacional e internacional que, a partir da viragem do século e, principalmente, do início da década corrente, o número de estudos se multiplicou assinalavelmente.

Não obstante as nossas afirmações em relação a uma postura mais proteccionista e controladora do mercado do capital, ao que nos foi dado a testemunhar pelos trabalhos de que nos inteirámos, a nível do desenvolvimento do sector da cultura, faremos um balanço positivo

¹¹ <http://www.europacriativa.eu>
<http://www.enterpriseuropenetwork.pt/servicos/Lists/Programas%20Comunitrios%20e%20Convites%20em%20Aberto/SPDispFormBasic.aspx?ID=20>
<http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv:l29006>

da intervenção europeia em solo nacional. Tendo em conta que a estruturação do sector está fortemente influenciado pelas normativas internacionais, poderemos arriscar dizer que não teríamos atingido este ponto de desenvolvimento não fosse o esforço colectivo internacional, embora esse diálogo pudesse ser possível não acarretando toda uma série de dependências políticas e económicas.

As directivas europeias vieram definir um plano estratégico claro para as políticas culturais, embora, à medida que vamos caminhando das directivas gerais para o plano mais específico, se note uma perda do poder de concretização das medidas, até atingirmos a instância das políticas locais, já com bastantes aspectos votados à falta de critério.

Esta acção da União Europeia parece estar no caminho certo em muitos aspectos e, não obstante ainda seja preciso fazer muito mais, o que foi feito é uma estruturação em torno da qual falta acrescentar conteúdo e valor humano. É preciso também que a própria estrutura cresça, lançados que estão os alicerces, e abarque os vários aspectos que ainda estão fora do seu âmbito.

A política europeia não é, nem poderia ser, totalmente determinista, tendo em conta as especificidades, desde as questões internas de um país, até às da política cultural local. Este espaço deixado ao critério de cada instância, têm-se revelado, no entanto, muitas vezes infrutíferas, quer em termos de administração central, quer a nível local. (Silva A. S., 2007)

Eixos de acção europeus

Os eixos de acção da política cultural, começando pela sua definição a nível europeu, têm em conta o enquadramento na sociedade industrial e colocam a tónica na viabilidade e competitividade no seio da economia. Apesar de assumirem também as outras preocupações com o papel da cultura para a sociedade, estas parecem-nos ser remetidas para um segundo plano. Os seus argumentos prendem-se sobretudo com a preponderância do desenvolvimento económico e da importância da cultura neste aspecto, embora admitindo a importância dos factores de efeito menos mensurável. (Xavier, 2012)

A nossa realidade cultural está sujeita a um plano geral no âmbito da União Europeia, com o seu projecto político unificador e, dentro deste, a planos de desenvolvimento regional plurianuais (PDR) que dizem respeito aos objectivos e metas a atingir por um determinado país para corresponder aos índices de desenvolvimento traçados. No caso específico do sector

cultural, este plano, a partir dos anos 2000 deu origem a uma série de programas para a cultura que se repercutiram num constante crescimento do investimento na mesma, uma melhoria infra-estrutural e os sucessivos relatórios respeitantes aos resultados de impacto no desenvolvimento revelam-se positivos. Actualmente decorre o programa Europa Criativa até 2020¹². (European Union, 2014)

Começando pelo aspecto "menos económico", foca uma coesão a nível da sociedade e da sua identidade, o problema da inclusão de minorias étnicas, ou a quebra de barreiras entre sectores mais desfavorecidos e a restante sociedade. A cultura promoverá tanto esta coesão quanto tem o potencial de criar uma identidade unitária para um determinado povo, ou para uma união de povos se pensarmos na totalidade da Europa. (Comissão Europeia, 2006, p. 10) Entendemos, segundo esta última ideia, que devemos estar atentos ao facto de, também na contemporaneidade poder ser potencialmente forjada uma identidade com uma tónica onde se pretenda legitimar certas intenções políticas. De um modo menos claro que num regime totalitário, também a cultura serve de propaganda ao sistema vigente, imiscuindo nessa propaganda valores humanistas e altruístas de modo a melhor o legitimar.

Os alicerces desta coesão social são lançados numa eficiente articulação da cultura com os sistemas educativos. A sensibilização a uma visão global da sociedade em que se inserem, bem como a captação de públicos para a produção e para o espaço público culturais são factores chave desta estratégia em linha de conta com as preocupações internacionais. A articulação da cultura com a educação é, então, um dos elementos estratégicos para o desenvolvimento sustentado. Por outro lado, a aposta na educação só por si, tem resultados positivos se relacionada com o grau de participação na vida activa cultural. (Centro de Estudos Sociais, 1999) (Neves, 2001)

Numa vertente que alia a importância social à conveniência económica, o plano europeu incentiva a articulação da cultura com turismo, estabelecendo entre ambos uma relação simbiótica. Assim a própria cultura local é mercantilizada de maneira a atrair desenvolvimento e a dinamização da economia local. Ao mesmo tempo recupera-se o património, devolvendo-o ao espaço público estando assim a contribuir para o sentido de pertença da comunidade, dando um papel à história no presente. (Comissão das Comunidades Europeias, 2007) (Comissão Europeia, 2006, p. 9)

¹² Ver página anterior.

Estudámos, neste âmbito o caso específico de Barcelona que, sendo uma cidade que evoluiu com a industrialização do século XIX, num mundo ocidental em que esta foi remetida para as economias emergentes, precisava de crescer noutra direcção. Assim, o estudo de caso foi uma observação do modo como a cidade se adaptou à modernidade através de um aproveitamento de uma identidade cultural e do património que nela se foi edificando. É hoje uma cidade cuja economia vingou assentando no seu potencial turístico, o que se deve, em parte a um aproveitamento inteligente dos seus recursos culturais. (Balibrea, 2003) O paradigma da cidade de Barcelona é referido como um estudo de caso do que tem vindo a suceder decorrente da desindustrialização do mundo ocidental e no facto das suas economias já não assentarem no sector secundário. (Albuquerque, 2013)

Também o desenvolvimento de uma rede infra-estrutural capaz de criar um espaço público à altura das expectativas, bem como a redução dos desequilíbrios no acesso ao mesmo, das zonas mais periféricas, é uma estratégia-chave do plano europeu. (União Europeia, 2000)

Já na sua vertente de competitividade económica, a palavra de ordem da actualidade na Europa, tem sido a relação das “indústrias criativas” com a produção de tecnologias de vanguarda, nomeadamente o desenvolvimento de meios de comunicação e suportes de informação. Assim, a relação entre os conteúdos criativos e toda uma indústria de produção de suportes associada é um dos factores que mais pesa na equação da viabilidade económica da cultura e sua relação com o desenvolvimento. Exemplos disso vão desde a internet, sua necessidade de conteúdos criativos e respectiva relação com o desenvolvimento das TIC. Até as artes mais distantes da tecnologia se vêm influenciadas e forçadas a uma adaptação a novas formas de se tornarem viáveis. Este novo paradigma não nos deixa outra opção senão a de o seguirmos. Estamos então perante uma área tão vasta quanto a expansão destes meios de comunicação e temos uma Europa atenta perante este novo cenário. (Comissão Europeia, 2006, pp. 7-8)

Abrimos um parênteses para exemplificar um caso, por excelência, da impossibilidade de quantificação da real abrangência do sector cultural. Em termos económicos a associação da cultura acarreta um estigma de inviabilidade no mercado e de potencial afastamento de investimento privado. Assim, entidades que poderiam ser consideradas dentro da área da cultura, acabam por optar serem formalmente incluídas noutros sectores mais favoráveis à

atração de investimento, tornando-se “invisíveis” aos levantamentos estatísticos. (Comissão Europeia, 2006) (Augusto Mateus e Associados , 2010, p. 30)

Em termos transversais, a União Europeia incentiva também o diálogo intercultural, condições para maior mobilidade de bens e serviços culturais e melhor articulação dos meios de cada um dos estados membros. Ao mesmo tempo segue o vector do respeito e fomento a diversidade enquanto matéria-prima cultural. (Comissão das Comunidades Europeias, 2007)

Na linha das suas intenções mais gerais, procura um desenvolvimento de todos os seus estados-membros de modo a atingir a ideia de prosperidade como um todo para o espaço europeu. (Comissão das Comunidades Europeias, 2007)

Actualmente, decorre o programa "Europa Criativa", que vai ser levado a cabo no período de 2014 a 2020. Segue as linhas fundamentais do que foi descrito como sendo o plano de acção europeu, sendo que dá cada vez mais ênfase à inclusão do sector cultural e criativo como parte integrante do desenvolvimento e da economia, subjacente à criação de emprego. Também facilita cada vez mais a mobilidade no espaço europeu e o diálogo/articulação eficientes entre diversos órgãos nacionais. (European Union, 2014) (Xavier, 2012)

Observo, ao mesmo tempo, com optimismo e reserva o caminho de difícil retrocesso que estamos a percorrer no sentido de nos tornarmos cada vez mais uma província no seio da Europa e questiono-me acerca das garantias de que os nossos interesses sejam agora, e no futuro, protegidos. O facto da intervenção da UE se ter, até agora, revelado positiva para a nossa cultura, não significa que o conjunto de instâncias que vão cada vez mais encaminhando a Europa para um estado único não nos venha a pôr numa situação de dependência que poderá ser perigosa. Não me sinto em posição de concluir se o diálogo internacional, que seria o único modo de combater certos males globais, nos levará em algum momento a proceder a mudanças, indo estas contra o factor de compensação económica. Sendo assim, não descortino, a curto prazo, nenhuma solução de maior envergadura para a destruição de valor humano que tem vindo a ser perpetrada no seio da cultura, nomeadamente nas artes, pela hegemonia das indústrias culturais, ligada à forma de capitalismo que se tem vindo a praticar. Proponho, adiante, alguns modos de o poder já instituído ser posto em prática de modo a que se protejam os sectores mais frágeis. No entanto, alerta para o facto de essa protecção precisar de mais garantias e salvaguardas, partindo de uma legislação internacional.

Estando então, na mera continuidade do descrito contexto internacional, prosseguimos no nosso relato para a ramificação da política europeia que são as políticas nacionais.

Política Cultural Nacional

Uma vez que não é possível falarmos de política nacional sem falarmos da política europeia, os temas que iremos de seguida introduzir, desenvolvem os já apresentados, desta feita de um modo mais contextualizado. O plano nacional é, como que uma extensão do plano da Europa para o caso português, tendo em conta as suas carências e especificidades. O que é válido em termos de ideias condutoras para o plano europeu, é igualmente válido para o plano nacional.

Na maior parte dos casos, a política cultural central, não exerce uma acção directa. Em vez disso define os eixos segundo os quais os poderes locais irão efectivamente intervir. Só os projectos culturais de envergadura nacional são postos em prática directamente pelo poder central. Vale-se o governo do poder de legislar e regular, esperando que o que define possa ter um efeito concreto nas populações. Alguns dos incentivos estatais assumem a forma de comparticipação em projectos-chave para a estratégia política aos quais as autarquias poderão ou não aderir.

Algumas carências do sistema manifestam-se num modo de implementação deficiente de uma determinada política ou no insuficiente aproveitamento das estruturas construídas. Uma determinada boa intenção da política central incorre então, muitas vezes, no risco de não surtir o devido efeito que se pretende. Temos que ter em conta que estas medidas de incentivos estatais não devem definir por completo toda a prática da política cultural, devem definir os pilares da estrutura base da política em torno dos quais surgirá cada construção única que será a especificidade local. (Moura, 2004, pp. 102-103) Exemplo disso é a gestão das infra-estruturas. Por um lado, algumas destas obras encontram-se subaproveitadas, por outro lado não são estabelecidos critérios sobre actividades ou conteúdos fundamentais a desenvolver no seio deste espaço público. (Centeno, 2009)

Como já foi referido, as principais linhas condutoras da política cultural no nosso país estão de acordo com as directivas emitidas a nível europeu, do qual decorrem os Planos de Desenvolvimento Regional. O III Quadro Comunitário de Apoio definiu o primeiro programa operacional dedicado ao sector cultural que se pôs em prática em solo nacional. O POC visava um guarnecimento infra-estrutural fundamental para o desenvolvimento do espaço público; acrescentar desenvolvimento técnico e humano ao sector; uma redução do desequilíbrio que se fazem sentir das áreas centrais para as mais periféricas e criação de emprego e

desenvolvimento sustentado com base na cultura. (União Europeia, 2000) O impacto positivo no desenvolvimento, consequência da implementação destes programas tem sido consensual. (Centeno, 2009)

A estruturação do sector cultural tem uma alavancagem vincada, a partir dos anos 80, com a entrada de Portugal na Comunidade Europeia, chegando ao culminar da criação do Ministério da Cultura em 1995. Desde esse momento a tendência para o crescimento da cultura tem sido constante, interrompido apenas pela crise do final da década passada e consequente extinção do Ministério da Cultura em 2012, que veio a ser entretanto restaurado pelo actual governo. (Silva, Babo, & Guerra, 2015) Contribuindo para a estruturação do sector foi também criado, no ano seguinte ao MC, o Observatório das Actividades Culturais, um organismo estatal que visou uma monitorização do que veio a ser feito, reunindo-se uma equipa, proveniente maioritariamente do campo da sociologia, que levou a cabo vários trabalhos e levantamento / cruzamento de dados estatísticos. Vieram a ser feitas publicações regulares em que eram publicados esses mesmos estudos como a Folha OBS, que entretanto foi descontinuada. Este organismo encontra-se actualmente em fase de liquidação. (GEPAC)

Aproveitamos a deixa anterior para referirmos nomes e entidades ligados à investigação, desenvolvimento e progressivos retratos cada vez mais claros e guarnecidos de dados do sector. Na área da sociologia temos as equipas da Universidade de Coimbra e do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, que colaboram nalguns estudos, e do ICSUL (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa), associado a bastantes trabalhos na área. De relevar alguns dos nomes mais referenciados: Maria de Lourdes Lima dos Santos e Idalina Conde (ICSUL); José Madureira Pinto, Augusto Santos Silva, Luísa Arroz Albuquerque e Natália Azevedo (ISUP); Paula Abreu (UC). Muitos dos textos a que tivemos acesso, provenientes do OAC, foram redigidos por especialistas destes institutos.

Conta a elaboração destes trabalhos com os dados estatísticos do INE, bem como de trabalhos em campos culturais específicos, ou *clusters*, e dos dados que eles reúnem. Por exemplo, na disciplina Temas de Musicologia, do curso que fiz, tive a oportunidade de tomar conhecimento de vários trabalhos acerca do *cluster* da cultura musical alternativa, dos quais destaco a tese de Paula Guerra Tavares, pelo seu pormenorizado levantamento de dados que permitem traçar o perfil de um meio pouco explorado pelas ciências sociais. (Tavares, 2010)

Mais recentemente, verifico que se têm multiplicado as encomendas, por parte de entidades governamentais, de estudos e relatórios a sociedades de consultoria. Vai também ser

empreendido um novo ciclo de estudos, a ser promovido até 2020, na linha dos objectivos do programa Europa Criativa. (European Union, 2014) Portanto, apesar de queixas omnipresentes em relação à carência de estudos nos anos 90 e de estas ainda irem persistindo em alguns trabalhos, interpreto que, com a multiplicação dos estudos, a imagem do sector vai caminhando para uma maior clareza, que se irá reflectir numa melhor efectividade na acção política.

Para termos uma ideia dos números envolvidos na gestão cultural, vamos de seguida abordar em concreto o peso do investimento, geração de emprego bem como a responsabilidade na geração de riqueza. Para tal munimo-nos de dados provenientes de análises do INE, estatísticas do MC e trabalhos elaborados por consultores.

Em primeiro lugar, o investimento central no sector nunca ultrapassa muito os 0,5% do orçamento central anual, sendo uma percentagem que me parece bastante residual tendo em conta o discurso da cultura como base de desenvolvimento¹³. Concluimos, juntando dados presentes em diferentes estudos, que a geração de riqueza se aproxima dos 3% do PIB¹⁴. Por outro lado, a geração de emprego pelo sector cultural e criativo ronda os 2% do emprego total¹⁵. Já a despesa das autarquias com a cultura tende a ser superior, oscilando entre 1986 e 2003, entre os 3 e os 6,4% dos orçamentos¹⁶. A título ilustrativo, poderemos também dar os casos de 2011 e 2014, para ter uma ideia da repartição do investimento local por sector. As áreas principais de investimento são: património; artes do espectáculo; bibliotecas e arquivos, cada uma destas responsável por uma fatia de cerca de 20% do orçamento total¹⁷. Uma análise dos orçamentos das autarquias entre 2000 e 2014, permite concluir que os mesmos foram subindo até atingirem um pico em 2009, altura em que inflectem num decrescimento constante¹⁸.

Estes números são referidos pela literatura como estando abaixo da média europeia. (Xavier, 2012, p. 4)

¹³ (Gomes, Lourenço, & Martinho, 2006, pp. 15-16) (OAC, 2012, pp. 76-78)

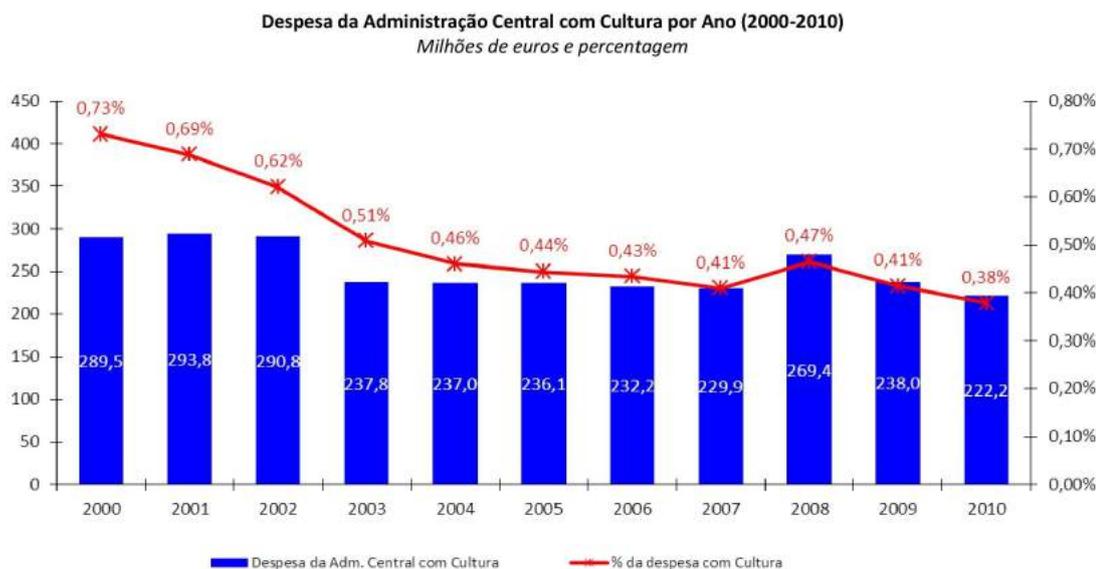
¹⁴ (Augusto Mateus e Associados, 2010, pp. 78-82) (INE, 2014, p. 30)

¹⁵ (Augusto Mateus e Associados, 2010, pp. 82-85) (Xavier, 2012, p.6) (INE, 2014, p. 30)

¹⁶ (Gomes, Lourenço, & Martinho, 2006, pp. 26-29) (Xavier, 2012, p.6)

¹⁷ (INE, 2014, p. 29) (Gomes, Lourenço, & Martinho, 2006, p. 29)

¹⁸ (INE, 2014, p. 29) (Gomes, Lourenço, & Martinho, 2006, p. 30)



Fonte: OAC a partir de MFAP/DGO, CGE.

Nota: Valores do total consolidado de 2006, 2007 e 2008 atualizados a partir da CGE_2010.

Gráfico 1 – Despesa da administração central com a cultura

Fonte: (OAC, 2012, p. 78)

Os dados que se nos apresentam diagnosticando este sector, apesar do seu valor ilustrativo carecem de alguma consistência. Por um lado, ao sector cultural, associam-se frequentemente tanto o turístico, quanto o desportivo sem que essa associação seja explicitada. Também as entidades orgânicas ligadas a este sector podem associar ou não estas actividades, levando-nos a potenciais equívocos. Por outro, devido ao que já analisámos como sendo uma classificação com critérios bastante variáveis das actividades culturais, quer a nível nacional quer internacional, ficamos sempre com dúvidas comparando dados provenientes de várias fontes, uma vez que podem englobar diferentes actividades sob uma mesma nomenclatura. Só após uma grande familiarização com esta área, podemos fazer uma análise mais crítica dos valores que nos são apresentados. É também difícil encontrar alguns dados mais específicos como o do investimento médio das câmaras municipais em cultura, investimentos em percentagem dos orçamentos totais, etc..

No seguimento da intensificação do desenvolvimento do sector, após a criação do MC e da relação deste com o plano europeu, levou-se a cabo uma campanha de criação de infra-estruturas básicas, tendo para o efeito sido criadas duas redes: a Rede Nacional de Museus, em 1999 e a Rede Nacional de Bibliotecas e Anfiteatros, em 2000, que visavam um

guarnecimento básico a nível nacional. Um dos objectivos seria o de cada capital de distrito ficar munida estruturalmente à altura de um desenvolvimento cultural ideal. Para além disso, empreendeu-se na reabilitação de museus e de organizações culturais que se encontravam em decadência. (Centeno, 2009) (Xavier, 2012) O desenvolvimento infra-estrutural, teve também alavancagem nos grandes eventos de impacto internacional, apoiados pela UE: Capitais Europeias da Cultura (Lisboa 1994, Porto 2001 e Guimarães 2012); Expo98 e Euro 2004. (Sá, 2010) A crítica que faz uma análise da realidade após a obra, refere que muitas destas estruturas se encontram em sub-aproveitamento, sendo que o investimento numa estrutura que não vem a realizar a sua função no seio da comunidade se revela infrutífero e um desperdício de recursos. O apoio estatal facultado na construção das infra-estruturas, não se seguiu uma linha de apoio à elaboração de uma estratégia que visasse os conteúdos ou o aproveitamento de espaços e sua dinamização, o que veio a subverter o seu propósito. (Centeno, 2009) Perguntamo-nos também acerca da pertinência ou adequação destas estruturas à realidade cultural local e se as directivas europeias, na sua standardização, não estarão cair na desadequação relativa a realidades mais específicas.

As deficiências de uma concretização eficaz das políticas começam por uma estrutura humana em que o factor de qualificação não está sujeito a regulamentações. Não existe uma formação específica exigida que corresponda a uma determinada função dentro do sector cultural, ficando assim os seus destinos entregues a uma arbitrariedade de decisões que poderão não ser as mais bem fundamentadas. No campo artístico e da programação cultural este facto é ainda mais notório (Albuquerque, 2011)

O próprio sector artístico-cultural privado ou semi-público encontra-se num estado bastante primário de organização relativamente a este aspecto. Existe uma forte precariedade no sector, instabilidade profissional, falta de garantias sociais, etc. nada parecendo apontar para uma maior estabilização nesta área. A actividade artística está votada à incerteza e à falta de uma perspectiva de carreira. Não valorizamos os nossos artistas, incluindo aqueles que, potencialmente, no futuro irão servir de símbolo para o nosso país, contribuindo para a sua riqueza cultural. Não nos envergonhamos de explorar e de lucrar com artistas que a seu tempo não foram valorizámos e persistimos no erro de não garantirmos condições para o desenvolvimento de talento. (RTP) Nas associações artísticas particulares impera a precariedade. Estudos revelam um alto nível de voluntariado, que poderemos também interpretar enquanto trabalho precário. (OAC / ICSUL, 2005, p. 67) Sendo o desenvolvimento humano um factor prioritário da agenda política, não se compreende porque não definir

primeiramente critérios em relação à formação daqueles que ficam a cargo da área da cultura. Também ainda não se pensou num modo de tornar a actividade artística em geral menos sujeita à incerteza, eventualmente passando pela atribuição de um estatuto diferente ao das demais actividades.

O aproveitamento dos recursos humanos anda a par com o aproveitamento das infra-estruturas no sentido de que deverá ser rentabilizado de modo a que não se perca duplamente o seu potencial e o investimento público que se fez neste último. A cultura deve ser menos o espelho de quem está à frente da mesma, mas sim o de todos os cidadãos e de uma ideia colectiva que se constrói no projecto político. A falta de critérios a que muito está votada a cultura no nosso país e as consequências desse abandono, fazem pensar acerca do potencial que adviria de um aproveitamento optimizado dos recursos disponíveis.

Se a falta de critérios se faz sentir a nível humano, fã-lo também a nível dos conteúdos culturais, não existindo nada que efectivamente proteja uma prática criativa incipiente, que regule o peso das indústrias culturais ou o próprio espaço a dar obrigatoriamente à produção cultural local, a esse nível. Esse espaço, no meu entender deveria ser dado, desde o festival em que imperam as multinacionais da música, passando pela galeria, onde deveria ser exposta uma percentagem mínima de artistas locais, até ao próprio orçamento que deveria reservar uma parte destinada a este incentivo, tudo isto sendo salvaguardado a nível regulamentar protegendo a produção independente perante a indústria ou a cultura local perante a globalização. Esta é uma ideia defendida por alguns autores. (Centeno, 2009) (Moura, 2004) (Costa, 1997)

Não podemos, no entanto, impor uma regra rígida de selecção de conteúdos culturais, sob pena de estarmos a fugir ao próprio conceito de cultura. Jorge Xavier refere que esta imposição não se pode impor de modo artificial nas populações. A relação entre o espaço público e as populações deve ser bilateral. (Xavier, 2012)

O apoio a uma produção artística independente e de vanguarda passa, não só pelo financiamento, mas também pela educação das populações, introduzindo-as ao seu significado que é também uma semiótica social. Estamos, portanto, a tornar uma população mais interventiva, incrementando o seu entendimento do mundo em que ele próprio se enquadra. (Costa, 1997)

Uma acção política, envolvendo a síntese entre "cultura tradicional", "cultura erudita" e "indústrias culturais" é uma das questões que verifiquei mais marcar o debate na sociologia, descrevendo-se o nosso país como bastante assimétrico neste aspecto. (Melo, 1997)

Na vertente de articulação com a educação, ao que pudemos testemunhar no estágio que fizemos, já têm sido promovidas bastantes iniciativas, embora a literatura considere essa acção insuficiente de modo qualitativo. Até ao ensino secundário existe uma carência de conteúdos artístico-culturais providos aos estudantes e uma falta de meios técnicos para os proporcionar. No entanto tem vindo a ser feito um esforço de sensibilização e um proporcionar de actividades dirigidas a escolas na oferta cultural. (Santos M. d., 2007) (OAC / ICSUL, 2005, p. 52 e 63) Numa perspectiva que associa o sistema de educação à administração cultural, salienta-se o peso diminuto dos conteúdos artísticos e da aproximação às diferentes linguagens que eles comportam, nos ensinos obrigatório e secundário, sendo este um dos pontos determinantes do distanciamento do público em relação às artes e um obstáculo à formação de uma visão crítica da sociedade cultural industrializada.

Relativamente ao aproveitamento de património histórico, Portugal tem vindo a pôr em prática a ideia de articulação do mesmo com o turismo, tal como estava definido nos eixos de acção da União Europeia. Também o património natural é aproveitado, estreitando a relação da cultura e do turismo numa relação de simbiose com o meio em que se instalam. (União Europeia, 2000, pp. 21-24)

No plano nacional, é de importância fundamental compreender a centralidade das urbes de Lisboa e Porto, enquanto centros culturais. É neles que está concentrado o nosso acompanhar dos movimentos internacionais de vanguarda. Esta tendência de centralização é, por um lado, algo que se pretende contrariar, por outro é uma tendência natural e que cria condições para o desenvolvimento de alguns movimentos (*clusters* culturais) que necessitam do um ambiente do tipo incubadora dos grandes aglomerados populacionais para emergirem e se tornarem viáveis. (Santos M. d., 2007)

As análises feitas pela literatura, assumem um acompanhar das tendências e abundância da oferta internacional de modo satisfatório pelas instituições dessas cidades, na actualidade. (Ribeiro A. P., 1998) Assim, o nosso país não peca pelo que se pode esperar da oferta internacional em si, mas sim, pela incapacidade de incentivar a nossa própria produção cultural e a descentralizar os meios dos centros urbanos por excelência. (Silva A. S., 2007, pp. 15-16)

Em relação à descentralização da cultura, redução de assimetrias e acesso democrático à cultura, os resultados são, portanto, menos satisfatórios, continuando a haver uma migração em massa para os dois grandes centros urbanos, não sendo criadas condições de subsistência da actividade artística em zonas mais periféricas. (Silva A. S., 2007)

A descentralização enquadra-se em algo mais vasto, o papel da democratização da cultura, que vai mais além do que a espacialidade ou o desenvolvimento de um aparelho que chegue a todos os lugares. Esse aparelho deve envolver todos os cidadãos na cultura, promover o associativismo e o acto participativo no eixo da criação, fruição e participação criativa. (Centeno, 2009) Neste contexto, referem existir fortes assimetrias, quer a nível do acesso à cultura, quer no apoio à produção artística independente. (Moura, 2004) (OAC / ICSUL, 2005, p. 32 e 51)

A questão do intervencionismo estatal é determinante numa definição do papel do sector cultural. Este deve ter em conta um desenrolar de acontecimentos no seio de uma comunidade como algo de espontâneo e inerente ao desenvolvimento social, no qual deve intervir com fins de o incentivar e melhorar a justiça social. Não será consentâneo com essa visão, que respeita a independência da evolução, uma mudança abrupta e artificial dos destinos da própria vontade popular, não obstante podermos também questionar-nos acerca da artificialidade com que o mundo industrial influencia a população. Compreendendo o processo subjacente a esta aculturação à força do capital, a acção de o contrair pode ser entendida como um esclarecimento de modo a que a população tenha uma maior liberdade de opção. Devemos então traçar uma política cultural na continuidade desta visão, uma espécie de síntese entre duas vertentes antagónicas. (Albuquerque, 2011)

Política Cultural Local

Chegamos finalmente ao ponto de concretização de toda uma estrutura de poder, que percorre o seu caminho desde os centros de decisão internacional até aos frutos das suas ramificações nos poderes locais. Cabe às autarquias a responsabilidade última pela realização eficaz do que começa por ser definido a nível europeu. Em última instância, são elas as responsáveis pela realização do que os órgãos de gestão superiores põem em teoria. A articulação directa com as instituições particulares, aproveitamento das infra-estruturas, gestão de património, elaboração de cartaz turístico, articulação com a educação, promoção de eventos e iniciativas, gestão da realidade social e suas necessidades específicas, etc., quase

todos os temas já abordados anteriormente num contexto nacional têm a sua realização directa no poder local. Algumas das questões enunciadas anteriormente, fazendo parte de uma estruturação global a nível nacional, poderiam constar neste capítulo, tendo em conta que a sua execução é levada a cabo pelo poder local. Obviamente, iremos abster-nos dessa redundância, ressaltando apenas as questões mais específicas ou que ainda não foram abordadas e fazendo uma súmula final da actividade política, o que, no fundo, é a política local.

Constata-se que, nesta lógica subalterna do mais para o menos dependente, as instâncias de poder local, se limitam muitas vezes a confirmar e executar a visão global que lhes é trazida pelos organismos superiores, não aproveitando o espaço dado pelas normativas à especificidade de condução das políticas regionais. As concretizações políticas são levadas a cabo numa lógica de incentivos e financiamentos a projectos específicos, quer por parte do estado às autarquias, quer por parte dos organismos internacionais ao estado português. A crítica que fazemos, baseada nos trabalhos dos quais tomámos contacto é, portanto, no sentido de os organismos ou do estado não se restringirem à execução destes incentivos e serem mais proactivos e inovadores na forma como conduzem a sua administração. (Silva A. S., 2007 , p. 15) (Centeno, 2009, p. 5)

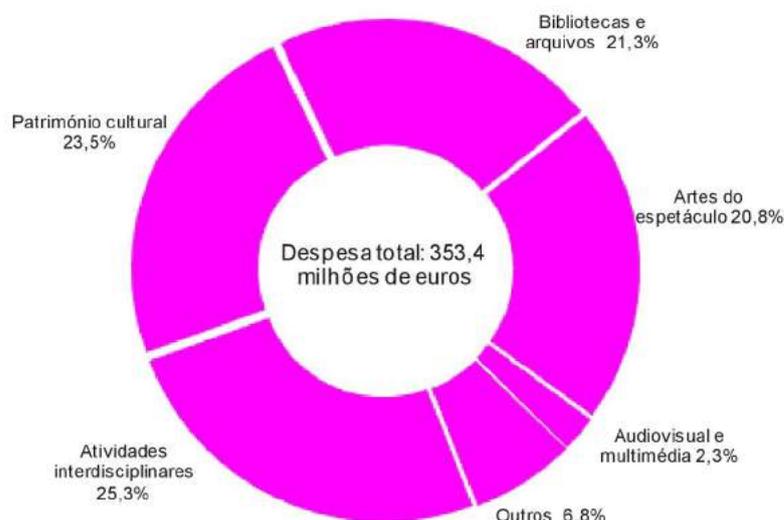


Gráfico 2 – Despesa municipal com a cultura, por sector, em 2014

Fonte: (INE, 2014, p. 29)¹⁸

Tal como pudemos constatar, aquando da abordagem ao investimento global na cultura, a parte mais substancial deste é feita pelo poder local, numa lógica de proximidade com a cultura no terreno. Lembramos o já referido facto do investimento por parte dos municípios ter sido crescente até 2009, desde quando tem vindo a decair ligeiramente. Os seus eixos mais importantes são a protecção do património / articulação com turismo, estabelecimento de públicos culturais e de oferta cultural aos mesmos. (Silva, Babo, & Guerra, 2015, p. 108) Verificámos que, ao nível da divisão sectorial do investimento, os dados concretos corroboram esta realidade, sendo que a ambos os sectores cabe uma fatia de cerca de 20% do total do orçamento. (INE, 2014, p. 29) O aumento do investimento em património e regeneração urbana para usos culturais, por parte das autarquias, foi crescente até ao ano de 2005. No entanto verifica-se que, em relação à vertente imaterial, já existe um défice de apoio. O crescimento no turismo, particularmente rural, foi certamente decorrente da aposta no património, tendo em conta a sua estreita relação. (OAC / ICSUL, 2005, p. 26)

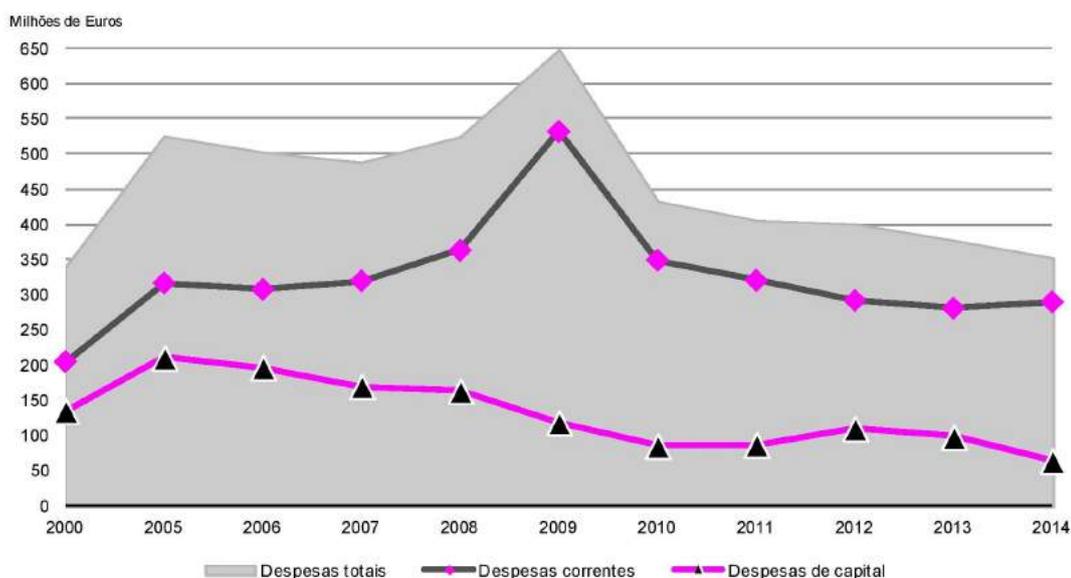


Gráfico 3 – Despesa da administração local com a cultura (em valor absoluto)

Fonte: (INE, 2014, p. 28)¹⁹

Ao poder de concretização do poder local, está subjacente o papel de uma equipa de gestão capaz de assimilar o que se pretende com a acção política, e que comporte uma visão global para a realidade local. A falta de uma coesão estratégica começa numa fraca

¹⁹ Para complemento destes dados, consultar o anexo 2.

assimilação destes princípios, por parte de uma estrutura humana, à qual está subjacente uma falta de critério no que respeita à sua formação. Para as diferentes áreas da cultura não se requer nenhum tipo de formação específica, pelo que a empregabilidade fica votada à subjectividade de quem tem o poder de decisão. Tudo isto afectando o que nos chega como receptores e contribuintes para a cultura como seres sociais. (Moura, 2004) É, em última instância, no poder local, que toda a concepção que temos vindo a desenvolver (cultura, arte, mundo industrializado, política) se irá concretizar em acções que afectarão toda uma comunidade. Não se requerendo esse conhecimento essas acções poderão ficar seriamente comprometidas.

Outra causa de especial obstrução ao desenvolvimento cultural está na falta de articulação, primeiramente a nível intermunicipal e, dentro do próprio município, entre este e as organizações dentro do próprio. As causas advêm de uma comunicação insuficiente que gera um desconhecimento quer das infra-estruturas ou iniciativas de parte a parte e de uma falta de atenção à realidade cultural envolvente. (Azevedo, 2003) (Sousa-Santos, 2007) Esta falta de entendimento estende-se às sub-divisões administrativas dentro da própria gestão local, levando as câmaras municipais a uma falta de articulação com as estruturas que as sucedem hierarquicamente - as juntas de freguesia. Tanto o estado como as autarquias poderiam também promover melhor a articulação intersectorial das entidades culturais. (OAC / ICSUL, 2005, p. 16) O poder de concretização política está concentrado na sede de concelho, pelo que se perde o enorme potencial que resultaria de uma gestão inteligente de uma rede de organismos, alargando as possibilidades de acção e, certamente, aproveitando com muito mais rendimento o potencial humano / estrutural. Para as juntas de freguesia, em termos culturais, fica relegada a tarefa que praticamente se restringe à dinamização do seu centro recreativo (muitas vezes deixado ao abandono), incentivo ao seu grupo etnográfico e à sua orquestra ligeira. (Silva A. S., 2007 , pp. 2-3)

Ao que me foi dado a testemunhar no estágio que fiz em Penacova, estas relações de inter-municipalidade foram quase inexistentes, especialmente no que toca ao centro urbano de Coimbra, de uma importância marcante. Também verifiquei algumas deficiências na comunicação intra-municipal entre várias entidades, embora mais esbatidas se comparadas com as primeiras.

Uma visão do espaço físico local como espelho de toda a comunidade, leva à conveniência de um enquadramento de vários organismos num edifício de acesso público,

onde coexiste um auditório, uma biblioteca e salas de exposição, organizando iniciativas que aproximem a população em geral desta incubação de conhecimento e cultura, servindo-os e permitindo que participem activamente na mesma. A necessidade da comunidade se rever na administração é uma espécie de espectrómetro de uma política atenta e esclarecida. Este papel activo é personificado e gerido na pessoa do gestor cultural. (Sousa-Santos, 2007) (Centeno, 2009) São as autarquias que vão fazer a gestão de todo este aparelho infra-estrutural, determinando o resultado do investimento no mesmo vir a revelar-se positivo para a comunidade, ou um fundo perdido. (Silva, Babo, & Guerra, 2015, pp. 106-107)

Voltamos a falar de criatividade, desta vez com o foco mais aproximado para o caso da cidade enquanto gerador da mesma por excelência. A cidade (ou centro urbano), na qualidade de centro operacional, funciona como o meio por excelência em que se desenrola um mecanismo de sedimentação cultural, que se vai transformando no tempo. É também o meio que serve de incubação ao desenvolvimento artístico, onde a proximidade e as infra-estruturas físicas e humanas criam o terreno fértil a uma viabilização de actividades culturais que, de outro modo, não ocorreriam. (Albuquerque, 2013) Esse dinamismo especial é o que, no conceito de "cidade criativa" funciona como base do desenvolvimento. Só aqui é possível surgirem, ou centralizarem-se *clusters* mais específicos que, num contexto mais disperso, seriam inviáveis. A política cultural deve estar particularmente atenta a esta efervescência de cultura e motivá-la o mais possível, para que os resultados sejam exponenciados. (Comissão Europeia, 2006, pp. 38-39) É fundamental que a intervenção a nível autárquico dê a maior atenção às associações e manifestações independentes, tomando partido da sua proximidade privilegiada. Deste modo estará a incentivar a dinâmica cultural que naturalmente emerge, muitas vezes sem necessitar, de ter um papel muito interventivo. Isto contribui para uma não "artificialidade" das políticas culturais e para uma maior integração destas na realidade social. (Moura, 2004)

É interessante a ideia de Luísa Albuquerque do funcionamento da cultura como um *software* que corre num *hardware* infra-estrutural. Este *software* no caso da cidade é o sistema operativo cultural. (Albuquerque, 2011, p. 4) Obviamente que o este transpõe a cidade, estendendo-se numa vasta rede de relações e dependências entre outros "centros de informação" social.

Inerente ao papel de interpretar as populações e proporcionar-lhes o serviço público de acesso ao conhecimento e educação, regressa a questão da síntese entre as vertentes

"tradicional", "erudita" e "industrial" da cultura. A nossa noção de que os conteúdos estão forjados ao sistema industrial, não pode determinar uma atitude de permanente confrontação. Deve também ser vista como uma mudança sociológica que nos afectou a todos nós e que, de ora em diante, teremos que assumir como parte integrante de uma mudança cultural, falando os autores que se debruçam sobre o assunto de uma incontornável relação com as indústrias culturais. No entanto, a administração local, com a sua prerrogativa de proximidade, é o imediato responsável pela atenção à emergência de fenómenos de produção cultural privada, às iniciativas mais frágeis em termos económicos, ou à manutenção das tradições imateriais como prioridade da sua política. (Centeno, 2009) (Sousa-Santos, 2007) Autores como António Pinto Ribeiro, alertam para esta necessidade de se investir na produção mais inviável. (Ribeiro A. P., 1998) Neste âmbito propunha que existisse um critério mais rígido relativo a obrigatoriedade de investimento cotizado nas diferentes vertentes de produção mencionadas, para além do privilégio à produção nacional e local. Tais critérios já existem, por exemplo, em meios de comunicação como a televisão ou a rádio.

O carácter de provedor dos organismos de gestão cultural ganha preponderância quando falamos da articulação com o sistema de educação, ou de outras iniciativas que envolvem a integração de públicos especiais. Tendo em conta que os conteúdos disponíveis para ambos os casos estão influenciados fortemente pelas indústrias, há que ter em especial atenção o proporcionar de alternativa e alargamento de perspectivas. No que respeita à articulação com o sistema educativo este contacto com manifestações que dificilmente alcançam o conhecimento dos públicos em geral, pode ser determinante em relação à postura em relação à cultura no futuro. Já em relação aos públicos especiais, tendo em conta que o mais recorrente é o da terceira idade, está muitas vezes associada a preservação e dinamização das práticas folclóricas que vão caindo em desuso. (OAC / ICSUL, 2005, p. 52)

Num balanço geral, posso concluir que tanto o estado como as autarquias não protegem suficientemente a produção local, as instituições amadoras e a aproximação do público aos mesmos. (Sousa-Santos, 2007) No âmbito da dinâmica, oferta, procura, fruição, espaço público, "de" e "para" o cidadão, também o estado tem a ganhar, uma vez que a sua comunicação com a sociedade se faz através da cultura. (Albuquerque, 2013, p. 8) Concluo, então que a administração cultural ainda tem muito a fazer para tornar esta comunicação mais democrática.

PARTE II

POLÍTICA CULTURAL EM PENACOVA - ESTÁGIO

5. A VILA DE PENACOVA



Imagem 1 – Edifício principal da Câmara Municipal de Penacova e Largo Alberto Leitão

Fonte: Google Maps

Começarei esta segunda parte por uma breve descrição da história da localidade e seu enquadramento geográfico, dada a relevância destes aspectos para a definição da cultura local.

Penacova, uma vila com cerca de 3000 habitantes, situa-se a cerca de 20 km de Coimbra, uma das cidades mais importantes da região centro do país. Esta última tem uma cena cultural bastante activa devido, principalmente, à importância da sua universidade. A estratégia para Penacova, deveria assim fazer uso desta situação privilegiada.

O nome da vila vem do facto do relevo muito acidentado ser a característica que mais ressalta da paisagem local. Esta localidade proliferou numa "penha" que desce abruptamente desde Penedo do Castro, no cimo, até à "cova", onde o rio Mondego penetra a paisagem predominantemente montanhosa num meandro tranquilo. As palavras "penha" e "cova" conjugaram-se assim para apropriadamente denominarem o local. (Pecurto, 1990, p. 12) (Saraiva, 2000)

A vila desenvolveu-se por estar num ponto estratégico em que era feita a travessia do Mondego por via de uma barca que ligava duas vias importantes para as trocas comerciais da região. (Santos A. C., 2010) (Pecurto, 1990, pp. 7-8) Para a importância do comércio que se praticava na região contribuiu a presença de um dos mosteiros mais proeminentes e antigos do nosso país, situado nas proximidades, o mosteiro de Lorvão, de que falaremos mais detalhadamente na última parte deste trabalho.

Tendo em conta estas especificidades que dão um carácter pitoresco ao local, a localização estratégica e também a presença de umas termas, foi existindo uma progressiva atracção de pessoas para Penacova, tornando-a um polo turístico, pelos inícios do século passado. A vila explorou durante algum tempo essa faceta, até que acabou por desperdiçar muito do seu potencial turístico, podendo para isso ser encontradas várias razões, entre as quais uma administração displicente. (Saraiva, 2000) (Borges, 1987, p. 226)

A vila assume-se como centro para o qual convergem os bens e serviços que servem as populações circundantes, não existindo porém uma dinâmica social muito expressiva na sua vertente extra laboral, aparte alguns pontuais eventos culturais. O poder de mobilização de populações, que poderia abranger não apenas as concelhias, mas também ter capacidade para atrair as de outros municípios parece-me ainda não aproveitada em todo o seu potencial.

Os locais de assinalar na localidade, que também servem como marcos turísticos são o já mencionado Penedo do Castro, onde, reza a história, a figura que lhe deu nome levava os visitantes partilhando com eles o seu fascínio pelo local. (Borges, 1987, pp. 227-228) (Saraiva, 2000) Digno de figurar num postal de Penacova temos também o miradouro Emídio da Silva, onde documentos medievais indicam ter existido um castelo. (Pecurto, 1990, p. 12) Perto deste último existe o antigo preventório, cujo edifício já teve várias utilizações, desde o antigo hospital, passando por uma instalação hoteleira até se tornar actualmente um amplo café-bar. A praça, ou largo, onde se situa a Câmara Municipal funciona como centro da vila, denominando-se "Largo Alberto Leitão". Tem a sul uma pérgula, projectada por Raúl Lino, com vista para o rio e onde, contiguamente, funciona um café apropriadamente denominado "Café Turismo". Vislumbra-se um aproveitamento deste espaço, propício à confluência da comunidade, para eventos culturais ao ar livre. O edifício principal da Câmara Municipal de Penacova, afirma-se proeminentemente no centro histórico local, de um modo em que a vila parece confluir para si, como que uma metáfora da importância da mesma para as gentes locais. Num bom exemplo de planeamento urbanístico e recuperação deste centro histórico,

respiramos a agradabilidade de uma comunhão do presente com o passado. Ainda neste local, numa das adjacências do largo está a sede do Turismo de Penacova e o edifício do antigo tribunal. Numa publicação recente da câmara, refere-se a intenção de se aproveitar este último para uma futura casa da cultura e das artes (ideia que aplaudo com empolgo). (Couto & Almeida , 2012) Mais afastado do centro, está o organismo principal da gestão cultural, o Centro Cultural de Penacova, também conhecido como edifício da Biblioteca Municipal de Penacova, onde efectuei o estágio que aqui relato, um edifício moderno, especialmente feliz na sua localização e enquadramento na paisagem. Nele estão centralizados alguns serviços culturais - biblioteca municipal, auditório, salas de exposições, escola de artes e arquivo municipal. Dado o âmbito deste trabalho, destacamos ainda a Casa do Povo, sede da Filarmónica da Casa do Povo de Penacova, onde decorrem também outras actividades culturais, mais ofuscada hoje em dia com a recente construção do Centro Cultural.

Nas redondezas, existe uma paisagem, para além de bela, rica em marcos históricos e naturais, como os moinhos de vento, que chegam a ser em grande número em algumas das serras circundantes. Um pouco a leste de Penacova, encontram-se os blocos de pedras que compõem o fenómeno geológico natural da "Livraria do Mondego". Para oeste, em direcção a Coimbra existe a “Estrada-Verde” que acompanha o mondego no seu serpentear, quase que esmagada pelo relevo que bruscamente se eleva sobre a mesma. (Não é para qualquer um este privilégio de percorrer uma considerada estrada-património nas suas migrações pendulares para o trabalho.) No Lugar de Lorvão existe o incontornável mosteiro e, a cerca de 20 km, a Mata Nacional do Buçaco, partilhada pelos concelhos de Penacova e Mealhada, onde se desenrolou a batalha histórica que, nos anos em que decorreu o estágio (2014-2015), comemoraram a efeméride dos seus aniversários com um bom exemplo de um projecto em parceria inter-municipal. (Bairrada, 2015) (Penacova Actual, 2014)

São também alguns os vultos históricos de relevo na região. Vitorino Nemésio, foi um escritor que se apaixonou pelo local e se tornou seu filho adoptivo, apesar de não ser um natural local. Comprou três moinhos no concelho, sendo um deles hoje o Museu do Moinho Vitorino Nemésio. António José de Almeida é, possivelmente, o natural da região mais proeminente a nível nacional. Com efeito, aquele que chegou a ser um dos primeiros presidentes da República Portuguesa, foi um grande impulsionador da imagem de Penacova no país e ainda hoje a vila lhe presta múltiplas homenagens, sendo uma cara da cultura local. (Torgal, 2004) Existe no Centro Cultural de Penacova uma exposição permanente de recortes da imprensa que lembram o impacto que esta figura teve na primeira metade do século XX.

Existe, apesar de um certo declínio no seu desenvolvimento no final do século XX, um novo fôlego para o prosperar da dinâmica social na região, com novas iniciativas a serem levadas a cabo, algumas delas oferecendo serviços às populações da região que antes estariam mais centralizados na capital de distrito. Apesar disso, há muito potencial no concelho, principalmente a nível turístico, que ainda se encontra desaproveitado, podendo este ainda dar um grande impulso ao desenvolvimento local. Que o contexto paisagístico quase idílico desta vila sirva de promessa, a um novo prosperar.

6. RELATÓRIO DE ACTIVIDADES

Passarei ao relato das minhas actividades ao serviço da Câmara Municipal de Penacova, relacionando, sempre que possível, a vivência prática com as informações que a literatura me facultou. Constatei que muitos dos pontos positivos e negativos retratados por esta se aplicam ao que experienciei e farei por enumerá-los sempre que se tornar pertinente.

Mesmo inconscientemente, segui alguns dos preceitos gerais em que se baseiam as políticas culturais, estando estes subjacentes a algumas das propostas que fiz no decorrer do meu trabalho na Biblioteca Municipal, por vezes mesmo antes de tomar contacto teórico com eles. A minha perspectiva, mais voltada para o mundo das artes, foi confrontada com a realidade de uma vertente cultural que nem sempre passava por uma abordagem directamente ligada a essa área. Apesar disso, acabei por encontrar interesses e desafios nas actividades que me iam sendo propostas, em especial, caí num fascínio pela história de Lorvão, decorrente de um projecto ligado à manutenção do património imaterial local.

Contexto do estágio

O Estágio que tive a oportunidade de fazer enquadrava-se no programa de Estágios Profissionais que proporciona o Instituto de Emprego e Formação Profissional, onde me encontrava inscrito. Após ter tomado conhecimento de que havia uma vaga na área da cultura no município do concelho de que sou natural, propus-me a concorrer. Tendo em conta os meus objectivos pessoais na área das artes e o meu interesse pelo valor patrimonial material e humano ligado às minhas origens, houve uma confluência de factores que despertaram um interesse decisivo na minha motivação para este trabalho.

Na entrevista para o cargo, que decorreu entre mim, o Vice-Presidente da câmara João Azadinho e Fernanda Veiga, vereadora da cultura, definiram-se as linhas gerais das minhas funções, bem como apresentei as mais valias de que me considero portador. Assim, e tendo em conta o meu conhecimento nas artes e a minha aptidão e estudos musicais, ficou definido que apoiaria as actividades que se viessem a desenrolar no Centro Cultural de Penacova, bem como cederia algumas horas semanais do contrato para apoio pedagógico na Escola de Artes de Penacova, com sede no mesmo edifício, como professor de guitarra. Relativo ao que considerei serem as minhas mais valias, referi o meu conhecimento em relação a entidades e

grupos artísticos da região de Coimbra (de música, teatro, etc.), as minhas ideias em relação a uma estruturação da programação anual para eventos culturais, bem como os meus contactos directos com pessoas na área criativa que poderia usar facilitando a contratação de espectáculos.

Os objectivos do estágio que efectuei, apesar de terem sido esboçados nesta fase inicial, foram sendo melhor definidos e assimilados por mim ao longo do meu processo de integração, que posso considerar ter decorrido desde Agosto até ao final de 2014. Por outro lado, fui compreendendo que a minha função era polivalente dentro da área da cultura, pelo que, em tudo o que se relacionasse com as necessidades deste organismo cultural a minha ajuda poderia ser potencialmente solicitada.

Passados poucos dias da entrevista recebi uma decisão abonatória e fui informado de que o meu estágio teria início no dia 18 de Agosto de 2014, com data de término a 18 de Agosto de 2015 (12 meses). Acabou por se estender até Setembro de 2015, tendo em conta o sistema de dias de férias que teriam que ser repostos, acrescentando-se ao limite do contracto.

No decorrer deste estágio, e devido às funções que me foram confiadas, comecei a encontrar bastantes relações entre o conteúdo do meu curso de Estudos Artísticos e o do meu trabalho na Câmara Municipal de Penacova. Optei, no referido curso, por abranger disciplinas que correspondem aos três ramos que proporciona: música, teatro e cinema. Isto permitiu-me ter uma visão mais alargada das diferentes artes que me veio a ser útil. Para além disso, a minha presença em Penacova pode considerar-se um culminar dos objectivos dos meus estudos, uma vez que uma das saídas especificadas pelo programa é, precisamente, a programação cultural e a assunção de funções em organismos culturais. Por outro lado, referindo-me agora aos conteúdos mais específicos da vertente musical do curso, da qual escolhi a maior parte das disciplinas, o nosso estudo recaiu na análise de partituras que fazem parte da tradição católica antiga, ligada ao cantochão. O objectivo é que sejamos capazes de identificar uma fonte manuscrita antiga, enquadrando-a no contexto das tradições regulares, descodificar a sua escrita e recuperar esse património do desconhecimento, contribuindo para um levantamento do mesmo e, em última instância, um mapeamento geral enquadrado na tradição ocidental. Como analisaremos no último capítulo, a parte que se revelou para mim mais interessante e frutuosa do meu estágio, foi a contribuição para o projecto "Memórias de Penacova" no que respeita às tradições musicais do lugar de Lorvão. Apresentando o folclore lorvanense uma forte influência das tradições monásticas, vi-me numa posição privilegiada,

em que poderia entender melhor as origens de certos cantares com a ajuda dos professores Paulo Estudante e José Abreu, que lançaram luz sobre algumas interrogações que ia tendo e aos quais recorria. Foi portanto um feliz acidente ter frequentado o curso ao mesmo tempo que levei a cabo este trabalho. A minha contribuição neste campo não foi, de modo nenhum, definitiva, tanto no rigor de suportes documentais como no material que ficou por levantar, mas serve como base para alguém que venha a prolongar o trabalho no futuro.

Programação e participação em actividades culturais

A Biblioteca Municipal, Arquivo Municipal, Centro Cultural, Auditório Municipal e, mais recentemente, a Escola de Artes funcionam num mesmo edifício e, exceptuando o último, são organismos pertencentes à Câmara Municipal de Penacova. Este edifício é conhecido como Biblioteca Municipal de Penacova ou Centro Cultural de Penacova. Existem dados com referência à sua criação desde 1902, mas o edifício em que funciona actualmente é bastante recente, datando a sua inauguração de 23 de Maio de 2011. (CM Penacova, 2017)

Aquando da minha chegada, no primeiro dia de trabalho a 18 de Agosto, foi-me apresentado o edifício cuja arquitectura está especialmente bem enquadrada na beleza paisagística ímpar do local. Uma espécie de anfiteatro natural, constituído pelas montanhas rodeantes penetra a construção através das amplas vidraças fazendo-a dialogar com o exterior. A sala da biblioteca, a sala de exposições e o auditório são assim dominados por este cenário. No escritório que me foi cedido, dispus de uma grande varanda onde podia apreciar esta agradabilidade e para nela beber uma motivação, nunca rotineira, para a rotina.²⁰

²⁰ Ver anexo 3.



Imagem 2 – Sala da biblioteca

Apoio na biblioteca

Reportando-nos de novo ao meu primeiro dia de trabalho, após esta simpática apresentação que me foi oferecida e derivado à época em que nos encontrávamos estarem a funcionar apenas os serviços mínimos do edifício, estando a minha orientadora local de férias, fiquei a ajudar na catalogação de remessas de obras que tinham sido doadas à Biblioteca Municipal pela Fundação Calouste Gulbenkian. Foi-me assim atribuída esta função até se definir melhor o meu trabalho.

Foi deste modo que ocupei o meu tempo até Setembro. Tive a oportunidade de aprender a lógica inerente à definição da cota dos livros e outras questões relacionadas com a catalogação dos mesmos. Por exemplo as diferenças entre as regras sistemáticas que variam entre autores chineses, espanhóis e outros, no que respeita à ordenação alfabética. Travei também proximidade com o software utilizado em bibliotecas para inventário digital e serviço de empréstimo.

Em Setembro foi o mês em que o Centro Cultural retomou o seu funcionamento em pleno, com excepção para as actividades da Escola de Artes, em que ainda tomavam parte as reuniões preambulares ao início do ano lectivo, a acontecer em Outubro. Portanto, no mês a que nos referimos, com excepção de uma entrevista com o director da EAP – Paulo Almeida, e de uma reunião com todos os professores do quadro, a minha atenção foi inteiramente dedicada a um primeiro contacto com o funcionamento do organismo da cultura e com as pessoas que o representavam, nomeadamente tive o primeiro contacto com a coordenadora, Paula Silva, que começou a esboçar uma orientação para o trabalho que eu viria a efectuar.

Desfile "Vestidos de Chita"

Logo nos primeiros dias de Setembro, começou por me ser entregue um trabalho de apoio à organização de um desfile de moda de vestidos de chita. O desfile realiza-se anualmente tendo, em cada ano, um tema específico com o objectivo de veicular cultura e informação acerca do mesmo. Nesse ano o tema foi o Festival da Canção. Atribuíram-me a incumbência de escrever o texto, que funcionaria como ponto ao apresentador do espectáculo, aludindo à história e evolução do Festival da Canção. Baseando-me na estrutura do texto do ano anterior como esqueleto estrutural do evento, acrescentei a informação que envolveu um trabalho de pesquisa acerca do festival. Fui também o responsável pela selecção musical que deveria conter canções que participaram/venceram o festival. Dadas as directrizes, fiz uma selecção cronológica que fazia os primórdios do evento coincidirem com o início do desfile e culminando na actualidade, no final. Por último, escolhi alguns temas para serem tocados e cantados por mim e por outros participantes no dia da apresentação, dentro do repertório legado por este festival.²¹

Neste evento, para além do conhecimento que a pesquisa me proporcionou, abri o precedente que viria a repercutir-se em toda a minha estadia no centro cultural, o de participar activamente a nível musical em alguns eventos, como performer.

Dia da Música

No dia 1 de Outubro de 2014, comemorou-se o dia da música com uma actividade direccionada a idosos no Auditório Municipal. Tratava-se de mais um dos eventos adequados a este tipo de público, mas com a peculiaridade de se tratar de um sarau musical temático, em que foi feita uma selecção de músicas do folclore português. Houve dois momentos nesse sarau, uma actuação de uma cantora e acordeonista proveniente da tradição folclórica e uma outra parte tocada por mim, acompanhando músicas do imaginário comum popular, que tinha o propósito interactivo de fazer os presentes cantar.

²¹ <http://www.acomarcadearganil.pt/penacova-centro-cultural-cheio-de-actividades>

Proposta estratégica e ponto de situação

Nesta fase ainda incipiente do meu estágio, foi-me proposto pela vereadora da cultura, Fernanda Veiga, entregar um registo por escrito das minhas ideias e da minha concepção estratégica para o município. Feita a proposta, e tendo em conta o breve contacto que tive com os projectos de programação para o auditório e o que tinha apreendido até então do funcionamento da cultura em Penacova, elaborei o plano que me pareceu adequado ao local. Tive em conta o que acima referi acerca do enquadramento natural e histórico e também o que já conhecia do concelho, enquanto natural do mesmo. Ao mesmo tempo, fiz um ponto de situação com a minha opinião acerca do que já tinha conseguido apreender do funcionamento da cultura até ao momento, ainda que pouco e sugeri algumas melhorias. Todo este documento se baseou em contribuir com a minha perspectiva e ideias pessoais, e deveria ser encarado enquanto tal, tendo a mais valia de poder contribuir com uma visão de alguém na área de formação artística, mas não deixando de valer apenas como opinião individual.

Comecei por focar a estratégia de programação para o Auditório Municipal. A minha ideia principal consistiu em sugerir a promoção de eventos com qualidade suficiente para chamar a atenção de públicos com interesse na área das artes. Notei que a programação não seguia um critério coerente, senão em relação aos eventos de cariz mais popular. Assim, sugeri uma programação de fim-de-semana consistente, com um ou outro nome suficientemente fortes para atrair a atenção. Baseei-me no facto de considerar que um espaço que gera uma imagem apelativa ao público interessado por arte, fá-lo-ia deslocar-se mesmo de fora do concelho, ainda para mais tendo em conta a qualidade paisagística de Penacova. Para além de que esse público apenas se interessará por consultar a programação de um espaço que se esforce por atingir uma imagem criteriosa. Por outro lado, uma vez este conquistado, provavelmente seria esse público o mais fiel e regular. Salientei também que esta estratégia seria uma opção que surtiria efeitos a médio-longo prazo e apenas com uma regularidade consistente. Certamente seria a opção mais difícil mas também a mais compensatória. Por último há que referir que todo este trabalho deve ser desenvolvido por um colectivo a quem se delegam responsabilidades partilhadas, apostando numa rede de consultoria informal, o mais vasta possível. De resto, como demonstrei no documento, é esta a estratégia que penso dever ser seguida pelas entidades culturais, o que vim a verificar estar em linha com as ideias comumente aceites relativas a este sector. No entanto, de uma forma mais *naïve*, talvez tenha posto demasiada tónica na atracção do público adepto de arte, descurando mais a lógica que

se estabelece entre uma dinâmica social e a oferta em franco diálogo com a mesma de que falam inúmeros textos. (Albuquerque, 2013) (Silva A. S., 2007)

Em termos de propostas mais concretas, dei várias ideias, quer para o auditório municipal, que considerarei mais adiante, quer noutros contextos. De assinalar, a exibição de cinema ao ar livre, aproveitando o centro da vila, com todo o enquadramento que já descrevi. Este evento traria para o concelho uma prática corrente que tem já demonstrado bastante adesão. A ideia seria que o próprio contexto em si atrairia as pessoas, pelo que se poderia aproveitar isso para a divulgação cinema mais alternativo.

Propus-me também a organizar exposições na sala própria para o efeito, embora na altura não propusesse nomes. Acabei por, mais tarde, fazer algumas sugestões, entre as quais, dentro da agenda disponível, foi aceite uma exposição de fotografia de Ricardo Grácio.

Na linha da iniciativa "Escritor do Mês" na qual a biblioteca escolhe um autor mensalmente que é destacado e promovido, sugeri, depois de consultar uma especialista minha conhecida (dentro da lógica de consultoria informal), alguns autores mais actuais - Valter Hugo-Mãe ou José Luís Peixoto, intercalados com outros já mais estabelecidos como António Lobo Antunes ou José Saramago. Relativamente a este último acrescentei a ideia de, durante o mês, se articularem também sessões de cinema esporádicas do auditório, exibindo o filme "Blindness" dirigido por Fernando Meireles, baseado na obra "Ensaio Sobre a Cegueira". A sugestão ficou remetida para uma eventualmente realização que nunca chegou a acontecer.

Programação para o auditório municipal



Imagem 3 – Auditório Municipal

Nesta fase inicial do meu estágio, foi quando tomei contacto com o modo como é anualmente fixada a oferta cultural dirigida ao público mais generalista. Neste contexto, tendo em conta a definição antecipada da oferta cultural antes do verão de cada ano e também o facto de alguns dias do calendário estarem reservados para a organização de eventos musicais promovidos pela Escola de Artes (que encetava nesse ano a seu contributo a este nível), apenas me foram disponibilizados 6 Sábados (o dia por excelência para este tipo de oferta) para sugerir e organizar eventos. Devido a vicissitudes ligadas a prioridades do Centro Cultural como alterações imprevistas no calendário desta programação, nenhum dos 6 eventos que cheguei a agendar e a organizar se concretizaram. Apesar disso, os contactos que levei a cabo foram entregues à coordenadora do centro cultural, estando em aberto a hipótese de os projectos serem concretizados no futuro, após o termo do meu estágio. Tive em conta factores como o incentivo a grupos amadores ou incipientes que reconheci como tendo qualidade, o apelo aos gostos do público e trazer pelo menos um ou dois projectos de maior envergadura. A gestão do orçamento que tinha disponível foi feita de modo a permitir um gasto maior neste último caso.

Passo a descrever um pouco de cada iniciativa e do que fiz em termos de organização. Apesar de, como referi, esta última se revelar infrutífera, representou uma parcela do meu trabalho.

Grupo de Fados "Pontes Sobre o Mondego"

Trata-se de um grupo de fados de Coimbra com um repertório que me parece especialmente bem escolhido. Tentei aliar o interesse do público em geral por este género musical com o apoio a um projecto de recente formação pelo qual nutro especial agrado. Acordei um orçamento e uma data com os membros. Este evento acabou por ser remetido para uma eventual realização no verão, num outro espaço, que se chegou a falar ser ao ar livre, mas acabou por não se realizar.

Banda "Casino Royal"

Entrei em contacto primeiramente com o mentor do projecto, que conheço e admiro enquanto compositor e produtor musical, antes mesmo de contactar com o *management*, que me revelou ter interesse especial em tocar na bela localidade de Penacova. Trata-se de Pedro Janela, que já tem um currículo profissional bastante vasto. Como produtor gravou inúmeros nomes conhecidos do cenário musical português. Como compositor faz música para publicidade, telenovelas e bandas sonoras de filmes como "Quinze pontos na alma" e "República", bem como já lhe foram encomendadas obras, num contexto erudito contemporâneo, como um "Requiem Electrónico" ou, pela Câmara Municipal de Coimbra, "Start Moving Slow" para as comemorações de reabertura Museu dos Transportes de Coimbra.

O projecto "Casino Royal", um dos do compositor, busca um imaginário que nos remete para o cinema, com uma imagem em que predomina o *glamour* como estilo de vida. A música contém ambiências tímbricas complexas que misturam sintetizadores e orquestra, tendo também uma vertente mais ligeira de melodias cativantes ao estilo "música de casino". Dispõem de um aparelho promocional bastante bom, chegando aos principais meios de comunicação. A *manager* Cláudia Ribeiro, disse que ia promover o evento como "um concerto especial", em que facilitariam no *cachet* tendo como contrapartida uma exploração adicional da bilheteira. O concerto acabou por ser substituído pelo que me foi dito ser a estratégia de programação associada à Escola de Artes, acabando por não se realizar, não obstante os esforços que fiz.²²

²² <https://www.facebook.com/TheCasinoRoyalBand>
Estúdios do autor Pedro Janela - <https://www.facebook.com/EstudiosMastermix>

Ricardo Grácio / Há música na aldeia

O músico Ricardo Grácio tem dois projectos baseados no seu empenho pessoal como compositor e arranjador. O projecto individual - Ricardo Grácio, assenta em obras compostas pelo autor que lançou recentemente o trabalho "Coisas com tempo". O artista faz-se acompanhar por várias violas tradicionais, que domina (campaniça, beiroa, toeira, braguesa, cavaquinho) e é solista de flauta transversal e gaita-de-foles. Do grupo fazem ainda parte uma secção de percussão e piano. Os temas têm bastante inspiração popular e há, inclusive, alguns arranjos da nossa tradição musical com cunho próprio. O músico tem a peculiaridade de ser bisneto do famoso Grácio, construtor das mais renomeadas guitarras portuguesas, o que pensei ter apelo publicitário. Neste momento é acompanhado por um agrupamento proveniente de um projecto escolar rural: "Há música na aldeia". Pensei que esta vertente tradicional pudesse agradar especialmente ao público penacovense.²³

Teatro: “As lavadeiras”

Esta peça é monólogo cómico, num estilo popular, projecto levado a cabo por Susana Ferreira, formada pelo curso de teatro da ESEC. Mais uma vez a intenção era ir de encontro às tendências populares. Seria uma oportunidade de ter um espectáculo num estilo que se associa ao da revista portuguesa, por um valor bastante acessível, tendo em conta que se contrata apenas um actor e a peça não implica muitos meios de encenação.

Iuri Chiforisin Trio

Iuri Chiforisin é um dos acordeonistas mais talentosos em Portugal. Tem um trio de acordeão, contrabaixo e bateria. Interpretam originais e música étnica com arranjos adaptados a uma sonoridade mais moderna. A música étnica tem influência predominantemente moldava que, terra de onde é natural o compositor. Para além das influências balcãs também interpretam valsas, tangos, etc., tendo uma vertente mais comercial adaptada às tendências.²⁴

²³ <https://www.facebook.com/hmaldeia>

²⁴ <https://www.youtube.com/user/IurieChi>

"À Direita de Deus Pai"

Espectáculo promovido por uma das poucas companhias de teatro profissional conimbricenses - Teatrão, enquadrada no projecto Plataforma T2, que visava dar oportunidades a iniciativas mais independentes de actores da companhia. A peça em questão, intitulada "À Direita de Deus Pai", é de carácter vincadamente popular, cômica, aludindo em conceitos transversais ao imaginário colectivo.

Este foi o único evento que não se realizou por minha responsabilidade, uma vez que, por engano, não deixei registadas as condições, havendo entre mim e a produção um desentendimento em relação ao que pensávamos já ter acertado previamente. Infelizmente não chegámos a conseguir negociar novas condições com que ambas as partes se sentissem confortáveis. Para evitar estas situações deve sempre enviar-se um registo, via email, da informação sobre o que foi acordado entre as partes.²⁵

Não pretendo ensaiar um motivo para que, sucessivamente os eventos que cheguei a ter agendados, fossem caindo um após outro. Na verdade isso acabou por me provocar uma certa desmotivação em relação a sugestões e esforços para a dinamização local. Neste sentido, não penso que o meu potencial tenha sido aproveitado da melhor maneira pela estrutura em que me inseria. Também penso que a organização deste tipo de eventos se encontra demasiado centralizada, o que vai contra a lógica de aproveitar ao máximo um potencial de consultoria em rede que já tinha referido anteriormente.

Eventos culturais fora do espaço do Auditório Municipal

Fora do âmbito estrito da programação para o auditório, ainda levei a cabo a organização de outros eventos culturais que passo a descrever, uns como meras sugestões, outros nas quais efectuei diligências com fim à sua realização e apenas um que consegui efectivamente realizar.

Começo por enumerar as sugestões que fiz que me deram a entender serem viáveis e para as quais cheguei a encetar a organização.

Fiz contactos no sentido de trazer a Penacova uma peça de teatro itinerante, por parte do grupo "Fatias de Cá", que sabia ser especializado na área. Os responsáveis chegaram a

²⁵ <https://www.oteatrao.com/plataforma-t2/projeto-selecionado-2014>

referir-me já ter tido contacto com a CM de Penacova no sentido de fazer uma apresentação no Mosteiro de Lorvão que não se chegou a realizar. Desta feita a ideia seria uma encenação na Mata do Buçaco. Esta peça estava em linha com a articulação da cultura e a dinamização de um espaço físico natural a preservar. Também em relação a esta proposta acabou por não me ser dado nenhum *feedback* e não chegou a ser levada a cabo.

A sala de exposições, que fica em frente à entrada do edifício cultural, funciona com exposições mensais, sendo que me referiram haver apenas um ou dois meses livres para as minhas sugestões. Assim propus-me organizar duas exposições, uma delas acabando por não se agendar - convidei Juliana Birrento, de apenas 20 anos, na altura, uma pintora que considero bastante promissora, de inspirações impressionistas. Provém do atelier / galeria de arte ABA, em Aveiro e, mais recentemente já expôs em vários países da Europa, incluindo na cidade de Paris.²⁶ A outra, uma exposição de fotografia, tendo sido realizada, relatarei-a mais adiante.

Ainda no contexto de actividades que não se chegaram a realizar, volto a referir o cinema ao ar livre, que já tinha proposto no "Ponto de Situação" que escrevi.

Por último, fica o evento que estive mais perto de se realizar, uma apresentação de livros para crianças por parte do autor Rui Grácio, pai de Ricardo Grácio, também ele músico amador, filósofo e escritor. Rui Grácio é detentor da editora "Grácio Editor" especializada em publicações no âmbito da filosofia. Os livros infantis são produzidos e editados pelo próprio, explorando a vertente pedagógica da introdução a temáticas básicas da filosofia. Juntamente com o autor fiz uma selecção de títulos que propus a professores do ensino básico - "Olá, eu sou um livro", um incentivo à leitura e "Afinador de palavras" que aborda a questão da linguagem. Tendo em conta o facto deste tipo de actividades já ser recorrente em Penacova, seguindo as linhas de articulação com a educação propostas a nível central, pensei ser um evento especialmente bem enquadrado num plano em prática. Fui pondo ao corrente da organização deste evento a minha orientadora no local, esperando por que agendasse um dia definitivo para a sua realização. Acabaram, mais perto do fim do ano lectivo, por me informar que a escola já tinha já tinha um calendário de participação em apresentações de livros cheio para o ano corrente. Acabei por acordar verbalmente com a minha orientadora e coordenadora do Centro Cultural que poderiam realizar a actividade no próximo ano lectivo.

²⁶ <https://www.facebook.com/j.birrento>

"De como colher um universo" - Exposição de fotografia de Ricardo Grácio

Este foi um dos eventos em que mais me envolvi na organização uma vez que participei activamente, em parceria com o autor, na escolha do tema, das fotografias e, por fim, da montagem do material no espaço. Levei este projecto a cabo com o artista Ricardo Grácio, já mencionado relativamente à sua faceta de músico, mas também filósofo, escritor e fotógrafo. O título engloba todo um conceito ligado à actividade da pesca como um modo directo de "dialogar" com a vida e como metáfora que espelha a sensibilidade do autor de e para com este universo. A imagética presente nesta exposição, que associou fotos e adereços de pesca, está na continuidade do seu livro "Os guardiães das meias luas", especificamente, mas encontrando-se um pouco por toda a obra do autor que tem ligações à comunidade pesqueira da Póvoa do Varzim.

Tentei organizar uma inauguração, em que fiz por estarem presentes a vereadora da cultura e o presidente da câmara que infelizmente não puderam comparecer. Não obstante, a inauguração decorreu com bastante interesse, incluindo uma pequena performance musical com o grupo "Há música na aldeia". Por último, aproveitámos também esta oportunidade para colocar livros e cds do autor à venda, sendo uma maneira de o beneficiar, tendo em conta que as exposições só geram retorno com a venda das obras, o que, não sendo de artistas renomeados, dificilmente acontece. (Penacova Actual , 2015)



Imagem 4 – Inauguração da exposição “De como colher um universo”

Actividades para públicos específicos

Ao longo da minha estadia na Câmara Municipal de Penacova a minha participação foi requisitada para apoio, nomeadamente musical, a actividades pontuais que se dirigiam a públicos infantis ou idosos, com proveniência de parcerias da Câmara Municipal de Penacova, respectivamente, com as escolas e instituições de acolhimento a idosos. Passarei então a descrever as iniciativas em que participei.

Actividades para crianças

Uma actividade que foi bastante frequente ao longo do ano lectivo foi a iniciativa denominada "Hora do Conto" que consistia numa leitura, acompanhada por vezes de teatro de marionetas, de uma história com fins educativos. Foram inúmeras as vezes que me desloquei a centros escolares onde várias turmas se juntavam numa sala para ouvir o conto ou se deslocavam à Biblioteca Municipal, numa parceria entre as escolas e o poder local. O meu papel nesta pequena animação era o de fazer acompanhamento musical, à guitarra ou ao piano. A música tinha, para além do papel educativo, a função de atrair a atenção dos espectadores. A "Hora do conto" foi dirigida sobretudo às crianças dos primeiros ciclos de aprendizagem.²⁸

Particpei também numa apresentação de um livro da colecção "Uma aventura" com Ana Maria Magalhães, direccionado para o mesmo público, tocando música ambiente, tendo também tido um pequeno espaço de performance a solo.²⁹

Num contexto de educação primária / básica, estas iniciativas têm o papel de cativar e sensibilizar os futuros leitores para os imaginários da leitura, bem como potenciar uma abertura ao interesse pelos conteúdos que esta possa veicular.

²⁷ <http://www.penacovactual.pt/2015/04/fotografia-ricardo-gracio-expoe-na.html>

²⁸ <http://www.penacovactual.pt/2015/01/biblioteca-municipal-criancas-do-jardim.html>

²⁹ <http://penha-corvos.blogspot.pt/2014/03/encontros-com-escritora-ana-maria.html>



Imagem 5 – Apresentação do livro de Ana Maria Magalhães

Fonte: Página do facebook do Penacova Actual

Actividades para idosos

As actividades em articulação com as escolas faziam-se sobretudo da parte da manhã. À tarde era frequente receber instituições de acolhimento de idosos. Participei em várias actividades de animação sócio-cultural, para além do já referido Dia da Música, cujos conteúdos mais recorrentes eram o contacto com a música popular e a partilha de costumes que iam de encontro aos imaginários colectivos das pessoas daquela geração.

Dei também apoio a vindas de grupos folclóricos ou outras performances tradicionais, levadas a cabo por e para pessoas da terceira idade no Auditório Municipal. Neste tipo de actividades o público assumia um papel bastante activo, sendo solicitado a participar como parte integrante das animações.

Para a organização dos eventos fazia-se um pouco de tudo em termos logísticos, desde dispor mesas e cadeiras, ajudar pessoas com maior limitação de mobilidade, até servir um pequeno lanche no fim da actividade.

Outras actividades

A exemplo das actividades específicas já mencionadas, a minha colaboração foi solicitada um pouco pelos demais eventos que o Centro Cultural organizou em pequenas tarefas de apoio logístico, quer fosse numa instalação de material, quer fosse na ajuda ao

papel de anfitrião / guia, quer em qualquer pequena coisa que fosse precisa. Devido à minha área de formação, quando havia alguma necessidade que requeresse tecnologias de música era-me proposta a tarefa. Cheguei a auxiliar algumas vezes na sonoplastia no Auditório Municipal, embora já existisse uma pessoa na sua incumbência da função principal.

Como já disse, era-me recorrentemente pedido que abrihantasse eventos com momentos musicais, tarefa a que eu acedia com prazer. Lembro-me de fazer desde demonstrações ao piano em visitas guiadas e música de fundo em, pelo menos, uma inauguração de exposição e no lançamento do livro “28 Minutos e 7 Segundos de Vida” de José Alberto Carvalho.³⁰



Imagem 6 – Lançamento do livro de José Alberto Carvalho

Fonte – Penacova Actual

Leccionamento de aulas de música na Escola de Artes de Penacova

Paralelamente à programação cultural, exerci actividade colaborando com a Escola de Artes de Penacova enquanto professor de música, à qual cedi parte da minha carga horária, tomando-me 8 das 35 horas da jornada semanal. Pode dizer-se que estas minhas duas actividades se entrecruzaram tanto quanto o Centro Cultural vive em simbiose com a Escola de Artes. O facto desta última operar no edifício da cultura, bem como ficando responsável por parte da programação do Auditório Municipal, foi uma estratégia da CMP no sentido de

³⁰ <http://www.penacovactual.pt/2015/03/semana-da-leitura-jose-alberto-carvalho.html>

proporcionar uma oferta cada vez mais especializada e trazer novos públicos ao coração da cultura do concelho.

Para além desta relação estratégica, a EAP veio a ser um passo largo para o desenvolvimento local. O seu primeiro ano lectivo em actividade - 2014/2015, coincidiu com o decorrer do meu estágio. O objectivo deste projecto seria o de trazer um ensino de música, teatro e dança, seguindo os programas oficiais do Ministério da Educação e com equivalência ao ensino ministrado pelo Conservatório Nacional. O director é um professor do Conservatório de Música de Coimbra - Paulo Almeida. É um contributo para trazer o ensino da arte a populações distantes dos centros citadinos, permitindo àqueles que não teriam possibilidades de mobilidade uma igualdade de acesso, ou um acréscimo de qualidade de vida para os que já frequentavam este ensino em Coimbra, contribuindo para a manutenção destas populações no município. Como pude testemunhar pessoalmente, a ideia foi um sucesso imediato, confirmando esta necessidade por parte dos residentes neste concelho, havendo um afluxo de inscrições acima da resposta que a escola permitiu dar, vislumbrando-se a contratação de mais professores para um futuro próximo. Tanto quanto me foi dado a testemunhar, o efeito nos públicos foi também um sucesso imediato. O agregado familiar do estudante acaba por se associar às várias iniciativas promovidas pela escola, potenciando uma sensibilização para um género mais erudito. Não testemunhei nenhum evento promovido por esta escola no Auditório Municipal que estivesse abaixo da lotação esgotada.

Das 8 horas que semanalmente cedi à EAP, 7h30 destinavam-se ao leccionamento de aulas propriamente dito, ficando os restante 30 minutos preenchidos com o cumprimento das minhas obrigações formais para com a escola - inserção de sumários na plataforma online para o efeito, avaliações, reuniões, etc.. Por vezes a fatia de tempo dedicada à Escola de Artes era maior, no caso de participar em ensaios ou audições de alunos. Neste ponto a minha actividade entrecruzou-se com a de animador sócio-cultural uma vez que fiz várias apresentações públicas com os alunos e participei nos saraus de final de período escolar, com grande nível de afluência. Fiquei encarregue de leccionar a disciplina de guitarra uma vez que possuo formação nesse instrumento, primeiro no Conservatório de Música e, mais tarde no curso de música que frequentei, ficando ao todo com 12 alunos.

A minha actividade na EAP começou com as reuniões de início de ano lectivo, com o grupo de professores, onde foram definidos os objectivos e orientações-chave para o ano lectivo. Foi também um primeiro contacto com uma equipa de professores com mais

experiência do que eu, que se prestaram a ajudar-me ou esclarecer qualquer dúvida sempre que foi necessário.

Após este primeiro contacto com o projecto, encarregaram-me de participar na divulgação do mesmo, aproveitando o horário laboral que prestava à CMP. Fiquei encarregue de apoiar uma das professoras de teatro em actividades de sensibilização em várias escolas do município que consistiram numa apresentação que pretendia cativar o interesse de alunos desde o 1º ciclo ao 12º ano de escolaridade, para as áreas da música e do teatro. Deslocámo-nos às escolas num jipe disponibilizado pela câmara municipal, para fazer face ao relevo acidentado e regiões de difícil acesso, chegando, senão a todas, quase todas as escolas do município. Durante um intervalo de cerca de duas semanas tive a oportunidade de conhecer e apreciar ainda melhor todo o espaço concelhio e inteirar-me da realidade rural em que testemunhei o isolamento de algumas áreas com acessos mais complicados e escolas com muitos poucos alunos.

Nas apresentações, para além das informações relativas à frequência da escola, foram introduzidos alguns conceitos de teatro e música através da performance de *sketches* acompanhados musicalmente, onde cheguei mesmo a ter algumas participações teatrais. No que toca ao teatro focaram-se aspectos como o exponenciar da imaginação, a incorporação do personagem ou a expressão corporal. Através de jogos atraiu-se a atenção das crianças no sentido de as inserir num contexto de acção cénica. Aliou-se ao teatro a música enquanto mais uma vertente expressiva, tendo eu introduzido também alguns conceitos base, no sentido de cativar potenciais interessados.

O gabinete que me servia para trabalhar durante todo o dia era o mesmo que, a partir das 17h15 da tarde usava como sala de aulas. Tive 12 alunos ao todo, cada um colocando-me desafios específicos de ensino. Apresentavam-se na faixa etária que corresponde ao 1º ciclo, uma vez que fiquei encarregue do nível de iniciação e de eventuais interessados em inscrever-se em cursos livres, em que não há limitação de idade ou condições de aceitação por parte da escola. Os objectivos da iniciação são uma primeira introdução à música e ao instrumento, não perdendo de vista os objectivos programáticos em que irão empreender a partir do 1º grau, mas gozando de alguma flexibilidade a nível de conteúdos. Assim, aproveitei para uma abordagem menos voltada para o conservadorismo clássico, típico do ensino oficial e, embora não descurando essa parte, dei também espaço à introdução a técnicas mais variadas na abordagem do instrumento. Tive em conta não apenas aprendizagem da leitura e a evolução

baseada em peças de progressiva dificuldade, mas também o desenvolvimento da criatividade, intuição, capacidade de improviso, introdução a conceitos teóricos, etc.. Procurei dividir-me entre o que considerava serem necessidades pedagógicas e as expectativas do aluno. Tive alunos mais dotados que me deram especial prazer ao conseguir que desenvolvessem a sua técnica e tocassem peças de um nível mais avançado. Responsabilizei-me também por dois alunos com necessidades educativas especiais, um deles com uma forma de autismo ligeiro. Estabeleci metas de acordo com o ritmo de cada aluno, com um critério de relatividade. Aprendi, a lidar com um leque de alunos mais vasto do que estava habituado como professor particular antes do estágio, pelo que a minha experiência nessa área cresceu.

Parte dos objectivos de aprendizagem prendem-se com a música na sua vertente colectiva e performativa. Por isso, uma vez por período, os alunos têm que fazer uma audição da classe do instrumento com colegas seus, bem como duas apresentações gerais anuais, uma na época de natal, outra no final do ano lectivo. Para o efeito são preparadas peças colectivas, que agudizam uma concepção da totalidade da obra e do papel que lhes compete como parte da mesma. Havia também espaço para algumas apresentações individuais, que tentei caberem sempre a alunos diferentes, com vista a dar o máximo de oportunidades possível. Estas performances servem também como síntese do trabalho que se vai desenvolvendo.

Tive, com esta experiência, uma oportunidade única de contactar com o ensino oficial, bem como foi para mim um prazer ter contribuído para um projecto que considero ser uma mais valia para as populações locais e, ao mesmo tempo, que me proporcionou uma experiência ímpar enquanto professor de guitarra.

(EAP, 2017)

7. "MEMÓRIAS DE PENACOVA" - LEVANTAMENTO HISTÓRICO

O meu trabalho do dia a dia no Centro Cultural de Penacova, nos "tempos mortos" da organização de eventos e quando não estava a dar aulas era de contribuir para o projecto "Memórias de Penacova". Foi este trabalho que me tomou a maior parte da dedicação e tempo, que muitas vezes extrapolou o meu horário de trabalho. Foi também um dos motivos que me levou a articular este estágio com o mestrado que frequentei, devido à estreita relação que vislumbrei entre conteúdos de ambos. Até Janeiro de 2015 encontrava-me a trabalhar numa dissertação acerca da indústria cultural que, devido às minhas ocupações profissionais, nomeadamente com o decorrer do estágio a tempo inteiro desde Agosto de 2014, não estava a avançar ao ritmo que pretendia. O meu professor Paulo Estudante, que acabou por se tornar meu orientador, fez, entretanto, uma sugestão que surtiu em mim o efeito de uma epifania. Sugeriu-me aliar o meu trabalho, numa área que já de si se coaduna com o curso que frequento, substituindo a dissertação por um relatório de estágio conjugando vários aspectos - a pesquisa em que já tinha empreendido acerca das indústrias culturais que acabou por se tornar determinante na minha visão acerca das políticas culturais, a relação dos conteúdos do curso com a actividade no sector cultural e, mais especificamente, a relação entre os conteúdos do ramo de música, com a minha pesquisa ligada ao património imaterial de Lorvão e às práticas monásticas regulares. Após ter aceite de bom grado esta sugestão, que acabou por colmatar um certo impasse em que me encontrava, definimos que o relatório de estágio iria conter uma parte teórica que partiria de uma análise mais geral até chegar à especificidade das políticas culturais locais e consequente inter-relação com as actividades desenvolvidas no estágio. Também aproveitei, para efeitos do trabalho a que este capítulo se refere, para obter junto dos meus professores o apoio do seu conhecimento, procurando respostas às questões que me iam surgindo, esclarecendo dúvidas ou requerendo orientação ao nível da investigação e seus procedimentos.

Acerca do projecto "Memórias de Penacova"

O levantamento de documentação, no qual tomei parte, faz parte de um esforço da parte da CMP por preservar o património material e imaterial da região de Penacova. Desde 2012 o projecto "Memórias de Penacova" tem vindo a dar maior fôlego à investigação, sistematização e promoção do património histórico, recolhendo informação relativa às

tradições da memória colectiva e criando iniciativas para a dinamização do diálogo das populações para com o seu património cultural. É também uma tentativa de acompanhar os objectivos da UNESCO no que respeita ao papel da biblioteca pública na preservação e promoção do património. A iniciativa é coordenada pela minha orientadora local, Paula Silva. (Silva P. , Memórias de Penacova, 2015)

No decorrer do meu estágio, testemunhei, nesse âmbito, um esforço de recolha de cantares, orações e usos e costumes, junto das populações e entidades culturais e recreativas. Estava também em andamento uma reorganização do Arquivo Municipal que se transferiu para o edifício da cultura aquando da sua construção. Para além disso, estava a constituir-se um repositório digital de fotografias com vista a documentar todo o tipo de tradições, património e belezas naturais do concelho, a ser publicado *online*. Alimentando-se de contribuições voluntárias por parte de quem detém estes registos, à data contava já com milhares de fotografias. De destacar também a candidatura da prática paliteira de Lorvão a património imaterial de Portugal, que foi feita no ano de 2015, aprovada pela Direcção Geral do Património Cultural em 2016. (Penacova - Jornal do Município, 2016)

Feito este levantamento é de importância fulcral a sua promoção junto das populações e sensibilização das mesmas para a história local. Assim, um dos objectivos a atingir é uma nova dinamização e unificação do tecido social para os objectivos comuns de uma mesma comunidade, tal como referimos na parte teórica deste trabalho. Estes conteúdos foram sendo introduzidos um pouco por vários projectos de divulgação levados a cabo pelo Centro Cultural. (Silva P. , Memórias de Penacova, 2015)

Breve contexto histórico de Lorvão

Dado a minha pesquisa incidir principalmente na música tradicional de Lorvão, é importante fazer um breve enquadramento da história local, da qual advém este legado.

Aquele que, pelo seu trabalho, se nos depara como o maior estudioso da história local, com maior contributo em termos de investigação e de número de obras publicadas é o Dr. Nelson Borges, professor da Universidade de Coimbra, fundador e presidente da Associação Pró-Defesa do Mosteiro de Lorvão. Entre outros autores de trabalhos sobre o mosteiro e a localidade podemos também assinalar José Leite Vasconcelos e, a minha orientadora, Paula Silva que tem vindo a fazer publicações e a promover a divulgação da investigação local.

Lorvão é uma vila pertencente ao concelho de Penacova, com uma expressão populacional semelhante à da sede de concelho, cerca de 3898 habitantes. Encontra-se num vale rodeado de montanhas que criam uma espécie de anfiteatro natural, idealmente propenso para o mosteiro que nele foi fundado e que foi determinante para o seu desenvolvimento. Efectivamente, toda esta ambiência, parece uma extensão da clausura religiosa em que impera a calma e o fechamento em relação ao mundo exterior. Não poderemos falar da história de Lorvão senão ligando-a intimamente à história do seu mosteiro. (Junta de Freguesia de Lorvão)

A data de fundação do Mosteiro de Lorvão ainda é discutida pelos historiadores havendo registo indubitável da existência do mesmo em 878, aquando da reconquista cristã deste território, mas também fortes indícios de que terá sido fundado no século VI, em 547, pelo abade Lucêncio. (Borges, 1984) A *regula mixta* terá estado no Mosteiro de Lorvão desde os seus primórdios até vir a estabelecer-se, a partir do segundo milénio a ordem beneditina. (Borges, 1977) Desta segunda estadia, ficaram as que são consideradas obras-primas escritas e copiadas no *scriptorium* do mosteiro: o "Livro das Aves" e o "Livro do Apocalipse", que estão actualmente na Torre do Tombo.

Finalmente, em 1200, instala-se a ordem de Cister, através de D. Teresa e D. Sancha, netas de D. Afonso Henriques, ainda hoje veneradas como santas rainhas e às quais se dá um relevo especial no que toca à história local. A primeira foi casada com o rei de Castela, casamento que viria a ser anulado pelo papa, por proximidades sanguíneas, vindo depois a fixar-se no local. D. Sancha também habitou este mosteiro, acabando depois por ser transferida para o mosteiro de Celas, em Coimbra, sendo, depois da sua morte, transladada para Lorvão. (Borges, 1977)

Em 2015, coincidindo com a minha actividade em Penacova, comemorou-se o tricentenário das transladações definitivas das rainhas para túmulos de prata que estão hoje no altar da igreja do mosteiro, aquando da sua beatificação em 1715. Esta efeméride deu azo a uma série de iniciativas para a divulgação da história local, promovidas pela Câmara Municipal de Penacova. Entre elas estiveram a organização de conferências, colóquios e concertos comemorativos no mosteiro. Assisti, neste contexto, ao colóquio internacional, "Lorvão: Memória e Tradição", onde se abordou e expôs o que já tinha sido feito pela câmara municipal para a divulgação do património lorvanense. (Lorvão: memória e tradição - colóquio internacional, 2015)

Com a vinda de pessoas pertencentes à nobreza, chegavam grandes doações monetárias à instituição religiosa. O mosteiro prosperava de riqueza e, ao longo dos séculos, grandes obras de arte sacra foram erigidas. Os seus domínios, de norte a sul do país, foram também sendo alargados. (Santos M. L., 1997) As mulheres que vinham integrar a vida religiosa traziam também um séquito de servidores e trabalhadores que estiveram na origem dos primeiros fogos habitacionais de Lorvão, em inícios do século XIII. Foi-se estabelecendo assim, em redor do mosteiro, o que viria a evoluir para um grupo populacional com costumes muito próprios, do qual os habitantes de Lorvão de hoje em dia são descendentes. (Borges, 1977)

Depois do seu longo período de auge em termos financeiros e de património, o Mosteiro de Lorvão viria a entrar em decadência com o advento das revoluções liberais que se espalharam um pouco por toda a Europa. Estas extinguiram as ordens religiosas e os seus bens passaram a ser propriedade do estado. (Borges, 1977) Por consequência, hoje encontramos os bens do mosteiro dispersos pela Torre do Tombo, Museu Machado de Castro, Museu Nacional de Arte Antiga ou no Arquivo da Universidade de Coimbra, apesar de algumas peças do espólio do mosteiro se encontrarem ainda no Museu do Mosteiro de Lorvão. (CM Penacova , 2017) Nelson Borges, refere uma carta redigida por Alexandre Herculano, em que este retrata de forma comovente os últimos momentos vividos pelas últimas freiras do mosteiro, após serem impedidas de receber mais noviças. (Borges, 1987, p. 243)

Na fase de abandono que sucedeu a extinção, as populações locais aproveitaram para se instalar nas instalações do mosteiro, partilhando de um modo de vida em comunidade em que ainda mais se estreitou os laços das tradições colectivas.

Finalmente, no século XX as instalações do mosteiro foram recuperadas tendo sido nele instalado um hospital psiquiátrico que funcionou até 2012. Actualmente, as secções correspondentes aos antigos dormitórios encontram-se fechadas, em sub-aproveitamento. (CM Penacova , 2017) Também as demais imediações do mosteiro são referidas como carenciadas de intervenção com vista à sua preservação e aproveitamento, numa publicação recente. (Couto & Almeida , 2012, p. 8)

Enquadramento e metodologia

Fui encarregado, no início do meu estágio, de digitalizar 27 cassetes, recolhidas por iniciativa de um habitante do lugar de Lorvão - Luís Manuel Silva, membro do Grupo Etnográfico de Lorvão, que contém gravações de tradições imateriais, religiosas e laicas, testemunhos, histórias, costumes, crenças, rituais ligados a curas e mezinhas, orações e cânticos do lugar. Estas gravações foram feitas numa fase inicial de actividade do grupo etnográfico local, entre 1991 e 1993. Nas mesmas participam pessoas da terra das quais já poucas estão vivas, soube mais tarde em conversa com Luís Manuel. Estas digitalizações irão, posteriormente, fazer parte do Arquivo Municipal de Penacova. Este Grupo tinha, então, acabado de se lançar por iniciativa de locais em 1989, vindo a oficializar-se e a ser tomado como parte integrante da Associação Pró-Defesa do Mosteiro de Lorvão no ano seguinte. (Santos A. C., 2010, pp. 44-45)

Como tenho formação na área da produção musical, propus um novo método que substituiu o modo como tinham vindo a ser digitalizados os referidos documentos antes da minha chegada ao Centro Cultural, que permitiu com que o conteúdo das cassetes ficasse registado de um modo bastante fiel, impedindo grandes perdas de qualidade.

Partindo desta tarefa inicial comecei a tomar contacto com os conteúdos desses documentos e foi quando começou a germinar o meu interesse pelo que via ser uma riqueza invulgar de repertório popular. Logo neste primeiro contacto, compreendi que havia uma forte componente de apropriação por parte do folclore de melodias de um estilo religioso, na linha da tradição regular, algumas com um grau de complexidade exigente, principalmente para gentes que não terão tido formação musical. Ainda hoje se diz que os habitantes de Lorvão são os melhores músicos das redondezas.

Foi-me pedido que fizesse transcrições, por escrito, do conteúdo desses documentos ao longo do tempo em que não era solicitado para outras actividades. A minúcia de tal tarefa fez com que me fosse detendo e embrenhando ainda mais nos significados e história subjacentes às tradições.

Propus-me também, por iniciativa pessoal, nas transcrições que fazia, a acrescentar uma transcrição melódica dos cânticos, o que me fez recorrer aos professores do curso com vista a uma definição de critérios. A notação musical levanta inúmeros problemas e limitações quando aplicada a fontes que não têm outro registo senão a oralidade. Já as fontes escritas mais antigas, escritas em formas de notação caídas em desuso, são transcritas para a forma de

escrita actual utilizando-se critérios com os quais tomámos contacto ao longo do curso. As melodias que nos legou a tradição de Lorvão, tendo em conta a sua proveniência regular e posterior assimilação pelo povo, terão assim uma interpretação que envolve tanto a tradição oral como escrita. Estabeleci alguns paralelos com folclore de outras regiões ou encontrei algumas melodias religiosas mais comuns, estas já numa vertente mais secular, mas não consegui ir muito longe no que respeita à origem das mesmas, seria um trabalho a ser prosseguido ou incluído como informação útil noutros trabalhos de investigação. Optei por deixar um critério explícito. Nos casos em que se detectava um padrão rítmico ou um compasso, fiz uma transcrição mais exacta, usando as figuras correspondentes ao tempo ou mesmo a indicação de compasso. Quando não havia, ou não detectei, um padrão de tempo rígido, optei por diferenciar apenas notas longas de notas curtas, bem como assinalei o final de cada fraseado.

A data da fundação do Grupo Etnográfico de Lorvão, pouco antes das recolhas a que aqui se faz menção, foi especialmente feliz no sentido de ser contemporânea dos últimos testemunhos directos das tradições ainda vivas num contexto social já desaparecido. Hoje em dia o grupo etnográfico e o interesse de alguns locais são o que ainda mantém tradições como o "Pequei" ou o "Aumento das Almas", que testemunhei pessoalmente e documentei, no entanto, estas pessoas são já de uma geração que só tomou contacto directo com o tempo em que estas faziam parte do modo de viver lorvanense através dos seus ascendentes.

Reportando-nos de novo à influência do mosteiro, a extinção das ordens religiosas, no final do século XIX, foi um ponto de viragem a partir do qual a manutenção das tradições monásticas foi perpetrada pelo povo. A profusa diversidade de tradições e cânticos, muitos deles longos e exaustivos, com especial relevância a altura da Quaresma, manteve-se num viver que, neste aspecto, se pode identificar com o dos monges no interior do mosteiro. Cada tradição era própria de uma determinada altura do ano, quer em termos religiosos quer laicos, correspondendo a alturas festivas como a Quaresma, São João, Natal, etc.. As reminiscências da utilização do latim como língua oficial da igreja, estão ainda, surpreendentemente, no imaginário popular, no caso dos cânticos da procissão do Senhor dos Passos ou da doxologia, em algumas circunstâncias entoada em latim.

Idealmente, na prossecução futura deste trabalho, recuar-se-ia na história até aclarar o mais possível a origem destes cânticos, orações e rituais. Em alguns casos consegui estabelecer algumas correspondências com o demais folclore português, bem como com o das

imediações locais, ou encontrar relações bastante interessantes com melodias religiosas, no entanto, cada relação que se estabelece deixa ainda mais questões em aberto, a serem esclarecidas. Pesquisei nos principais cancioneiros e recolhas do folclore nacional para encontrar cruzamentos, correspondências ou informações do legado de Lorvão. Estas foram encontradas, mas sobretudo no folclore lúdico e festivo. Pesquisei cancioneiros gerais como o de José Leite Vasconcelos, Flávio Pinho, bem como nas recolhas de Michael Gioacometti, entre outros. Na síntese dos cânticos que elaborei, aparecem, para além daqueles com que tomei contacto directo, os cânticos que encontrei na literatura acerca do lugar de Lorvão. Um dos objectivos em que poderia culminar este trabalho, como já referi, seria uma eventual elaboração de um cancioneiro oficial de Lorvão, havendo ainda muito a fazer para o conseguir.

Na pesquisa relativa a cânticos de localidades próximas de Lorvão, dei especial enfoque aos da terra de que sou natural - Figueira de Lorvão, pelo facto de já ter vindo a fazer recolhas junto do grupo folclórico "Trigo Maduro" há alguns anos.

Levei também a cabo o registo em gravação de algum material que ainda não tinha encontrado documentado, nomeadamente cânticos da época natalícia que recolhi numa actuação do Grupo Folclórico de Lorvão. Fiz algumas entrevistas ao próprio Luís Manuel e a outros locais, bem como a familiares meus que residem nas redondezas. O autor das gravações alertou-me para bastantes termos que identifiquei erradamente aquando das transcrições, ou palavras que não constam no dicionário como "endoença", que não me soube dizer exactamente o que significava, o que remete para as limitações em compreender regionalismos "mortos" e registar a linguagem falada. Dispus também de algum material em vídeo que documenta várias tradições locais e que está disponível *online*.

O material recolhido junto da população é sempre passivo de uma análise o mais cuidada e esclarecida possível. Devem ser recolhidas várias fontes e estabelecer um "padrão médio". Não esqueçamos que o imaginário popular está à mercê da memória individual e pode ter variações, quer tendo em vista a sua evolução histórica, quer dentro de um dado lapso temporal. Devemos também ter em conta o enquadramento sociológico, indissociável do conteúdo imaterial em si. Por exemplo, as relações de poder que se estabelecem socialmente são determinantes no que vem a ser aceite como legítimo ou ilegítimo na tradição. Actualmente poderemos considerar que esse poder está concentrado na direcção do grupo etnográfico. Ouvimos explicitamente nas cassetes discussões dos locais acerca de como

seria a "verdadeira" versão de determinados cânticos. Detectamos que algumas pessoas têm primazia de decisão ou são aquelas a quem se dá mais autoridade quando existem dúvidas. Também ouvimos diferentes fontes individuais a darem versões ligeiramente diferentes de um mesmo material etnográfico, ou a mesma fonte, em alturas diferentes, estar à mercê da sua memória momentânea. Todos estes factores influenciam o modo como as tradições chegam até nós e o trabalho que fazemos ao tentar deixar um registo o mais "fiel" possível. Levanta a questão do que é essa própria "fidelidade" à tradição.

Em muitos casos o trabalho foi de síntese e colagem das diferentes partes que cada fonte facultava, chegando a esse tal "padrão médio" ditado apenas pelo bom senso do investigador, se bem que suportado por uma documentação que está sempre à mercê da discussão científica. Em alguns cânticos consegui chegar a uma síntese mais satisfatória, noutros, principalmente no material de maior extensão, ficou a dúvida em relação a qual seria a estrutura geral, não conseguindo obter nenhuma fonte com a versão integral de determinada tradição.

No decorrer do meu trabalho, tanto eu como o meu orientador, começámos a achar pertinente a hipótese de, pelo menos, esboçar um cancioneiro geral local, apesar da ambição que um projecto destes implica.

O cancioneiro que acabei por compilar do qual entrego algumas das transcrições em anexo, deve ser visto apenas como um compêndio provisório e não como um trabalho definitivo, facilitando uma posterior prossecução da tarefa que terá necessariamente que passar pela articulação das autoridades culturais locais com os habitantes do lugar de Lorvão envolvidos nestas questões. De qualquer modo, uma versão de um cancioneiro, por mais bem documentada que esteja, tem sempre um carácter inacabado, estando sempre passível de correcções, acrescentos ou revisões.

Propus à Câmara Municipal de Penacova a elaboração de uma pequena monografia sobre Lorvão que incluiria as recolhas dos cânticos e poderia eventualmente ser publicada pela entidade. Ficou a proposta sujeita a um futuro interesse.

Património imaterial de Lorvão

Como já referi, o meu trabalho concentrou-se na análise de património musical de Lorvão, no entanto, não podemos dissociar esta prática do seu contexto social, com o qual se

relaciona intimamente. A maior parte das tradições encontram-se ligadas a práticas seculares ou regulares relacionadas com o mosteiro, no entanto temos também as festas ligadas aos santos populares, com um carácter laico, e as tradições associadas ao trabalho ou costumes da vida em sociedade.

No contexto lorvanense, a feitura de palitos assumiu especial importância como uma forma de obter rendimentos para além do trabalho na terra. Era um labor relativamente leve que se fazia em comunidade, enquanto se desenrolavam conversas, contavam histórias ou trocavam ideias, era assim uma forma de estar e de comunicar. As mulheres, enquanto donas de casa, não tão propensas a trabalhos duros, eram as principais executoras desta actividade. A feitura de palitos terá tido a sua origem no mosteiro, quando este entrou em crise financeira depois da extinção das ordens. As freiras procuraram assim uma forma de poderem obter mais rendimentos. A população, sempre em relação estreita com as tradições monásticas, apropriou-se deste labor, tornando os palitos uma parte incontornável do seu património imaterial. (Borges, 1977) (Silva P. , 2005) Aquando do meu estágio efectuou-se uma candidatura desta prática a património imaterial. (Silva P. , Memórias de Penacova, 2015) Com ela estão relacionados vários cantares que constam no compêndio que elaborei. Uma das últimas utilizações das barcas que são uma das imagens de marca do concelho, depois de perderem a sua importância em favor de outros meios de transporte, terá sido a de transporte de pau de choupo trazido dos campos à beira do rio Mondego. (Pecurto, 1990, pp. 7-8)

Nos cânticos, podemos constatar as especificidades de linguagem dos habitantes de Lorvão, que muitas vezes pode induzir em erro a sua transcrição. Há também especificidades de pronúncia como a troca do “v” pelo “b”, ou expressões recorrentes como "minh alma", "surreição" (ressurreição). Outro trejeito comum é pronunciar um "n" antes do artigo definido. Ex: "Tem n a boca sequiosa" ("Tem a boca sequiosa"). É comum a utilização de "e" ou "ai" como primeira sílaba de um verso a ser entoado.

Quanto à forma de execução, é comum, nos cânticos religiosos haver uma voz de ponto. Os próprios versos são denominados pela população local como "pontos" de uma determinada melodia. Uma mesma letra pode ser usada em melodias diferentes, dou, neste contexto, o exemplo de um verso proveniente de fora da localidade, adaptado a uma melodia local.

*“Escutai meu menino
Escutai meu amor
Que são navalhadas*

Que cortam sem dor”

No cancioneiro procurei assinalar estas correspondências dos mesmos "pontos" em diferentes cânticos. Também, dentro de um mesmo cântico com os mesmos pontos, estes variam consoante a memória dos habitantes. Identifiquei também as variações que detectei entre diferentes versões. Nos casos mais extremos, é impossível conhecer uma versão integral, como é o caso das entoações mais longas, são apenas documentadas as várias versões parciais que se encontraram. Exemplo disso é uma melodia que se identificou poder ser entoada consoante 3 versos iniciais diferentes, que correspondem a três desenvolvimentos diferentes. Este cântico encontra-se anexado a este trabalho.³¹

“Quinta feira de endoença”

“A Virgem vai encabelo”

“O lavrador do arado”

Estamos perante um exemplo de dificuldade em saber se estes diferentes pontos fazem parte de uma mesma estrutura integral ou se existem várias versões. Pondo-se a segunda hipótese, em que situações seriam entoadas umas ou outras? Mesmo Luís Manuel teve dificuldade em iluminar-me acerca do assunto, bem como as anciãs que esse senhor entrevistou.

Em suma, as pequenas diferenças que se vão detectando entre várias versões pessoais de um mesmo verso e que nos remetem para uma evolução no tempo e no espaço, tornam impossível definir uma versão "cristalizada". Conto com os vários testemunhos presentes nos documentos em que me baseei, para traçar um retrato o mais verosímil possível das tradições que aqui descrevo.

A altura do ano mais profusa em termos de tradição musical é a da Quaresma. Fora dessa época temos o Natal e, na vertente mais laica, o Carnaval e os santos populares.

Do Natal recolhi directamente cânticos que o grupo folclórico apresentou no ano de 2015, bem como gravei Luís Manuel a entoar alguns deles.

Os cânticos dos santos populares eram de autoria de locais ou importados de outras localidades que poderiam ir das localidades contíguas até influências mais longínquas. Tenho um exemplo disso documentado, numa entrevista com o avô de Luís Manuel em que este

³¹ Ver anexo 5.

conta a história de como um vira minhoto foi trazido e adaptado por um local que trabalhou algum tempo na região.

Ainda dentro dos cânticos ligados a tradições religiosas, destaco o Bendito da Hora, que era cantado em 5ª Feira da Ascensão, entoado 9 vezes ao mesmo tempo que se colocava um ícone de Jesus Cristo no altar. O Bendito da Rua era uma adaptação do anterior com algumas alterações na melodia. Era cantado quando se levavam os últimos sacramentos a moribundos. No final destes cânticos, entoava-se a doxologia em latim.

Alguns dos cânticos seculares entoados nas celebrações eucarísticas são também de cunho local, como "Virgem Querida" ou "Avé Maria Sublime".

Para além das festividades, os cânticos de origem popular tendem a tratar de temas associados ao trabalho, costumes e crenças, alguns deles de carácter jocoso, com deixas relativas ao vício, à dureza do trabalho ou ao amor e sedução.

Deixo para o fim a descrição das tradições da Quaresma que era, como já foi dito, a altura do ano em que os cânticos e tradições religiosas são mais abundantes. O tom das melodias é de penitência, os rituais são mais alargados e exaustivos. A oração aparece intercalada com os cânticos, numa estrutura do tipo “cântico-oração-cântico”, em que está quase sempre patente a repetição ternária. (3, 6, 9, etc., repetições) Passarei a descrever os principais rituais que existiam nesta época. Alguns deles ainda se praticam, embora num contexto social renovado.

- “Aumento das almas” - Era feito todos os dias, desde a 4ª Feira de Cinzas à 4ª Feira de Trevas, na semana santa. Cantam-se 9 benditos, intercalados com rezas do Pai Nosso, Avé Maria e doxologia. Toca uma sineta 3 vezes no final de cada ciclo “cântico-orações”. No final do último ciclo reza-se um Salve Regina.

- “Pequei” - Pratica-se todas as 6^{as} feiras de Março da Quaresma. É um ritual em que se seguem alguns passos de Jesus no calvário, havendo um itinerário definido para o efeito na localidade. Entoa-se inicialmente o cântico das "3 Marias", segue-se uma entoação que se vai fazendo ao longo do percurso repetidamente.³² Nas paragens, a cada passo, um responsável faz o relato que lhe corresponde dando, de seguida, os pontos que tem registados. Uma plateia entoa-os encaixando-os numa melodia pré-definida. Possivelmente, quando o povo era iletrado seria um padre a deter o registo destes pontos. Segue-se uma pequena oração. No

³² “Pequei, Senhor, muito nos pesa. Tende misericórdia de nós.”

final, regressando ao local onde se começou, cantam-se as "3 Marias" novamente e reza-se o Pai Nosso e uma Avé Maria.

- “Festa do Senhor dos Passos” - Tradição comum a vários pontos do país, é feita de 2 em 2 anos, duas semanas antes da Páscoa. No Domingo de Ramos é feita uma procissão, em que é teatralizada a Via Sacra. O esquema da tradição é semelhante ao “Pequei”, contudo é feita de um modo mais elaborado, com ícones religiosos e acompanhamento pela orquestra filarmónica local. Até há poucos anos, em Lorvão, os cânticos ainda eram entoados em latim por músicos profissionais. Esta festa é feita em Lorvão há mais de 350 anos. (Junta de Freguesia de Lorvão)

- “Chagas e Martírios” - cantavam-se no final da procissão dos passos. É um cântico bastante longo, com 6 versos correspondentes às chagas e 12 correspondentes aos martírios. No testemunho dos documentos vemos que apenas umas raras anciãs se lembram da versão integral.

- “Alvoradas” – Feita em Sábado de Aleluia à meia-noite. Semelhante ao “Pequei” mas especificamente associada ao momento da ressurreição de Cristo. Os cânticos e pontos de cada passo, segundo o processo já descrito, descrito são próprios deste dia.

- “Almas Santas” – Também semelhante ao “Pequei”, é um exemplo de uma tradição de influência externa que algumas pessoas chegaram a fazer em Lorvão, mas não sendo tipicamente local.

- “Senhor Deus, Misericórdia” - Era entoado aquando da celebração eucarística, todos os Domingos da Quaresma, aquando da deposição de um ícone de Jesus no altar-mor.

Existem outros cânticos típicos da altura da Quaresma que não estão ligados a nenhum destes rituais, mas que eram cantados em casa ou no dia a dia como "A Virgem vai endoença".

Toda a descrição mais pormenorizada destes rituais está no cancionero que elaborei, com transcrição das letras e de algumas melodias que tive oportunidade de anotar aquando do meu estágio. Pode também encontrar-se na internet alguma documentação em vídeo destas tradições, disponibilizada por vários utilizadores.

(Junta de Freguesia de Lorvão)

O que ficou por fazer

Um trabalho histórico desta natureza nunca se dá por findo. Feito um levantamento que permita um esboço do que seria feito correntemente, prosseguimos para uma pesquisa mais profunda e mais alargada. Uma primeira abordagem, num plano ideal, seria a recolha exaustiva do máximo de cânticos locais e a entrevista de todos os portadores de informações em primeira mão acerca das tradições. Soube, por exemplo, que foram feitas mais recolhas, por parte de outro habitante, que, tal como aquelas com as quais tomei contacto, remontam aos anos 90, podendo estas no futuro passar a fazer parte do Arquivo Municipal. Em termos bibliográficos seria feita uma pesquisa exaustiva por todas as recolhas de material tradicional a nível nacional. Como se deve compreender, seria impossível empreender numa investigação desta envergadura apenas num ano de actividade parcial, tendo em conta os meus outros afazeres no Centro Cultural. Mesmo assim, penso ter ido além do que seria suposto tendo em conta o meu horário laboral.

Em relação ao aprofundamento da envolvência ritualística dos cânticos, sua história e relação com a cultura local, o trabalho é também infindo. Podemos sempre ir mais longe na compreensão destes fenómenos, deixando a descoberto novas interrogações. Este processo é também válido especificamente para a origem das melodias. O primeiro sítio a pesquisar seria nas fontes musicais manuscritas provenientes do mosteiro, em que poderíamos encontrar relações com o que ainda se preserva dos cantares lorvanenses. Num e noutra caso, penso que ainda estamos longe de chegar a um primeiro nível, chamemos-lhe assim, de relações de origem, que por sua vez desbravaria novos caminhos para a investigação. A título de exemplo, encontrei um cântico que corresponde ao coral “Erkenne Mich, Mein Huter” que aparece na Paixão Segundo São Mateus de Bach.³³ Por sua vez, a melodia que consta no referido coral poderá ter sido retirada da tradição religiosa ou oral e tratada pelo compositor. Daí por diante estabelecer-se-ia toda uma linha de investigação. Tendo o meu estágio continuidade, um dos passos seguintes da minha investigação, seria o de pesquisar na Filarmónica Boa-Vontade Lorvanense, as partituras referentes ao Senhor dos Passos, tentando chegar a uma origem e elos comuns com a demais tradição religiosa.

Alargando o levantamento do folclore a outras localidades circundantes poderemos começar a traçar um mapeamento e descobrir de que modo a influência do mosteiro foi viajando pelos imaginários que com ele tomaram contacto, bem como a influência de fora

³³ Ver anexo 5.

para dentro exercida no lugar de Lorvão. Encontraríamos certamente relações que poderiam traçar uma evolução ou uma explicação mais alargada de certos fenómenos. Apesar do que já pesquisei nesse sentido, muito mais poderá ser feito para encontrar correspondências e relações entre o folclore lorvanense e o das redondezas. Encontrei alguns cânticos comuns com os do lugar de Figueira de Lorvão, localidade onde também recolhi material, sobretudo relativos ao Carnaval e ao S. João.

Finalmente, considero este trabalho uma introdução ao modo como é feita uma investigação histórica que, para ter maior validade, teria que se complementar no futuro de um maior rigor e mais documentação. No entanto serve de humilde contributo para algo de maior envergadura que possa vir a ser feito. Deixo os dados que juntei e analisei para que possam vir a ser utilizados no futuro, com vista ao conhecimento cada vez maior da história e tradições locais.

CONCLUSÕES GERAIS

Relação com os conceitos teóricos

A feitura deste relatório de estágio acabou por coincidir com a fase final do meu estágio, sendo que, na altura estava no início do meu estudo teórico. Assim a lógica que se estabelece não é no sentido de comprovação prática de um estudo teórico, mas mais de uma compreensão *a posteriori* de um significado mais abrangente e sistematizado do que fiz. No decorrer do estágio, supor-tei-me num critério de perspectiva pessoal, à qual tentei demonstrar a lógica inerente, aquando das minhas propostas, bem como nos conceitos mais generalistas que me foram introduzidos no curso que frequentei. Mais tarde, desenvolvi essas ideias de um modo mais sistemático. Tendo em conta a minha vivência prática e o estudo das políticas culturais em que empreendi faço agora uma síntese das duas. Comprovo alguns aspectos com os quais tomei contacto na literatura, compreendo o alcance de certas políticas de um modo mais abrangente, reconheço alguns pontos em que tinha uma perspectiva ainda pouco esclarecida e vislumbro em que fase de implementação estão algumas ideias para o desenvolvimento. Relativamente a este último aspecto é mais ou menos óbvia a direcção que este vai tomar, no sentido de um enquadramento cada vez maior na economia e um assumir de maior importância no desenvolvimento social enraizado no mesmo. No entanto, ainda muito há a fazer em relação a permitir um nível mais alto de inclusão e oportunidades neste sector.

Estou então em condições de definir um novo suporte para as minhas opiniões e para uma síntese do trabalho que levei a cabo, permitindo-me estabelecer uma relação entre os conceitos teóricos e a prática que tive no centro cultural.

Reconhecendo as minhas limitações enquanto animador sócio-cultural, quis alargar a minha perspectiva acerca da arte e da cultura, elementos centrais que entendi serem os pressupostos de um trabalho competente no cargo. O meu estudo, reflectido por este trabalho, cresce a partir desse tronco principal. Prossegui numa aproximação às políticas culturais o que me proporcionou uma larga experiência que definirei em vários eixos.

Em primeiro lugar, conheci as várias instâncias de poder, sua organização e seus meios de acção. Fui introduzido ao modo como se processa a implementação do que é definido a nível superior, como funcionam os processos burocráticos e que diferentes

organismos estatais ou privados funcionam e se articulam de modo a formar esta rede dinâmica de gestão cultural.

No que respeita ao estado actual das ideias relativas a esta área política, compreendi o que levou a uma noção de crescente importância da cultura para o desenvolvimento. A multiplicação de estudos e diagnósticos do sector e seus resultados práticos está em franca relação com um entendimento cada vez maior e um incremento da sua eficácia na realidade social. O crescimento do sector cultural tem uma tendência a ser cada vez mais abrangente, englobando diferentes aspectos da prática política, colmatando o que se observa serem falhas do sistema ou questões ainda deixadas à mercê da falta de intervenção.

Por outro lado, conheci melhor a vertente da sociologia que se ocupa da cultura, sendo esta um conceito central para esta ciência. Pude constatar também alguns métodos de estudo sociológico, bem como a sua vertente mais reflexiva, abstracta e qualitativa que nos conduz ao desenvolvimento de uma análise teórica.

Em terceiro lugar, percebi em que patamar de desenvolvimento nos encontramos e em que grau de implementação estão as ideias subjacentes ao mesmo, desde uma perspectiva global até ao caso concreto português, culminando nas políticas locais. Intei-me do que já foi feito e do que falta fazer, tendo isso estreita relação com a realidade que observei directamente no meu estágio.

Os cruzamentos entre a realidade prática e os conceitos teóricos são omni-abrangentes, dos quais destacarei os mais importantes, ponderando a minha experiência em Penacova e as linhas teóricas que enunciei. Destacarei o enquadramento das actividades que decorreram ao longo do estágio na estratégia política, bem como analisarei a sua eficácia prática. Por último farei um balanço da minha experiência pessoal.

Edifício cultural como espaço público

A minha estadia no Centro Cultural de Penacova permitiu-me uma visão a partir de dentro da prática cultural num meio pequeno e predominantemente rural. Aqui a ideia de um espaço público que centralize a cultura num espaço único, assume especial importância na aproximação das populações à sua história, conhecimento e dinâmica cultural, permitindo-as contribuir activamente para a mesma. O edifício onde trabalhei vem assim colmatar esta necessidade enunciada na estratégia fundamental para a política cultural.

O dinamismo deste espaço baseia-se bastante em eventos para públicos específicos, em que a participação era activa e eficaz, mas penso que carece em termos de oferta e incentivo à aproximação do público num contexto mais generalista. Também penso que padece do mal geral de se render em demasia à influência das indústrias culturais e de ousar pouco numa oferta que valorize a inovação ou os conteúdos mais alternativos. Para colmatar o que penso ser uma carência, fiz várias sugestões, que já enumerei, não tendo sido a maior parte destas levadas a cabo. Excepção feita para as actividades ligadas à vertente da protecção do património material e imaterial, tendo eu testemunhado vários eventos com vista à divulgação e dinamização do mesmo.

Relações inter e intra-municipais

A responsabilidade que o Centro Cultural de Penacova tem a seu cargo é talvez, logo a seguir ao pelouro da vereação, a de maior relevância para o projecto político local, articulando-se directamente com o último. A dimensão relativamente reduzida do concelho, permite-nos visualizar mais claramente as ramificações do poder local e outras instituições que prestam um serviço cultural.

Ao que me foi dado a testemunhar, os relatos que li de uma ainda insuficiente articulação entre as instituições infra-municipais com o organismo central é uma realidade em Penacova. A oferta cultural pareceu-me estar demasiado centralizada, chegando até a denotar, em certos casos, o que interpreto como uma tendência para a concorrência ao invés da colaboração.

A Casa do Povo de Penacova, por exemplo, está neste momento, com alguma falta de apoio por parte da CMP e seria um local a ser mantido como alternativa ao organismo mais central, com um outro tipo de oferta e o aproveitamento de mais um espaço para a dinâmica cultural.

A nível mais específico, penso que também poderia haver um maior esforço de coordenação entre o projecto de levantamento imaterial "Memórias de Penacova", pelo menos na vertente de recolha de tradições imateriais em que trabalhei, e o que já tem vindo a ser desenvolvido pela Associação Pró-Defesa do Mosteiro de Lorvão, com um diálogo mais directo com as gentes da terra.

Algumas das relações que vi entre as juntas de freguesia e o poder central local tendiam a decorrer numa lógica de periferia para o centro, devendo ser feito um maior esforço para promover eventos descentralizados. Contraponho a esta crítica a necessidade de mais iniciativas como a da “Hora do Conto” que foi feita muitas vezes nesta lógica de descentralização.

Em termos inter-municipais, darei maior relevo à relação entre os municípios de Penacova e Coimbra, havendo uma falta de articulação em relação à qual não estou em posição de culpabilizar um ou outro. Estando num contexto de proximidade privilegiada em relação a este importante centro urbano, de especial relevância para a cultura nacional, deveria ser feito um maior esforço de coordenação. Proporcionalmente à expressão populacional, Coimbra ramificaria a sua oferta em termos de diversidade e Penacova ficaria a ganhar com uma potencial atracção de públicos do centro para a periferia, podendo também valer-se de iniciativas conjuntas para alargar a sua oferta. As potencialidades de uma estratégia conjunta seriam imensas.

Pelo contrário, um bom exemplo de coordenação inter-camarária durante o período do meu estágio, foram as comemorações dos 205 anos da Batalha do Buçaco, mata partilhada pelos concelhos de Penacova e Mealhada, em que se organizou um passeio que aliou um contacto com a história a um potenciar de atracção turística por via desta.

Património e Turismo

No campo do património, o aparelho de administração cultural mune-se de critérios mais concretos que vão desde a escolha de uma formação mais direccionada para o papel a desempenhar, a uma melhor organização e definição a nível operacional. Ressalvando a minha falta de especialização no sector, pareceu-me que o concelho aproveita bem os programas de incentivo à dinamização do património, não descurando ambas as vertentes material e imaterial. Neste campo apenas assinalo que deveria haver uma maior centralização da informação relativa à investigação histórica, sempre em desenvolvimento, articulando melhor as várias entidades que a ela se dedicam, como sejam a Associação Pró-Defesa do Mosteiro de Lorvão, as equipas de investigadores da Universidade de Coimbra ou mesmo os próprios locais como veiculadores de informação e portadores de documentação histórica. Quanto maior for a centralização da informação, mais hipóteses existem de felizes cruzamentos de dados e conhecimento.

De resto, a estratégia para o património segue as linhas definidas a nível governamental que se vão repercutir numa maior sustentabilidade e num impulsionar do turismo local. Como já vimos, Penacova terá um potencial turístico enorme, ainda subaproveitado, mas em relação ao qual têm sido dados passos importantes. Parece-me que o trabalho feito desde os anos 90 levou a um bom aproveitamento de espaços naturais e ao facto do património do passado estar em bom estado de conservação, integrado nas dinâmicas do turismo e do espaço urbano, havendo ainda um ou outro caso de carência como o que assinalámos relativo às redondezas do Mosteiro de Lorvão. Exemplos de um bom aproveitamento são o centro histórico da vila, a recuperação das serras com moinhos de vento, o reaproveitamento do antigo preventório, etc.. Também o dinamismo de iniciativas como o passeio na mata do Buçaco, os eventos no mosteiro de Lorvão ou no Museu do Moinho Vitorino Nemésio e a própria promoção de literatura acerca da história local, servem para atrair públicos e manter vivo o passado. A aposta no turismo relaciona-se intimamente com este aproveitamento de recursos.

Destacarei duas iniciativas que penso terem especialmente contribuído para esta dinamização.

No ano em que efectuei o meu estágio, comemoravam-se os 300 anos da transladação das Santas Rainhas, o que deu azo a um grande número de eventos culturais. Neste âmbito, assisti ao colóquio internacional "Lorvão: Memória e Tradição" que serviu como mais uma fonte de informação para o meu trabalho no projecto "Memórias de Penacova". (Notícias de Coimbra, 2015)

Assisti também a alguns concertos que são regularmente organizados no Mosteiro de Lorvão, uma outra forma de aproveitar e promover o espaço. Neste contexto dou especial ênfase ao programa relacionado com a recuperação do órgão do mosteiro e que levou a que fossem organizados vários concertos, num esforço de articulação que envolveu fundos europeus e um papel activo da Direcção Regional da Cultura do Centro, bem como a própria paróquia e a junta de freguesia, em conjunto com a CMP. Um bom exemplo do que poderia ser impulsionado em termos de articulação entre várias instâncias.³⁴

Constatámos, na análise contabilística que o investimento na vertente do turismo associado ao património é uma das maiores apostas do concelho.³⁵

³⁴ (Macário, 2014) (Alvarinhas, 2014) (Agência Lusa, 2014).

³⁵ Ver capítulo "Análise de Relatórios de Contas" .

Resta-nos, neste campo, perceber melhor o que levou a vila a decair em termos turísticos no passado e o que se poderia fazer para esta retomar ou expandir o seu fulgor de outrora.

Penso que uma maior aposta em eventos culturais capazes de apelar a um público mais vasto estaria na base de um incremento ao desenvolvimento local, apresentando aos de fora as belezas naturais e históricas do concelho e fazendo com que a população concelhia se envolvesse mais neste dinamismo, contribuindo mesmo para a sua inclusão em circuitos mais alargados da prática cultural e artística.

Articulação com a educação

Sendo a educação um meio de proporcionar cultura e a cultura um meio de proporcionar educação, a articulação dos objectivos de ambas intercruza-se nas políticas estatais, o que se espelha a nível local com a promoção de várias iniciativas conjuntas.

Em termos mais bilaterais, este é também um dos meios de atrair públicos para a cultura. A própria instalação da sede da Escola de Artes no Centro Cultural e o seu proporcionar de eventos, sobretudo para familiares dos alunos, mas dirigidos para o público em geral, é um exemplo de proximidade do sector educativo com o processo de sensibilização cultural.

Para além disso promoveram-se várias iniciativas que funcionaram em articulação com o ensino generalista, principalmente no que toca aos alunos mais jovens, com iniciativas como a "Hora do Conto" e apresentações de livros. Neste ponto proponho uma maior preponderância de conteúdos dirigidos a faixas etárias superiores, desenvolvendo mais a educação artística. A minha orientadora referiu-me também existirem mecanismos de sensibilização de modo a promover alguns espectáculos que se realizam no auditório junto das escolas, resta, porventura, articulá-los de um modo mais efectivo com os restantes conteúdos escolares. Penso que poderia ser feito mais em termos de aproximação à cultura, sensibilizando o público escolar para outros conteúdos, como sejam as belas-artes, ou a arte contemporânea, articulando exposições, cinema, teatro, etc.. Deveria ter-se em conta um critério de multiplicidade de géneros, promovendo o conhecimento de obras clássicas incontornáveis ou dos movimentos mais vanguardistas que carecem de um distanciamento de linguagem, que começa numa displicência na abordagem educativa.

É referido pela literatura que a política cultural municipal assenta bastante em eventos para públicos específicos como o escolar, facto que corroboro segundo a experiência que tive. (Silva A. S., 2007 , p. 16) Para além de, mesmo dentro dos públicos específicos alargar o tipo de oferta em termos de conteúdo, penso que estas iniciativas se deveriam manter mas o seu espaço ser retraído, se necessário, para dar lugar a outro tipo de estratégias para outros públicos.

Programação Cultural

Tendo feito já a referência à questão da programação cultural e de, em vários momentos, ter demonstrado a minha perspectiva em relação ao caso concreto de Penacova, farei agora uma súmula.

Em primeiro lugar, numa programação que assenta bastante em eventos para públicos específicos. Fazendo do problema geral um problema particular, penso que deveria haver uma abordagem mais generalista, sendo esta feita de um modo mais criterioso, veiculando informação fundamental relativa à cultura e às artes. Também deveria haver um maior incentivo à produção local em todas as suas vertentes.

No projecto que propus no meu ponto de situação para Penacova, embora assumindo o peso que não dei a outros modos de se atraírem públicos, articulei uma adequação à realidade social e um propósito de levar as populações a uma perspectiva mais abrangente da sua própria cultura. Nesse equilíbrio pesa também a já referida questão da preponderância do peso das indústrias culturais versus as formas de cultura mais carenciadas de protecção e difusão. Relativamente a este aspecto tenho vindo a defender um papel mais proactivo do sistema político, não fazendo excepção ao instituído em Penacova. O mercado pode ser utilizado ao serviço deste préstimo cultural com várias estratégias, por exemplo atraindo públicos a eventos onde será também apresentado um projecto cultural menos conhecido, de linguagem menos acessível ou de produção local. No ponto de situação, pus a hipótese de ser possível, a longo prazo, atrair públicos de centros urbanos, como o de Coimbra, onde a expressão dos movimentos alternativos é maior, estando deste modo a contribuir para uma dinâmica social menos restrita. Nesse caso estaríamos perante o acto ambicioso de uma renovação da imagem da cultura local, tornando-a suficientemente atractiva para este tipo de públicos o que seria conseguido através de um critério regular de qualidade na programação.

A direcção da Escola de Artes, especificamente, assumiu grande parte da programação musical que considero, na sua vertente clássica, uma tarefa inteligentemente colmatada.

Exemplo disso foram a apresentação da ópera “Livietta e Tracollo”, de Pergolesi ou o concerto comentado do maestro António Victorino d' Almeida, ao piano.³⁶ No entanto, não me dou por satisfeito no que respeita a outras abordagens musicais e penso que a EA poderia ter um papel mais eclético na selecção de conteúdos.

Fazendo dos problemas gerais na política cultural, os mesmos do caso específico de Penacova, ainda há bastantes dificuldades em conseguir-se um critério sólido no que respeita à promoção de conteúdos culturais. O desconhecimento da área artística e a falta de um critério de formação para o exercício da programação cultural são os principais causadores destas deficiências.

Falta de Critérios de Formação

Como referi, a falta de critério de formação é mais patente quando falamos da selecção de conteúdos culturais ou de uma visão para os mesmos que transponha o limite de uma aceitação do *status quo* que não serve o sector específico da cultura. Assim, há que definir critérios que apostem num privilegiar da formação nas áreas da cultura e das artes.

O caso que testemunhei, espelha esta tendência de, relativamente à área cultural, não ser exigido o mesmo grau de especialização que se requer para outros sectores. A função que me foi atribuída é um exemplo disso mesmo, sendo que oficialmente tinha o cargo de "Técnico Superior", não obstante ter sido tido em linha de conta o meu currículo voltado para as artes. No entanto é obscuro sentirmos que, potencialmente, os cargos neste sector podem ser estar à mercê das visões mais negligentes do que é a função da cultura.

Novas Tecnologias

É necessária, em termos gerais, uma abertura a propostas que envolvem a implementação de tecnologias, avaliando a sua viabilidade e o seu impacto no futuro. As transições são compensatórias embora exijam um esforço de investimento inicial que, por vezes, demora a ser recompensado.

³⁶ <http://www.penacovactual.pt/2015/01/operacomica-ritornello-associacao.html>

Os meios de divulgação têm vindo a adaptar-se às novas tecnologias, embora ainda haja muito a fazer neste aspecto, num mundo em que a mudança está em franca aceleração.

Aquando da minha estadia, incluído no projecto "Memórias de Penacova", estava a ser feita a digitalização de documentação fotográfica que envolve a história e tradições do concelho. A ideia será uma base de dados digital a estar disponível para o público. Este trabalho está em linha com uma lógica de democratização da informação, andando a par das tendências da nossa era. (Dowbor, 2009)

Em termos de divulgação de eventos culturais, nomeadamente promovendo uma comunicação eficaz com as populações cada vez mais associadas às redes sociais, já foram dados alguns passos, embora na minha opinião devesse haver uma melhoria da agenda *online* com informação mais antecipada e centralizada dos eventos que o poder local promove. Num mundo dominado pelas redes sociais e pelo acesso à informação via *online*, este passo é determinante.

Análise de Relatórios de Contas

Numa análise ao conteúdo dos relatórios de contas do município, evidencia-se a dificuldade de circunscrever as actividades que se incluem no âmbito da cultura. Decorrente disto, ilustrarei algumas situações em que se compreende a impossibilidade de fazer justiça à real quantificação do investimento no sector. Para demonstrar este aspecto recorro ao exemplo do relatório de contas de 2015, como modelo de análise, para apresentar dados concretos, no entanto estes dados não diferem muito se analisarmos os relatórios de outros anos.

Comecei por separar o investimento estritamente na cultura, do investimento no turismo, chegando ao valor de 438 918,18 € para a primeira e 341 520, 82 € para o segundo. Ainda no âmbito das divisões operacionais municipais, poderei referir que o investimento no sector “Desporto, recreio e lazer” totalizou 961 413, 01 € nesse ano. Como já vimos o desporto é, por vezes, considerado como parte dos números relativos ao sector da cultura, o que podemos ver que influencia bastante os números relativos ao investimento. Por outro lado, a subdivisão “recreio e lazer” poderia ser associada com o sector cultural. Também dentro de outras áreas de investimento, fazendo uma análise mais exaustiva às mesmas, encontramos determinados investimentos que afectam directamente a cultura. Por exemplo, a recuperação da zona histórica, sob a tutela da Protecção do Meio Ambiente e Conservação da

Natureza que totalizou em anos anteriores a 2015, 151 314, 65 €. Também a acção social, que inclui por exemplo actividades de tempos livres, comemorações de dias festivos, actividades recreativas e de animação, ensino, semana do livro, visitas animadas ao concelho, etc. Em quase todos os sectores podemos encontrar casos destes. Retiramos então desta análise uma boa ilustração de como é difícil uma quantificação real do total investido pelo sector público nesta área.

Um outro aspecto do qual se podem retirar ilações decorrentes de uma análise é o da evolução do investimento por parte do município na cultura e turismo. Para o efeito foi feito um gráfico que registou a evolução do investimento desde 2006 a 2016, segundo os relatórios de contas disponibilizados pelo *site* da CMP e outros a que se teve acesso. (CM Penacova, 2017) Optou-se por discriminar o sectores turístico e cultural e calcular a percentagem em relação ao orçamento (a vermelho) excluindo o turismo.

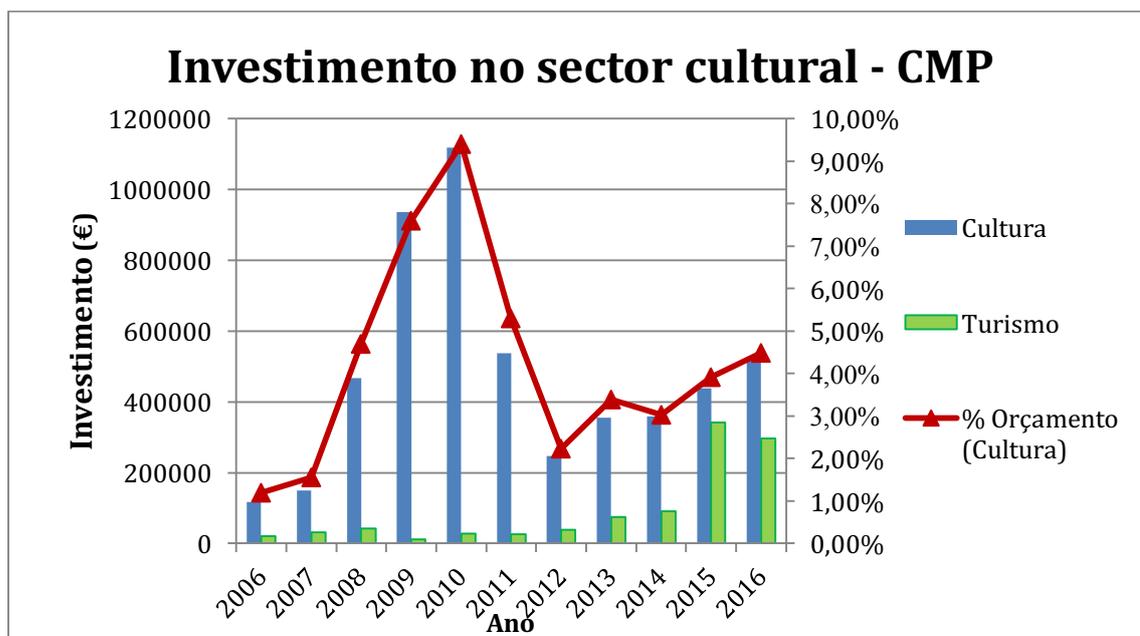


Gráfico 4 – Evolução do investimento da cultura em Penacova (em valor absoluto e percentagem do orçamento)

A vantagem deste gráfico é a de discriminar a fatia de investimento feita nos sectores cultural e turístico em separado, excluindo a área do desporto, ao invés do anexo 2, retirado do PORDATA, que nos dá apenas o total de um sector que engloba a cultura e o desporto (provavelmente sem contar com o turismo, dado os valores que apresenta).

Prosseguindo na nossa análise de pormenor, outra ilação que retiramos, relacionando-a com o gráfico da PORDATA, é a da relação do decréscimo de investimento geral no sector “Cultura e Desporto” (em percentagem, no anexo, entre 2012 e 2014) com o desinvestimento especificamente na área do desporto que descortinámos nos relatórios. Com efeito, verificamos que, nos anos a que corresponde essa queda, o orçamento da cultura em si manteve-se dentro do normal, enquanto o do desporto cai dos valores que rondam os 800-900 mil euros para os 300-400 mil euros. Obviamente que esta conjectura não é absolutamente rigorosa, mas serve como exemplo dos factores a que devemos estar atentos para uma análise mais rigorosa dos dados estatísticos.

Entendemos existirem dois momentos fundamentais na gestão da cultura do concelho, antes e depois da construção do novo edifício que funciona como Centro Cultural. Isto refletiu-se num esforço de investimento que vai de 2008 a 2012, chegando a atingir os 9% do orçamento total do município, quase inteiramente dedicados aos fundos para esta construção.

A partir de 2015, uma parte substancial do orçamento para a cultura é dirigida à Escola de Artes, o que mostra o empenho do município neste novo projecto. (cerca de 150 000 € em 2015 e 2016)

Em relação ao turismo nota-se um novo vigor, o que espero que se repercuta numa nova e forte e forte aposta nos atractivos da vila. O investimento cresce desde 2009 e dispara a partir de 2015. Analisando as áreas em que se investiu ao pormenor, verifica-se que o mesmo é feito sobretudo na área do património, a parte do turismo em mais estreita relação com a cultura. Assinale-se, em 2015, o investimento de 118 000 € na recuperação do Museu do Moinho Victorino Nemésio.

A análise de dados presentes, quer neste, quer em vários estudos, estatísticas e relatórios, foi o que me permitiu aperceber que, para efeitos estatísticos, não existem critérios muito claros de modo a uma maior viabilidade em termos comparativos. O estudo destes relatórios permitiu-me também uma aproximação a conceitos básicos de gestão que não possuía, dada a necessidade de compreender como é organizada a informação e descodificar o seu vocabulário técnico.

Seria interessante analisar os dados anteriores a 2006, para compreender a anterior tendência de investimento na cultura, associando-a ao registo de evolução, em termos globais, que fizemos na parte teórica deste trabalho. Verificamos, por último, que os mais recentes sinais do investimento são bastante encorajadores e, sendo ainda cedo para retirar

consequências de maior, tudo parece convergir para uma significativamente maior aposta no turismo e na cultura. Assim seja.

Balanço geral e experiência pessoal

Salientei o que considereei serem os pontos positivos do que vi das acções políticas no concelho de Penacova, algumas delas assinalavelmente bem aproveitadas. A tendência é para os aspectos positivos serem derivados de aproveitamentos felizes da realidade local ou de uma implementação bem adequada das políticas nacionais. Já os pontos negativos focam problemas mais transversais à administração cultural, nomeadamente em meios pequenos, ou identificam as áreas em que simplesmente se poderia fazer mais do que se tem feito.

A experiência em Penacova, permitiu-me adaptar a um contexto hierarquizado em que é necessário o desenvolvimento de competências comunicacionais com vista a poder lograr na concretização de ideias e projectos. As contribuições que fiz nas várias actividades, tornaram-me mais versátil no que respeita a enquadrar-me a uma realidade distanciada do meu idealismo pessoal. O meu lado pragmático veio ao de cima, tentando corresponder ao que o imediatismo das situações exigia, não apenas como gestor cultural mas também como músico, o que encarei como um desafio.

Contactei em primeira mão com as dinâmicas de um sistema local e do organismo humano que o gere, que me deram a capacidade de diligenciar mais adequadamente nas situações de trabalho futuras com que me irei deparar. Teve um especial significado para mim contribuir para o desenvolvimento de uma terra onde que tenho raízes e para a qual poderei continuar a desempenhar um papel como cidadão activo.

Apesar de manter algumas ideias que tinha acerca do que é possível fazer em termos de gestão cultural, apercebi-me das dificuldades crónicas do próprio sistema, muitas vezes resistente a uma mudança que admito ser difícil. Depois de ter contactado com a literatura que se acerca do assunto alarguei a minha visão a áreas que vão para além da minha formação em estudos artísticos o que veio a adicionar novos factores ao que antes equacionava. Isto levou, por um lado a uma complexificação da minha visão e, por outro, a uma melhor reflexão sobre algumas acções que me propus inicialmente a empreender.

Não posso deixar de notar que, entre as falhas crónicas do sistema, infelizmente não de um modo particular, mas transversal a todo o sistema, vi algumas vezes o que interpretei

como sendo o interesse pessoal a sobrepor-se ao do colectivo, sendo que os maiores prejudicados são sempre as populações. Talvez seja essa uma das explicações para faltas de coordenação inter e infra-municipais, em que uma visão mais imediatista a nível competitivo leva a que não exista uma estrutura humana e institucional a funcionar no pleno das suas capacidades com a qual todos ficariam a ganhar. Considero neste último aspecto que o potencial está bastante subaproveitado a todos os níveis. Como já referi, num ramo tão obscuro como o da cultura, tirar o máximo proveito deste tipo de redes humanas é a melhor maneira de valorizar cada um dos níveis hierárquicos e, em última instância, o poder que eles representam. Senti pessoalmente essa falta de coordenação, uma vez que não penso ter utilizado todo o potencial com que poderia contribuir para o todo, nomeadamente na programação de eventos e na contribuição de ideias para a dinamização do município, talvez porque algumas delas não iam de encontro a prioridades estratégicas. Saí, mesmo assim, deixando sugestões que possam eventualmente ser concretizadas no futuro.

Encaro o trabalho de investigação que desenvolvi de dois modos antagónicos. Por um lado a liberdade que me foi dada para levar a cabo uma análise mais minuciosa, permitiu-me encetar num estudo que penso que poderá contribuir para melhor compreender o fenómeno popular de Lorvão, ao invés de apenas inventariar documentação. Foi aliás esse interesse na investigação que me manteve preso a um trabalho que, de outro modo, seria bastante moroso e maquinal - o de transcrever documentos áudio. A tarefa em si de transcrição de fontes históricas, considero-a um tanto ingrata e um desperdício de recursos e proporia, ao invés disso, um registo mais simples e sumário dos conteúdos essenciais de cada documento, apenas com a função de facilitar a consulta da informação. Os documentos integrais continuariam disponíveis em formato de áudio digital, sem necessidade de serem transcritos integralmente.

Em termos pessoais, uma primeira experiência num contexto de um trabalho que lida com a área de formação a que se dirige o meu curso assume sempre um balanço positivo. Mesmo os aspectos mais negativos não serão muito diferentes da realidade com que terei que lidar como potencial empregado no sector, pelo que o contacto com os mesmos se pode considerar de certo modo edificante. Estritamente ao nível do trabalho que levei a cabo no centro cultural, gostei das contribuições que fiz para alguns projectos e das novas experiências que me proporcionaram, sentindo, no entanto, que poderia ter tido um papel mais activo e contribuído com mais ideias.

A elaboração desta dissertação foi um processo de crescimento em vários sentidos, bem como de acumulação de conhecimento prático e funcional do meio da administração cultural que é uma ferramenta fundamental numa perspectiva de continuidade profissional no futuro.

Foi para mim prazeroso, iluminador e um processo a que vou dar continuidade, um maior conhecimento da história da arte e sua evolução conceptual; do conceito sociológico de cultura e sua estreita relação com a mesma; do como evoluíram as políticas culturais a partir de uma noção social que se desenvolveu até entrar na equação do desenvolvimento económico e também o proporcionar de uma crítica mais esclarecida ao modo como estas políticas se praticam, assentando nesta base teórica.

A nível de experiência para uma futura vida laboral, compreendo agora melhor o funcionamento institucional e humano da administração pública o que me dará ferramentas para a minha escalada laboral.

Por último uma nota relativa ao carácter conclusivo de uma fase de estudos que este trabalho representa. Inserindo-me num curso que está bastante direccionado para a investigação de fontes musicais, sinto-me em dívida para com o meu orientador por ter compreendido e incentivado o meu crescimento numa direcção particular, desde uma fase mais inicial em que me deu a oportunidade de, sempre que possível dentro do âmbito de estudo de uma determinada disciplina, aproveitar os conteúdos que melhor se adequavam aos meus objectivos pessoais, até esta fase culminante em que, como já disse, foi o primeiro a encontrar uma solução com viabilidade prática, que conjugasse a minha experiência profissional com a continuidade dos meus estudos. Os conteúdos do curso de mestrado em geral foram também a estrutura de base sobre a qual orientei o meu trabalho posterior, servindo como uma importante orientação que neste ponto culminou.

BIBLIOGRAFIA

- Lorvão: Memória e Tradição. (2015). *Colóquio Internacional - Lorvão: Memória e Tradição*.
- Lorvão: memória e tradição - colóquio internacional. (2015, 4 17). Lorvão.
- Abreu, P. (2009, Junho). A indústria fonográfica e o mercado da música gravada – histórias de um longo desentendimento. *Revista Crítica de Ciências Sociais*(85), pp. 105-129.
- Adorno, T. (1970). *Teoria Estética*. Lisboa: Edições 70.
- Adorno, T. (2009). *Indústria Cultural e Sociedade*. (J. M. Almeida, Ed., & J. E. Levy, Trans.) São Paulo : Paz e Terra.
- Agência Lusa . (2014, 4 29). *Restauro devolve som original a órgão do século XVIII em Lorvão, Penacova*. Retrieved 4 6, 2017, from RTP Notícias : https://www.rtp.pt/noticias/cultura/restauro-devolve-som-original-a-orgao-do-seculo-xviii-em-lorvao-penacova_n733882
- Albuquerque, L. A. (2011). A cultura como categoria de intervenção pública no tempo e no território. Porto: Universidade do Porto.
- Albuquerque, L. A. (2011, 03). Política Cultural: Conceitos e Tipologias. *Cadernos PAR*(4), pp. 91-97.
- Albuquerque, L. A. (2013, 1 19). Cidades e criatividade II – as políticas públicas municipais de cultura: os valores, as prioridades e as metodologias de intervenção. *Cidades e criatividade II – as políticas públicas municipais de cultura: os valores, as prioridades e as metodologias de intervenção*. Aveiro.
- Albuquerque, L. A. (2013). Cultura e desenvolvimento urbano. Três histórias para a construção de um argumento. *Cultura 2020*. Guimarães: Fundação Cidade Guimarães, Capital Europeia da Cultura.
- Alvarinhas, M. (2014, 5 5). *Mosteiro do Lorvão - Órgão Devolvido à Fruição Pública*. Retrieved 4 6, 2017, from Penacova Actual : <http://www.penacovactual.pt/2014/05/mosteiro-do-lorvao-orgao-historico.html>
- Antunes, T. S. (2013). *Lorvão: Um mosteiro e um lugar*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Augusto Mateus e Associados . (2010). *O Sector Cultural e Critativo em Portugal*. Lisboa: Augusto Mateus e Associados - Sociedade de Consultores.
- Azevedo, N. (2003). Políticas culturais à escala metropolitana: notas de uma pesquisa sobre a Área Metropolitana do Porto. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 13(1), pp. 201-210.
- Bairrada, A. d. (2015). *Comemorações dos 205 Anos da Batalha do Bussaco*. Retrieved 03 23, 2017, from Unlimited Colours of Bairrada: <http://www.rotadabairrada.pt/agenda/show.aspx?idcont=710&idioma=pt>
- Balibrea, M. P. (2003, 12). Memória e espaço público na Barcelona pós-industrial. *Revista Crítica de Ciências Sociais*(67), pp. 31-54.
- Barreto, A. (2002, 10). *Mudança Social em Portugal 1960-2000*. Lisboa , Lisboa , Portugal: ICSUL.
- Belting, H. (1987). *The end of the history of art ?* Chicago : The University of Chicago press.
- Borges, N. C. (1977). *O Mosteiro de Lorvão*. Coimbra: EPARTUR.

- Borges, N. C. (1984). Lucêncio, bispo de conimbriga e as origens do mosteiro de Lorvão. . *Conímbriga*, pp. 159-168.
- Borges, N. C. (1987). Coimbra e Região. In N. C. Borges, *Coimbra e Região* (pp. 224-243). Lisboa: Editorial Presença.
- Borges, N. C. (2002). *Arte Monástica em Lorvão: Sombras e Realidade* (Vol. 1 e 2). Fundação Calouste Gulbenkian .
- Borges, N. C. (2002). Lorvão e Arouca: Relações artísticas de mosteiros irmãos. *Tempos Lugares e Memória - I Congresso sobre a Diocese do Porto*. Arouca .
- Bourdieu, P. (1996, Jan/Fev/MAr/Abr). Você disse "popular" ? . *Revista Brasileira de Educação*(1), pp. 16-26.
- Centeno, M. J. (2009). A política cultural em Portugal na entrada do novo século . *Actas do VI Congresso da SOPCOM* , (pp. 2981-2992).
- Centro de Estudos Sociais. (1999). *Consumos Culturais em 5 Cidades: Aveiro, Braga, Coimbra, Guimarães e Porto*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais .
- CM Penacova . (2017, 2 23). *Mosteiro de Lorvão* . Retrieved 4 15, 2017, from Penacova Município: <http://www.cm-penacova.pt/pt/pages/mosteiorlorvao>
- CM Penacova. (2017). *Biblioteca / Centro Cultural*. Retrieved 3 25, 2017, from Penacova Município: <http://www.cm-penacova.pt/pt/pages/biblioteca>
- CM Penacova. (2017, 2 17). *Relatórios de Gestão* . Retrieved 5 2017, 2, from Penacova Município : <http://www.cm-penacova.pt/pt/pages/relatoriosgestao>
- Comissão das Comunidades Europeias. (2007). *Comunicação sobre uma agenda europeia para a cultura num mundo glo*. Bruxelas : COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS.
- Comissão Europeia. (2006). *The Economy of Culture in Europe*. KEA European Affairs.
- Conde, I. (1998, 10). Práticas Culturais: digressão pelo confronto Portugal - Europa. *OBS*(4), pp. 4-7.
- Costa, A. F. (1997, 10). Políticas Culturais: Conceitos e Perspectivas. *OBS*(2), pp. 10-14.
- Couto, J. L., & Almeida , D. (2012). *Patrimónios de Penacova – Apontamentos para a sua valorização e divulgação*. Penacova: Câmara Municipal de Penacova.
- Danto, A. C. (1997). *After the end of art*. New Jersey : Princeton University Press.
- Danto, A. C., Corral, M. d., Brea, J. L., Gili, M., & Searle, A. (2010, 9 17). Arte contemporâneo: Por qué ese descrédito? *El Cultural - Revista de actualidad cultural*.
- Dias, A. F. (1990). *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* . Maia : Imprensa Nacional - Casa da Moeda .
- Dissanayake, E. (1980). Art as Human Behaviour: Toward an Ethological View of Art. *JAAC* , pp. 124-137.
- Dissanayake, E. (2003). The Core of Art: Making Special. *Journal of the Canadian Association for Curriculum Studies*, 1(2), 13-38.
- Dowbor, L. (2009, 11 17). Da propriedade intelectual à economia do conhecimento. *Economia Global e Gestão*, 14.
- EAP. (2017). *Escola de Artes de Penacova* . Retrieved 4 15, 2017, from Escola de Artes de Penacova : <http://escolartespencova.weebly.com/inicio.html>
- Eco, U. (2004). *On Beauty - a History of a western Idea*. London: Secker and Warburg.
- Enterprise European Network. (2015). *Programas Comunitários : Programa Cultura 2007-2013*. Retrieved 1 9, 2017, from Enterprise European Network: <http://www.enterpriseeuropenetwork.pt/servicos/Lists/Programas%20Comunitrios%20e%20Convites%20em%20Aberto/SPDispFormBasic.aspx?ID=20>

- EUR-Lex. (2007, 5 3). *Programa "Cultura 2000"*. Retrieved 1 9, 2017, from EUR-Lex Access to European Union Law : <http://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=uriserv:l29006>
- European Union. (2014). *Europa Criativa* . Retrieved 1 9, 2017, from <http://www.europacriativa.eu>
- Falcoeiros, T. (2010). *Os Novos Modelos de Mediação na Indústria Musical e o caso da Flor Caveira*. Lisboa: ISCTE - IUL.
- Geertz, C. (1989). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora SA.
- GEPAC. (n.d.). *OAC (1996-2013)*. Retrieved 6 7, 2017, from GEPAC - Gabinete de Estratégia Planeamento e Avaliação Culturais.
- Godin, B. (2008). The Knowledge Economy: Fritz Machlup' Construction of a Synthetic Concept. *The Knowledge Economy: Fritz Machlup' Construction of a Synthetic Concept*. Montreal, Quebec, Canada.
- Gombrich, E. H. (1950). *A história da arte* . LTC .
- Gomes, R. T., Lourenço, V., & Martinho, T. D. (2006). *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*. Lisboa: OAC.
- Gonçalves, T. (2009). *O futuro do mercado discográfico*. Lisboa: ISCTE Business school.
- Hainic, C. (2012). The Heideggerian Roots of Everyday Aesthetics: A Hermeneutical Approach to Art. *Proceedings of the European Society for Aesthetics*. 4, pp. 230-249. Proceedings of the European Society for Aesthetics.
- Heidegger, M. (1977). *A origem da obra de arte* . Lisboa : Edições 70.
- Henriques, E. B. (2002). Novos desafios e orientações das políticas culturais: tendências nas democracias desenvolvidas e especificidades do caso português. *Finisterra*, 37, pp. 61-80.
- Inácio, L. M. (2014). *Meditações de um Operador de Caixa* . Coimbra: Grácio Editor .
- INE. (2014). *Estatísticas da Cultura 2014*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. .
- Junta de Freguesia de Lorvão. (n.d.). *Demografia*. Retrieved 4 15, 2017, from Freguesia de Lorvão - Penacova : <http://freguesiadelorvao.pt/home.php?t=ct&c=12>
- Junta de Freguesia de Lorvão. (n.d.). *Freguesia de Lorvão - História - Lendas e Costumes*. Retrieved 6 4, 2017, from Freguesia de Lorvão: <http://freguesiadelorvao.pt>
- Kroeber, A. L., & Kluckhohn, C. (1952). *Culture - A critical review of concepts and definitions*. Cambridge, Massachusetts, USA: Museum.
- Laraia, R. d. (2001). *Cultura - Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lippi, M. C., Vivas, L. M., & Muniz, V. V. (2012). Análise estratégica e de mercado do sector da música: estudo de caso em um selo musical. *VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão*. Rio de Janeiro: VIII Congresso Nacional de Excelência em Gestão.
- Macário, E. (2014, 2 18). *Órgão do Mosteiro do Lorvão volta a tocar na Primavera*. Retrieved 4 6, 2017, from Diário As Beiras: <http://www.asbeiras.pt/2014/02/orgao-do-mosteiro-do-lorvao-volta-a-tocar-na-primavera/>
- Machlup, F. (1962). *The Production and Distribution of Knowledge in The United States* . Princeton, New Jersey : Princeton University Press .
- Markusen, A., & Markusen, G. (2009). Arts and Culture in Urban / Regional Planning. *Project on Regional and Industrial Economics*. Minneapolis, Minnesota, USA: University of Minnesota.

- Matarasso, F., & Landry, C. (1999, 4). Balancing act : twenty-one strategic dilemmas in cultural policy. *Balancing act : twenty-one strategic dilemmas in cultural policy*. Strasbourg, France: Council of Europe Publishing.
- Melo, A. (1997, 10). Política Cultural - Acção ou omissão. *OBS*(nº 2), pp. 8-10.
- Moura, S. (2004). O papel das políticas culturais em duas localidades do Litoral Oeste – um estudo de caso. *Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia* (pp. 95-105). Braga : Associação Portuguesa de Sociologia .
- Neves, J. S. (2001, 7). Práticas Culturais dos Portugueses (2): Espectáculos ao Vivo . *Folha OBS*(3), pp. 1-8.
- Notícias de Coimbra. (2015, 4 9). *Notícias de Coimbra*. Retrieved 4 7, 2017, from Lorvão recebe grande Memória e Tradição: www.noticiasdecoimbra.pt/lorvao-recebe-grande-memoria-e-tradicao
- OAC / ICSUL. (2005). *Contribuições para a formulação de políticas públicas no horizonte 2013 relativas ao tema cultura, identidades e património*. Lisboa: OAC / ICSUL.
- OAC. (2012). *Estatísticas Anuais do Ministério da Cultura 2010*. Lisboa: OAC.
- Oxford Economics. (2014). *The Economic Impact of the CI in the Americas*.
- Paes, P. C. (2012). Arte contemporânea e indústria cultural: o capitalismo como determinante estético. *VII CEMARX - Colóquio internacional Marx e Engels*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Pecurto, V. (1990). *O concelho de Penacova*. Coimbra: Hilda Coimbra.
- Penacova - Jornal do Município. (2016, 5). Arte dos Palitos Obtém Reconhecimento . *Penacova - Jornal do Município*(2), p. 6.
- Penacova Actual . (2015, 4 21). *Fotografia - Ricardo Gracio expõe na Biblioteca Municipal de Penacova* . Retrieved 3 25, 2017, from Penacova Actual: <http://www.penacovactual.pt/2015/04/fotografia-ricardo-gracio-expoe-na.html?m=0>
- Penacova Actual. (2014, 9 17). *Mata do Buçaco - Comemorações da Batalha do Buçaco*. Retrieved 3 23, 2017, from Penacova Actual: <http://www.penacovactual.pt/2014/09/mata-do-bussaco-comemoracoes-da-batalha.html#prettyPhoto>
- Pordata. (n.d.). Retrieved 6 7, 17, from Pordata - base de dados Portugal contemporâneo: <http://www.pordata.pt/DB/Municipios/Ambiente+de+Consulta/Gr%C3%A1fico>
- Ribeiro, A. P. (1998, 3 1). A cultura em Portugal no final do século: entre a abundância e a miséria. *OBS*(5), pp. 4-6.
- Ribeiro, C. A. (1993). *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende - Apresentação crítica, selecção, notas, glossário e sugestões para uma análise literária* . (A. Melo, Ed.) Lisboa : Comunicação limitada .
- Rosas, F. (2000). O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo. *Análise Social*, 35(157), 1031-1054.
- RTP. (n.d.). *Prós e Contras - O Estado da Cultura* . Retrieved 6 17, 9, from RTP: <http://www.rtp.pt/programa/tv/p32577/e30>
- Sá, D. M. (2010). Políticas Culturais, Território e Planeamento: A Construção de uma Cartografia Cultural dos Equipamentos Cénicos da Região Centro. *Políticas Culturais, Território e Planeamento: A Construção de uma Cartografia Cultural dos Equipamentos Cénicos da Região Centro*, 27. Coimbra, Portugal.
- Santos, A. C. (2010, 09). Herança Cultural de Penacova - Contributos para a sua preservação. *Herança Cultural de Penacova - Contributos para a sua preservação*. (F. d. Coimbra, Ed.) Coimbra.
- Santos, M. d. (2007). Políticas Culturais em Portugal. Almada.

- Santos, M. L. (1997). O domínio de Santa Maria do Lorvão no século XVI. *O domínio de Santa Maria do Lorvão no século XVI*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Saraiva, J. H. (Writer), & Saraiva, J. H. (Director). (2000). *Horizontes da Memória - Os moinhos da lenda* [Motion Picture]. Portugal.
- Schechner, R. (2013). *Performance Studies: An Introduction*. New York: Routledge.
- Silva, A. S. (2007). Como abordar as políticas culturais autárquicas ? Uma hipótese de roteiro. *Sociologia, problemas e práticas* (54), pp. 11-33.
- Silva, A. S. (2014). A democracia portuguesa face ao património cultural. *Ciências e técnicas do património*(13), pp. 11-32.
- Silva, A. S., Babo, E. P., & Guerra, P. (2015). Políticas culturais locais: contributos para um modelo de análise. *Sociologia. Problemas e Práticas*(78), pp. 105-124.
- Silva, P. (2005). *Os palitos na freguesia de Lorvão - da manufactura à maquinofactura*. Coimbra: Minerva.
- Silva, P. (2015). Memórias de Penacova. *12º Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD)*. Évora : Universidade de Évora.
- Silva, P. C. (2000). *Os palitos na freguesia de Lorvão - da manufactura à maquinofactura*. Penacova : Município de Penacova.
- Sousa-Santos, B. d. (2007, 09 13). Políticas Culturais e Democracias Locais . *Visão*.
- Tavares, P. M. (2010). *A INSTÁVEL LEVEZA DO ROCK. Génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto .
- Torgal, L. R. (2004). *António José de Almeida* . Rio de Mouro : Círculo de Leitores.
- Tylor, E. (1920). *Primitive Culture*. Londres: John Murray, Albemarle Street, W.
- UNESCO. (1982). *Cultural industries: A challenge for the future of culture*. Paris: United Nations.
- União Europeia. (2000, 7 27). Programa Operacional da Cultura. *Programa Operacional da Cultura*. União Europeia.
- United Nations. (2008). *Creative Economy*. Genebra : United Nations.
- Vasconcelos, J. L. (1975). *Cancioneiro Popular Português*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Williams, R. (1985). *A vocabulary of culture and society*. New York : Oxford University Press.
- Xavier, J. B. (2012). Cultura e Autarquias Locais. *Municípios e Cultura*.

ANEXOS

ANEXO 1 – Discriminação de actividades incluídas no sector cultural e criativo

O MAPEAMENTO DAS ACTIVIDADES NA CADEIA DE VALOR DO SECTOR CULTURAL E CRIATIVO

Domínio	Subsectores	CAE	Actividade	Criação	Produção	Distribuição	Consumo	
							Retalho Produtos	Bens equipamentos
Actividades Culturais Nucleares	Artes Performativas	93311	Actividades de teatro e musicais					
		9234	Outras actividades de espectáculo, n.e.					
		9232	Gestão de salas de espectáculo e actividades conexas				1	
		91331	Associações culturais e recreativas					
	Artes Visuais e Criação Literária	92312	Outras actividades artísticas e literárias					
		52486	Comércio a retalho de outros produtos novos em estabelecimentos especializados, n.e. (inclui papéis de arte)				13	
	Património Histórico e Cultural	9251	Actividades das bibliotecas e arquivos					
		9252	Actividades dos museus e conservação de locais e de monumentos históricos					
		74871	Organização de feiras e de exposições					
		5250	Comércio a retalho de artigos em segunda mão em estabelecimentos					
Indústrias Culturais	Música	2214	Edição de gravações de som					
		2231	Reprodução de gravações de som					
		51430	Comércio por grosso de electrodomésticos, aparelhos rádio e televisão (inclui discos, CD, DVD, cassetes)			2		
		52451	Comércio a retalho de electrodomésticos, aparelhos de rádio, televisão e vídeo					3
		52452	Comércio a retalho de instrumentos musicais, discos, cassetes e produtos similares				4	
		9232	Gestão de salas de espectáculo e actividades conexas				1	
		7140	Aluguer de bens de uso pessoal e doméstico, n.e. (inclui aluguer de vídeos e dvd)				6	
		32300	Fabricação de aparelhos receptores e material de rádio, televisão, aparelhos de gravação					5
		30020	Fabricação de computadores e de outro equipamento informático					6
		5184	Comércio por grosso de computadores, equipamentos periféricos e programas informáticos					10
	Edição	5184	Comércio por grosso de outros componentes e equipamentos electrónicos					11
		52481	Comércio a retalho de máquinas e de outro material de escritório (inclui computadores)					12
		52486	Comércio a retalho de outros produtos novos em estabelecimentos especializados, n.e. (inclui equipamentos de telecomunicações)					13
		6420	Telecomunicações			7	7	
		9240	Actividades de Agências de Notícias					
		2211	Edição de livros					
		2212	Edição de jornais					
		2213	Edição de revistas e de outras publicações periódicas					
		2215	Edição, n.e.					
		222	Impressão e actividades dos serviços relacionados com a impressão					
2233	Reprodução de suportes informáticos		14					
51472	Comércio por grosso de livros, jornais e jornais							
5247	Comércio a retalho de livros, jornais e artigos de papelaria							
30020	Fabricação de computadores e de outro equipamento informático					6		
5184	Comércio por grosso de computadores, equipamentos periféricos e programas informáticos					10		
52481	Comércio a retalho de máquinas e de outro material de escritório (inclui computadores)					12		
6420	Telecomunicações			7	7			

Domínio	Subsectores	CAE	Actividade	Criação	Produção	Distribuição	Consumo	
							Retalho Produtos	Bens equipamentos
Indústrias Culturais	Software educativo e lazer	722	Consultoria e Programação Informática	9				
		2233	Reprodução de suportes informáticos		14			
		30020	Fabricação de computadores e de outro equipamento informático					6
		32300	Fabricação de aparelhos receptores e material de rádio, televisão, aparelhos de gravação					5
		5184	Comércio por grosso de computadores, equipamentos periféricos e programas informáticos					10
		5184	Comércio por grosso de outros componentes e equipamentos electrónicos					11
		52481	Comércio a retalho de máquinas e de outro material de escritório (inclui computadores)					12
		52486	Comércio a retalho de outros produtos novos em estabelecimentos especializados, n.e. (inclui equipamentos de telecomunicações)					13
		6420	Telecomunicações			7	7	
		Cinema e Vídeo	9211	Produção de filmes e de vídeos e actividades técnicas de pós-produção				
	9212		Distribuição de filmes e de vídeos					
	9213		Projeção de filmes e de vídeos					
	7481		Actividades fotográficas					
	2232		Reprodução de gravações de vídeo					
	51430		Comércio por grosso de electrodomésticos, aparelhos de rádio e de televisão (inclui discos, CD, DVD, cassetes)			2		9
	52451		Comércio a retalho de electrodomésticos, aparelhos de rádio, televisão e vídeo					3
	52452		Comércio a retalho de instrumentos musicais, discos, cassetes e produtos similares				4	
	7140		Aluguer de bens de uso pessoal e doméstico, n.e. (inclui aluguer de vídeos e dvd)				6	
	32300		Fabricação de aparelhos receptores e material de rádio e de televisão, aparelhos de gravação ou de reprodução de som e imagens					5
	Rádio e Televisão	30020	Fabricação de computadores e de outro equipamento informático					6
5184		Comércio por grosso de computadores, equipamentos periféricos e programas informáticos					10	
52481		Comércio a retalho de máquinas e de outro material de escritório (inclui computadores)					12	
6420		Telecomunicações			7	7		
9220		Actividades de Rádio e Televisão						
51430		Comércio por grosso de electrodomésticos, aparelhos de rádio e de televisão (inclui discos, CD, DVD, cassetes)			2		9	
52451		Comércio a retalho de electrodomésticos, aparelhos de rádio, televisão e vídeo					3	
32300		Fabricação de aparelhos receptores e material de rádio e de televisão, aparelhos de gravação ou de reprodução de som e imagens					5	
6420		Telecomunicações			7	7		
Actividades Criativas		Serviços de Software	722	Consultoria e Programação Informática	9			
	2233		Reprodução de suportes informáticos		14			
	Arquitectura	74201	Actividades de arquitectura					
	Publicidade	74401	Agências de publicidade					
	Design	74872	Outras actividades de serviços prestados principalmente às empresas					

Fonte: (Augusto Mateus e Associados, 2010)

ANEXO 2 – Dados complementares da despesa dos municípios com a cultura (em percentagem do orçamento e incluindo o sector desportivo)

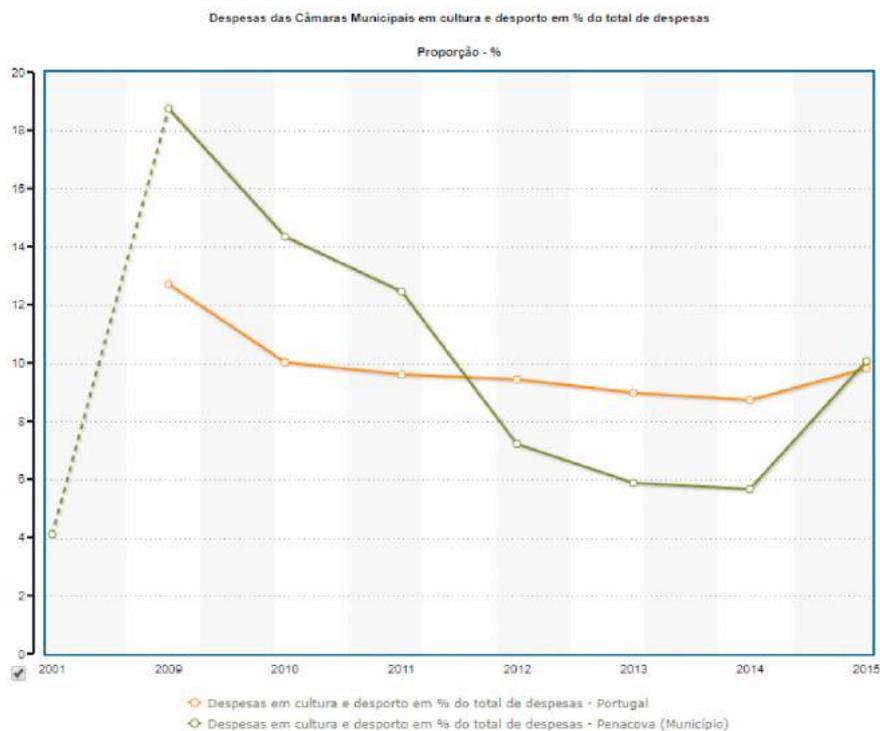
Gráfico 27

DESPESAS EM CULTURA E DESPORTO NO TOTAL DAS DESPESAS MUNICIPAIS



Fonte: INE, Anuário Estatístico

Fonte: (Augusto Mateus e Associados , 2010, p. 76)



Fonte: (Pordata)

ANEXO 3 – Fotografias do local do estágio



Figura 1 – Vista a partir do miradouro a sul do Largo Alberto Leitão

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Penacova>



Figura 2 – Livraria do Mondego

Autor: Albertino Saramago



Figura 3 – Edifício do Centro Cultural de Penacova / Biblioteca Municipal



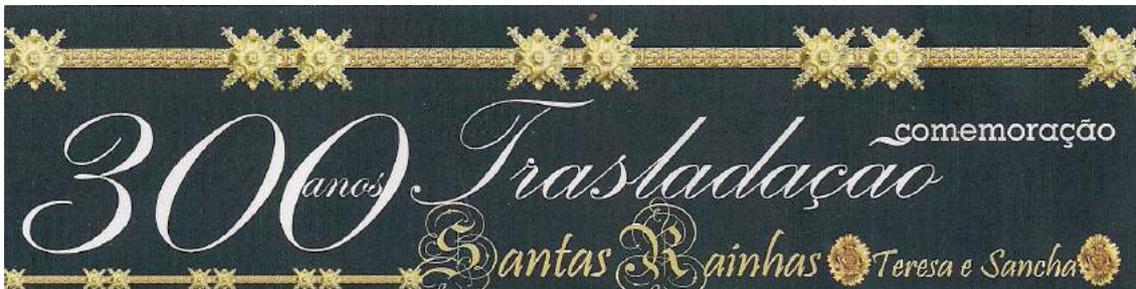
Figura 4 – Sala de exposições

Fonte: Site da CM Penacova



Figura 5 – Vista a partir da varanda do meu escritório

ANEXO 4 – Colóquio “Lorvão: Memória e Tradição”



300^{anos} *Trasladação* comemoração
Santas Rainhas Teresa e Sancho

Colóquio Internacional “Lorvão: Memória e tradição”

Certifica-se que SOE NIVEEL NARQUE SINOES
participou no Colóquio Internacional, Lorvão: Memória e Tradição, que teve lugar no
dia 17 de abril de 2015, no Mosteiro de Lorvão, inserido na comemoração dos 300
Anos da Trasladação das Santas Rainhas de Lorvão.

O Presidente da Câmara Municipal de Penacova



Humberto Oliveira

Lorvão, 17 de abril de 2015



mosteiro de
Lorvão

ANUNCIA INANS REGIS SANCILPRIMI LUSTIA
OPERIBVS INTENTA SVAM DOMINO PVDICIT
IVD MONASTERIVM DE CELLAS OVICO

ANUNCIA INANS REGIS SANCILPRIMI LUSTIA
OPERIBVS INTENTA SVAM DOMINO PVDICIT
IVD MONASTERIVM DE CELLAS OVICO

ANUNCIA INANS REGIS SANCILPRIMI LUSTIA
OPERIBVS INTENTA SVAM DOMINO PVDICIT
IVD MONASTERIVM DE CELLAS OVICO



ANEXO 5 – Alguns cânticos do Cancioneiro de Lorrão

Para as melodias utilizaram-se os critérios já descritos no capítulo 7, sub-capítulo “Enquadramento e metodologia”.

Para as transcrições de letra foram utilizadas as normas de Marcuschi, tal como no “Cancioneiro de Lorrão”.

A Virgem vai encabelo

CÂNTICO 5 - (TON REAL)

dis- se- ram os seus dis- cíp- u- los ai a- li vai- a

Vir- gem pu- ra

A Virgem vai encabelo
Ai pela rua da amargura
Disseram os seus discípulos
Ai ali vai a Virgem pura

Disseram os seus discípulos
Ai ali vai a Virgem pura

Virgem pura Virgem pura
Ai é mão do verbo divino
Deitai-nos a vossa bênção
Ai que eu vou por este caminho

Vou buscar a salvação
Ai ao sacramento divino
Além está uma ermida
Ai Nossa Senhora está nela

Chegou Santa Madalena
Ai que fazeis aqui senhora
Estou a rezar uma missa
Ao divino Espírito Santo

Novas vos trago senhora
Ai que eu não (deito o brando)
Que o vosso amado filho
Ai ficou num crucificante

Essas novas madalenas
Ai para mim são bem sentidas
Entram pelos meus ouvidos
Ai (incompreensível) meus sentidos

Alimpa alimpa toalha
Ai esse rosto a Jesus
Ele vai para o calvário
Ai morreu nos braços (incompreensível)

Alimpa alimpa toalha
Ai o rosto a nosso Senhor
Que ele vai para o calvário
Vai morrer por nosso amor

Estas doze perdições
Ai Senhor vo-las entrego
À hora da minha morte
Que elas sirvam de remédio

Portas do inferno se abrirão
As do inferno se fecharão
Pai nosso Avé Maria
À sagrada morte e paixão

(seguem-se versos de uma primeira versão alternativa da mesma melodia)

Quinta feira de endoença
Ai sua santa humanidade
Correu Deus toda a cidade
Ai com um grande peso na cruz

Ó meu Deus diante da luz
Ai às costas levais a cruz
Vós por seres o rei dos céus
Ai Vos levam tão mal tratado

Lá na rua da amargura
Ai Vos deram dois mil puxões
Vos deram dois mil puxões
Ai com três mil arrepelões

Cuidando que não chegava
Ai àqueles negros saíões
Ó porta celestial
Ai de onde o meu senhor saiu

Com tanta força levava
Ai até por terra caiu

Vós serais o rei dos céus
Ai Vos levam tão mal tratado

Na porta celestial
Ai donde o meu senhor saiu
Com tanta força levava
Ai até por terra caiu

Vós por seres o rei dos céus
Ai Vos levam tão mal tratado

Ó mulheres que tendes filhos
Ai ajudai-me a chorar
E aquelas que não os têm
Ai não sofrerão tantos males

Qui a morte do meu Jesus
Ai a meu filho não /.../

((há um corte na gravação))

/.../ praças e vilas
Ai chorará nos (imorrinos)

Ó mulher que tendes filhos
Ai ajudai-me a chorar
A morte do meu Jesus
Ai é meu filho natural

Beijarei a santa pedra
Ai que a minha alma não se perca
Beijarei a santa cruz
Ai que a minha alma veja a luz

Beijarei o santo altar
Ai que a minha alma vão levar

Estas doze perdições
A meu Senhor Vo-las entrego
À hora da minha morte
Ai que elas sirvam de remédio

Portas do céu se abrirão
As do inferno se fecharão
Pai Nosso e Avé Maria
À sagrada morte e paixão

(seguem-se versos de uma segunda versão alternativa da mesma melodia)

O lavrador do arado
Ai foi lavar a sua quinta
Encontrou um pobrezinho
Ai levai-me nesse caminho

Levarei ou não levarei
Ai deixá-lo não deixarei
Levou-o para a sua casa
Ai para a melhor sala que tinha

Mandou-lhe lavar os pés
Ai numa dourada bacia
Mandou-lhe limpar os pés
Ai à melhor toalha que tinha

Mandou-lhe fazer a ceia
Ai do melhor manjar que havia
Sentaram ambos à mesa
Ai pobrezinho não comia

As lágrimas eram tantas
Ai até a mesa corriam
Os suspiros eram tantos
Ai até a mesa tremia

Mandou-lhe fazer a cama
Ai da melhor roupa que tinha
Por baixo (amasco) roxo
Ai por cima cambraia fina

Lá pela noite adiante
Ai pobrezinho não dormia
Levantou-se o lavrador/.../

/.../ o
Ai numa cruz de prata fina
Se eu soubesse que era o meu Deus
Ai que eu em minha casa o tinha

Escuta, escuta lavrador
Ai a tua alma está no céu
Numa cadeira tão linda
Ai muito bem descansadinha

Tua mulher a teu lado
Ai que também ela o merecia

Levantam-se as três Marias
Ai de noite pelo luar
Em cartas de Jesus Cristo
Ai não o puderam achar

Foram dar com ele em roupa
Ai de joelhos ao altar
Com cálice de ouro na mão
Ai pão na hóstia consagrado

Meninos tão pequeninos
Ai missa nova quero cantar
E eu a quero ouvir
Ai para a minha alma se salvar

Sendo salvador do mundo
Ai Senhor a todos salvai
Senhor salvai a minha alma
Ai Senhor bendito sejais

Senhor na vossa presença
Ai sou menos que a formiguinha
Em todas as virtudes
Ai eu sou na mais pobrezinha

Ó Divino Sacramento
Ai vinde ao meio da igreja
Eu vos quero adorar
Ai onde todo o mundo beja

Ó Divino Sacramento
Ai vinde abaixo ao sacrário
Vinde cobrir com as asas
Ai a Senhora do Rosário

A Senhora do Rosário
Ai tem o rosário no manto
Que lhe plantaram os anjos
Ai do Divino Espírito Santo

Estas doze petições
Ai a vós Senhor as entrego
Há hora da minha morte
Ai que elas sirvam de remédio

Portas do céu se abrirão
E as do inferno se fecharão
Pai Nosso, Avé Maria
À sagrada morte e paixão

A Paixão de Deus Amante

(Melodia semelhante à do coral "Erkenne Mich, Mein Huter", da Paixão Segundo São Mateus de Bach)

CÂNTICO 6

A PAIXÃO DE DEUS A MANTE ME A TAI BIN
DE CRISTÃOS JÁ QUE FOI A NOS SA MAL DA DE
DE FEZ TANTO PA DE CER Ó CRISTÃOS POR PI E
PA DE COM JE SUS BIN DE SO FRER

A paixão de Deus amante
Meditai vinde cristãos
E contrito neste instante
Ai chorai, chorai irmãos

Já que foi a nossa maldade
Que o fez tanto padecer
Ó cristãos por piedade
Com Jesus vinde sofrer

Aumento das Almas

Este cântico repete a mesma melodia em nove versos. O seu carácter exaustivo é semelhante a outros cânticos da Quaresma como as “Alvoradas” e as “Chagas e Martírios”. No fim de cada um é rezado um Pai Nosso, uma Avé Maria e a doxologia. No final da última parte é rezada uma Salve Regina. Uma voz dá o ponto antes de cada uma das nove entoações.

ΠΟΛΟ ΣΩΜΙΟ (ΤΟΠ ΠΟΤ ΑΠΡΟΚΙΤΑΣΑΤ)

CÂNTICOS 1a 9 (MELODIAS IDÊNTICAS)

A — MORTE E PAIXÃO DO NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

O — RE — E SE — JA PE — LO AMOR DE DE

E — US

() - SÓ SÃO ENTODADAS ÀS VEZES

1

Bendita e louvada seja
A morte e paixão do nosso senhor Jesus Cristo
E os vossos fieis cristãos
Lembraí-vos das benditas almas
Que estão nas penas do fogo do purgatório
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

2

Rezemos mais um Pai Nosso e com uma Avé Maria
Por aqueles que estão em agonia de morte
Para que Deus nosso senhor lhe dê bom acabamentoo
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

3

Rezemos mais um Padre Nosso e com uma Avé Maria
Por aqueles que andam em graça
Para que Deus nosso senhor os conserve nela
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

4

Rezemos mais um Padre Nosso e com uma Avé Maria
Por aqueles que andam em terras de hereges
Para que Deus nosso senhor os traga ao reino da cristandade
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

5

Rezemos mais um Padre Nosso e com uma Avé Maria
Por aqueles que andam em pecado mortal
Para que Deus nosso senhor dê parte deles
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

6

Rezemos mais um Padre Nosso e com uma Avé Maria
Por aqueles que andam sobre as águas do mar
Para que Deus nosso senhor os traga a porto de salvamento
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

7

Rezemos mais um Padre Nosso e com uma Avé Maria
Pelo aumento e conservação da nossa santa fé católica
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

8

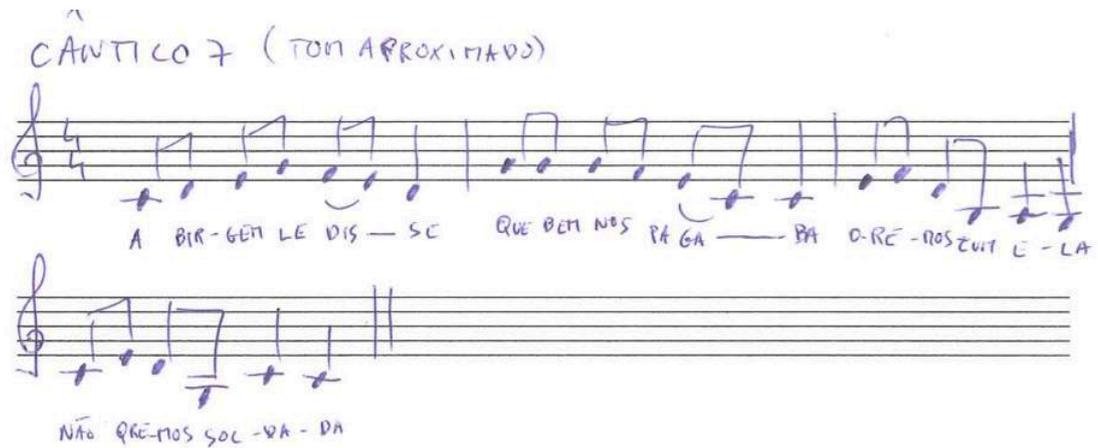
Rezemos mais um Padre Nosso e com uma Avé Maria
Em louvor do Santíssimo Sacramento
Para que ele nos deixe morrer em graça
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

9

Rezemos uma Salve Rainha em louvor da Virgem Nossa Senhora
Para que ela seja nossa advogada e nossa interessadora
E seja pelo amor de Deus e Pai Nosso

A Virgem lhe disse que bem nos pagava

Mais um exemplo de um cântico mais estendido, do qual não se conseguiu uma versão integral, surgindo três versões diferentes. A terceira versão assinala correspondências com a primeira, embora não se perceba se alguma das duas seria a versão “correcta”, existindo uma. Este é também um exemplo de um cântico que faz uso de alguns versos bastante transversais ao imaginário popular português.



A Virgem lhe disse
Que bem nos pagava
Oremos com ela
Não queremos soldada

Não queremos soldada
Não temos dinheiro
Só queremos a bênção
De Deus verdadeiro

De Deus verdadeiro
Pregado na cruz
Diremos três vezes
Salvai meu Jesus

Salvador Jesus
Que a todos salvais
Salvai a minh alma
Bendito seiais

Encontrei a Virgem
À beira do rio
A lavar fraldinhas
Ao vosso menino

A Virgem lavava
San José estendia
Menino chorava

Com o frio que tinha

Escutai meu menino
Escutai meu amore
Que são navalhadas
Que cortam sem dor

Filhos de homem rico
Em bons lençóis finos
Só vós meu menino
Coroadado de espinhos

Filhos de homem rico
(incompreensível)
Só vós meu menino
Preso num madeiro

Filhos de homem rico
Em bons cobertores
Só vós meu menino
Coroadado de dores

Filhos de homem rico
Em berços dourados
Só vós meu menino
Em palhas deitado

Em palhas deitado
E palhas nascido
Filho de uma rosa
Cravo escolhido

Cravo escolhido
Que Deus escolheu
Para ser mãe sua
Que dela nasceu

Que dela nasceu
Nosso bom Jesus
Espelho da glória
Esplendor da luz

Esplendor da luz
Que a todos dai luz
Àquele senhor
P ró céu nos conduz

P ró céu nos criou
(Lá nos vai levar)
E nós tão ingratos

Sempre a pecar

Sempre a pecar
Sem emenda ter
Ninguém considera
Que há-de morrer

Que há-de morrer
E contas há-de dar
Àquele senhor
Que nos há-de julgar

Que nos há-de julgar
E levar também
P ra eterna glória
Para sempre amén

Para sempre amén
E para o paraíso
Salvai minha alma
Dia de juízo

Dia de juízo/.../

(segunda versão)

E ao monte Calvário
Vinha uma cruz
Travesseiro e cama
Do nosso Jesus

Ei deitei-me nela
Pus-me a considerar
Que remédio tinha
Para me salvar

Salvador do mundo
A todos salvai
Salvai a minh alma
Bendito sejais

Bendito e louvado
Mil vezes e mais
Louvado e bendito
Bendito sejais

Lá por a amargura
Vós a encontrais
Vossa aflita mãe

Bendito sejas

Bendito e louvado
(Minhora) das dores
Rainha dos anjos
Mãe dos pecadores

Mãe dos pecadores
Grandes maravilhas
Cheia de acções de graça
À Virgem Maria

À Virgem Maria
Que Deus escolheu
Para ser mãe sua
Que dela nasceu

Que dela nasceu
Nosso bom Jesus
Espelho da glória
Resplendor da luz

Resplendor da luz
A todos dá luz
Àquele Senhor
Pró céu nos criou

Pró céu nos criou
Nos há-de julgar
E vós tão ingratos
Sempre a pecar

Sempre a pecar
Sem emenda ter
Ninguém considera
Que há-de morrer

Que há-de morrer
Contas há-de dar
Àquele Senhor
Que está no altar

((mais tarde acrescentam outros versos que se lembram))

Este Padre Nosso
É bem verdadeiro
Rezêmo-lo todo
Ao manso cordeiro

Ao manso cordeiro

Pregado na cruz
Diremos três vezes
Salvai meu Jesus

Salvador do mundo
A todos salvai
Salvai minha alma
Bendito sejais

Bendito e louvado
Mil vezes e mai
Louvado e bendito
Bendito sejais

Lá por a amargura
Vós a encontrais
Vossa aflita mãe
Bendito sejais

Quinta-feira santa
Vós os pés lavais
Aos vossos discípulos
Bendito sejais

Bendito e louvado
Mil vezes e mai
Louvado e bendito
Bendito sejais

(Apresentamos mais uma versão, com as correspondências com a primeira assinaladas a laranja)

Ó Virgem ó Virgem
Ó quem me lá dera
Sábado à noite
Na vossa capela

Na vossa capela
Está lá o cantinho
A abanar o berço
Ao vosso menino

Ao vosso menino
Pregado na cruz
Diremos três vezes
Salvai meu Jesus

Salvador do mundo
A todos salvai

Salvai a minha alma
Bendito sejas

A terra tremia
Com o peso da cruz
Diremos três vezes
Salvai meu Jesus

Jesus Sacramentado
No meu coração
Por (d entes) de graça
Mil graças vos dão

Encontrei a Virgem
À borda do rio
A lavar fraldinhas
Ao vosso menino

Ao vosso menino
Pregado na cruz
Diremos três vezes
Salvai meu Jesus

A Virgem lavava
São José estendia
Menino chorava
Com o frio que tinha

Escuta meu menino
Escuta meu amor
Que são navalhadas
Que cortam sem dor

Filho de homem rico
Em bons lençóis finos
Só vós meu menino
Coroadado de espinhos

Filhos de homem rico
(incompreensível)
Só vós meu menino
Preso num madeiro

Filho de homem rico
Em bons cobertores
Só vós meu menino
Gemendo com dores

Filhos de homem rico
Em bons travesseiros

Só vós meu menino
Preso a um madeiro

Filhos de homem rico
Em berços dourados
Só vós meu menino
Em palhas deitado

Nas palhas deitado
Nas palhas estendido
Filho duma rosa
Cravo escolhido

Cravo escolhido
Nasceu em Belém
Foi crucificado
Em Jerusalém

((A repetir o início))

Ó Virgem ó Virgem
Ó quem me lá dera
Sábado à noite
Na vossa capela

Na vossa capela
Está lá o cantinho
A abanar o berço
Ao vosso menino

Ao vosso menino
Pregado na cruz
Diremos três vezes
Salvai meu Jesus

Salvador do mundo
A todos salvai
Salvai a minha alma
Bendito sejas

A terra tremia
Com o peso da cruz
Diremos três vezes
Salvai meu Jesus

Jesus Sacramentado
No meu coração
Por (d entes) de graça
Mil graças vos dão

Virgem querida

CANTICO 14 ^{2ª vez}

Bin - gem que-ri-da No mar da vi - da
Sois mi-nha gui-a e mi-nha luz ao céu com
duz Um di-a sem gui-a on - di - rei pa-nam - di
ri - jo meus pés - sos à estre-la do mar

Virgem querida
No mar da vida
Sois minha guia
E a minha luz

Astro brilhante
Dos navegantes
E a minha barca
Ao céu conduz

Um dia sem guia
Onde irei parar
Dirijo os meus braços
À estrela do mar

E quando os meus olhos
Cerrarem à luz
Conduz-me em teus braços
Aos pés de Jesus